

# Grupos Focais

Relatório Analítico  
de Pesquisa





# I SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Apresentação</b>                           | <b>2</b>  |
| <b>1. Vida e Cotidiano na Igreja</b>          | <b>5</b>  |
| <b>2. Papo de Crente</b>                      | <b>18</b> |
| <b>3. Política e Economia</b>                 | <b>37</b> |
| <b>4. Questão Racial</b>                      | <b>55</b> |
| <b>Considerações Finais</b>                   | <b>66</b> |
| <b>Ficha Técnica</b>                          | <b>69</b> |
| <b>Anexo: Metodologia e perfil da amostra</b> | <b>70</b> |



# Apresentação

O crescimento da população evangélica brasileira é um dos acontecimentos sociais e políticos mais importantes do Brasil no século XXI. No Censo de 2000, o IBGE encontrou 26,2 milhões de evangélicos, 15,5% da população; no Censo de 2010, esse número subiu para 42,3 milhões, 22,2% do total. Estimativas com base no Censo de 2022 indicam que os evangélicos são 30% da população. Em paralelo, há o crescimento de templos evangélicos, medido pelo Centro de Estudos da Metrópole: o Brasil tinha cerca de 17 mil templos, em 1990 e em 2019 chegou a 110.000, um aumento de 543%.

Tamanho trânsito religioso tem dimensões sociológicas profundas e desafios políticos imensos. Por exemplo, entre os jovens com menos de 30 anos, temos 30% de evangélicos que já superaram os 26% de católicos. Outro exemplo é que o pertencimento evangélico tem um profundo atravessamento de gênero e raça: dados de 2020 mostraram que 58% dos evangélicos são mulheres e 59% são negras e negros.

As dimensões políticas desse trânsito religioso vão muito além da questão eleitoral. O princípio do Estado laico não anula o fato de que, quando 30% da população escolhe um pertencimento religioso, as políticas públicas das diferentes áreas precisam dialogar com percepções, valores, comportamentos e demandas deste segmento. O problema é que a representação política desse setor tem sido, quase que exclusivamente, ditada por lideranças de direita ou extrema-direita, o que é acompanhado de uma ausência e mesmo recusa da esquerda em constituir um diálogo que quebre esse monopólio.

A impressionante adesão do eleitorado evangélico a Bolsonaro em 2018 (NICOLAU, 2019), superior aos 70%, decorre de articulações políticas iniciadas, pelo menos, durante as eleições de 2010 (CUNHA, LOPES E LUY: 2017) e tal processo só se aprofundou desde então. Em 2022, os números foram um pouco melhores, em parte pelo fracasso do governo Bolsonaro, em parte pela força de Lula, em parte pelas luta de redes e articulações evangélicas de esquerda, mas o sentido fundamental da relação entre evangélicos e a política brasileira não mudou: de acordo com o Datafolha de 27 de outubro de 2022, Bolsonaro tinha 62% entre os evangélicos, contra 38% de Lula.

---

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo>

<https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>

<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/as-intencoes-de-voto-entre-catolicos-e-evangelicos-a-3-dias-da-eleicao-segundo-o-datafolha/>

Uma das iniciativas políticas que vêm tentando transformar esse quadro é a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, um movimento político baseado em fé, organizado em 2016, com os objetivos de promover a justiça social, a defesa dos direitos garantidos pela Constituição brasileira e pela legislação internacional de direitos humanos, enfrentando quaisquer violações desses direitos. A Frente reúne evangélicos de todo Brasil que possuem inquietações sobre os rumos da democracia no país, a soberania nacional e qualquer tipo de retrocesso social que seja uma ameaça aos mais pobres e vulnerabilizados, como as crianças e a população negra.

A Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito possui núcleos organizados nos seguintes estados: Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e São Paulo.

Esta pesquisa tem como principal objetivo analisar o impacto daquela que é a principal iniciativa da Frente para constituir uma alternativa ao modo como o conservadorismo conduz a relação entre evangélicos e a política: trata-se do programa de rádio Papo de Crente. O Papo de Crente foi ao ar pela primeira vez em junho de 2021 pela Rádio Harmonia, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. A Rádio Harmonia é uma emissora de ondas curtas, de abrangência limitada, que alcança um público exclusivamente periférico, pentecostal, pobre e de maioria negra.

A ideia de produzir um programa surge como resultado de um grupo de trabalho entre a Frente de Evangélicos e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) que durante a pandemia de Covid-19 enfrentou dificuldades com a profusão de notícias falsas entre os evangélicos assentados e acampados na luta pela terra. O GT se reuniu, junto com o Centro Popular de Mídias, definindo que um programa de rádio atenderia a necessidade urgente de falar sobre vacinação e medidas sanitárias.

Desde o piloto, o programa tem um desenho que envolve música, mensagem bíblica, informação qualificada e uma linguagem modulada a partir da cultura religiosa evangélica. Com o fim da pandemia, o Papo de Crente incorporou outros temas como direitos humanos, equidade, igualdade de gênero, combate ao racismo, combate à intolerância religiosa, além da defesa da integridade humana e ambiental. Atualmente, além das emissoras arrendadas pelo MST, o programa Papo de Crente está em 30 emissoras comerciais, com uma média semanal de 500 mil ouvintes por semana.

Para dar conta do nosso objetivo, optamos pela metodologia dos grupos focais em seis cidades (Belo Horizonte, Maricá, Porto Alegre, Salvador, São Luiz, São Paulo), com pessoas evangélicas de denominações variadas, em que todas elas receberam previamente o link com dois episódios do Papo de Crente: sobre cotas raciais e reparação histórica, do dia 18 de agosto de 2023, e sobre mudanças climáticas, do dia 02 de junho de 2023.

Nestes grupos, submetemos os participantes a um roteiro semiestruturado de perguntas dividido em três blocos. O primeiro foi sobre vida e cotidiano na igreja, com o objetivo de entender como as pessoas estão experienciando sua fé no dia a dia. O segundo bloco aborda diretamente as percepções dos entrevistados sobre o Papo de Crente. Por fim, abordamos as opiniões dos grupos sobre política e economia, com foco especialmente na polarização Lula x Bolsonaro.

Nossas principais conclusões são, primeiro, que a noção de “fundamentalismo”, entendida como uma necessidade de obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios dogmáticos de cunho conservador e usada com frequência no senso comum da esquerda para se referir às pessoas evangélicas não

corresponde à vida que elas levam. É, portanto, um preconceito que afasta as/os crentes de um diálogo com o nosso campo.

A maioria dos entrevistados tem uma prática religiosa que passa longe da rigidez doutrinária típica dos fundamentalismos. Trabalho, família e lugar de moradia importam para uma maior ou menor presença nos cultos e atividades. Suas relações com a bíblica e com as lideranças é aberta e flexível. Isso nos permite problematizar a própria ideia de “voto evangélico”, como se as pessoas que professam a fé evangélica tivessem esse pertencimento como principal elemento da escolha do voto: elas são sim evangélicas, mas são também trabalhadoras, moradoras de suas cidades, homens e mulheres, e por aí vai.

Segundo, que o Papo de Crente é uma ferramenta extremamente eficiente de comunicação ao juntar um conteúdo sobre questões da atualidade política apresentado de modo progressista, crítico e civilizatório com um conteúdo religioso, a partir da leitura bíblica, aumentando de modo significativo o alcance das mensagens de esquerda.

Terceiro, que a maioria dos participantes sentiu ao longo de 2023 uma melhora na sua vida econômica, mas que tal sentimento ainda não se consolida em uma adesão ao governo. Apesar disso, a maioria dos entrevistados demonstra uma significativa rejeição ao uso político da sua fé e identifica esse uso por parte do bolsonarismo.

O texto que se segue está dividido em três partes, cada uma correspondente a um dos blocos e a uma das conclusões. Além disso, optamos por incluir um anexo sobre a questão racial, uma vez que esse tema apareceu de modo espontâneo em alguns grupos, mesmo sem estar previsto em nosso roteiro.





# **1.** **Vida e Cotidiano na Igreja**

Conhecer melhor o cotidiano das pessoas evangélicas é fundamental para desfazer os preconceitos que dominam o debate público geral e o da esquerda em particular. Entender que essas pessoas professam e experienciam sua fé em meio às suas rotinas de trabalho, de casa, de lazer, de família nos ajuda a desfazer a ideia da existência de um fundamentalismo hegemônico na base desse segmento da nossa sociedade, contra o qual devemos nos levantar e resistir. Por fim, e não menos importante, essa compreensão permite a abertura de diálogos múltiplos em torno de como os valores e comportamentos políticos das pessoas evangélicas podem ser parte de um projeto democrático de combate às desigualdades e convivência solidária e cidadã.

O preconceito que define os evangélicos como fundamentalistas se baseia em um “tipo ideal” de crente que seguiria irrestritamente tudo o que fala e manda o pastor e as demais lideranças religiosas; que frequentaria a igreja todos os dias, independente das suas demais tarefas cotidianas; que teria uma relação de leitura sistemática da bíblia; que apresentaria uma disposição de falar da sua fé em todos os espaços, sempre com a missão de evangelizar novas almas; e, por fim, que só se relacionaria no seu cotidiano com dinâmicas culturais evangélicas, tais como a música, os encontros etc.

O que os grupos focais nos mostram é uma miríade de comportamentos das pessoas evangélicas, com variações que em nada diferem dos demais pertencimentos coletivos que marcam a sociedade contemporânea, religiosos ou não. Há uma minoria mais ativa e militante e uma maioria que oscila na sua relação com as obrigações que a igreja determina para os fiéis. Vamos esmiuçar um pouco dessa diversidade nesta seção.

Quando perguntados se iam aos cultos ao domingo, as respostas variaram enormemente. Isso importa porque a tradição da fé cristã é marcada pelo culto/comunhão no domingo, dia em que Jesus ressuscitou. É, portanto, o dia do Senhor. Uma imagem fundamentalista dos evangélicos seria confirmada com uma adesão majoritária aos cultos nos domingos, mas o que a realidade mostra é que as pessoas adequam isso às suas rotinas de vida e demais tarefas.

“ Eu trabalho bastante, e eu tô afastado, mas tudo pra mim é o seguinte, eu sempre falo, você tem que botar Deus na frente. Eu trabalho final de semana e então pra mim fica bem melhor eu ir durante a semana – **homem, 47 anos, de Maricá, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, atendente de lanchonete, eleitor de Bolsonaro**

” Eu dependo do meu trabalho né, e eu não consigo frequentar, a mãe da minha filha até me convida pra ir na quarta-feira ou no domingo, ou falo que às vezes eu vou, mas eu teria que, né, abrir mão do trabalho um pouquinho pra poder participar, minha filha frequenta tá, é pequeninha assim, ela tá empolgada, quer ir, tá envolvida, fica chato pra mim, por que eu não consigo nunca me apresentar, estar presente, ouvir a Palavra – **homem, 34 anos, da Assembleia de Deus, de Maricá, pardo, garçom, eleitor de Bolsonaro**

De vez em quando eu apareço sim, mas é difícil. Geralmente vou quarta. Aos domingos, é mais difícil. Porque sempre tenho mais coisa para fazer – **mulher, 38 anos, de Salvador, da Igreja Pentecostal Aliança com Deus, branca, dona de casa, eleitora de Bolsonaro**

É muito difícil, vou mais sexta e quarta. Domingo eu trabalho na praia e é dia a mais que um movimento, entendeu? Aí não tem como - **mulher, 41 anos, de Salvador da Igreja Pentecostal Filadelfia, branca, ambulante, eleitora de Lula**

Eu fico com minhas netas em casa, pra minha filha poder trabalhar - **homem, 46 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, ajudante geral, anulou o voto**

Evidentemente que muitas pessoas respondem que vão aos domingos, mas também nesses casos as idas à Igreja estão relacionadas às demais dinâmicas de vida.

Eu vou aos domingos, porque eu estou em casa. Tenho muita coisa para fazer durante a semana, não posso ir porque eu trabalho, aí o domingo é o melhor dia para eu ir - **mulher, 46 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, ambulante, anulou o voto**

Trabalho durante a semana e no domingo dá mais vontade de você ir. Está relaxando em casa e para a cultuar o Senhor, para iniciar a semana, é um ótimo dia na verdade - **homem, 42 anos, de Salvador, da Igreja Misp Visão Celular, preto, motorista de app, eleitor de Bolsonaro**

Tem vez que vou de manhã também, mas costumo ir mais domingo à noite. A semana é muito corrida, então, é o horário que tenho pra ir pro culto - **mulher, 30 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Universal do Reino de Deus, branca, fisioterapeuta, anulou o voto**

Eu vou às quintas, às vezes à noite, ou às vezes à tarde, na hora do almoço, de acordo com o tempo que você encontrava disponível do meu trabalho. E domingo de manhã, todo domingo de manhã eu vou - **homem, 32 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista Jardim Felicidade, preto, motorista de app, eleitor de Lula**

Eu, com trabalho de segunda a sábado, geralmente no domingo eu uso para descansar também; é meio esporádico. Quando eu frequento, é aos domingos - **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

“ Às vezes, eu vou na quinta e não vou no domingo, que lá é quinta e domingo e vice-versa. Bem, mas geralmente é mais ao domingo, tanto por causa da ceia, e outra coisa é que o deslocamento também já é mais... dá 20, 23 km - **homem, 40 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, pintor automotivo, eleitor de Lula**

” Eu só vou aos domingos porque eu trabalho das duas às dez, e alguns domingos eu também trabalho, mas só aos domingos mesmo - **homem, 31 anos, de São Paulo, da Igreja Sara Nossa Terra, pardo, gestor de manutenção, eleitor de Bolsonaro**

” Aos Domingos, minha escala é 12x36, uma semana na quinta, na outra não, porque cai na escala e aí eu tô trabalhando - **homem, 33 anos, de São Paulo, da Igreja Lírio, preto, porteiro, anulou o voto**

Por fim, também encontramos nos grupos focais relatos minoritários mais “militantes”, que relacionam a ida aos cultos exclusivamente com a dimensão religiosa.

“ Nas quartas-feiras e nas segundas-feiras, acho superimportante, porque quando a gente não tá perto da família é ter uma conexão com uma coisa que se chama como Pai, deixar do lado o Pai, saber do que eles não é um Pai que é visível, a gente escolhe ser cristão, você escolhe, acreditar é uma coisa simplesmente pelo fato da fé, as coisas que você vive. E o culto pra mim é isso, sempre que tem uma oportunidade. Eu vejo assim, chorar no colo do Papai. (rsrs) Quando tô me sentindo mal e eu já ligo pras minhas amigas da igreja. É assim, faça oração por mim, preciso. E igreja pra mim é o sinônimo de família. Há muitos anos que decidi procurar esse caminho e foi muito bom. Super recomendo. É que na caminhada cristã existem aqueles períodos. Ahm. Porque você mesmo conhecendo a Palavra, mesmo passando pela provação, isso aqui dá um pulo pro mundo. Você não quer ficar se, é, né, nisso de ser bonzinho, pelo amor de Deus, a caminhada cristã não disse, não te garante que você não vai ter problema não, muito pelo contrário, até para quem estudava na Palavra, sabe que no mundo tereis provações – **mulher, 41 anos, de Maricá, da Igreja Evangelho Reino de Deus, indígena, dona de casa, eleitora de Bolsonaro**

Sou assíduo. Geralmente, durante a semana, alterno. Quarta não é toda semana que vou. Pelo menos uma vez durante a semana eu vou. E domingo, todo domingo – **homem, 50 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, branco, auxiliar de administração, eleitor de Lula**

Vou toda segunda, quinta e domingo, se estivesse a semana toda eu iria, é o melhor para vida. Benção demais. Fico contando os dias pra poder ir na igreja, a segunda, quinta e domingo – **mulher, 57 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Assembleia Pentecostal Tenda de Jerusalém, branca, auxiliar de administração, eleitora de Bolsonaro**

Para mim, o domingo é primordial. Aprendi assim. Então domingo é aquele dia – **mulher, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, branca, designer gráfica, eleitora de Bolsonaro**

Se eu não for na igreja aos domingos, parece que minha semana não foi completa. Eu tenho esse ritual, sempre quartas-feiras, que é o culto de ensinamento, e no domingo é culto público, a gente pode trazer visitante – **mulher, 35 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, microempresendedora, eleitora de Lula**

A diversidade de respostas se repete quando as pessoas são perguntadas se frequentam outras atividades além dos cultos. A maioria busca participar de grupos de leitura, ou de atividades sociais, mas sem uma dedicação integral:

A gente tem uma reunião de obreiros, íntima, não é tão conservador, é uma coisa mais de sociabilidade, que as pessoas podem falar tanto da mensagem, a gente compartilha um versículo, traz uma reflexão, a gente faz um café, e todos que estão na mesa compartilham daquela mensagem para perguntar sobre o ponto de vista e alguém. A gente faz a nossa sensibilidade, toma as decisões de homens da igreja, a gente vai fazer o que pode – **homem, 50 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, branco, auxiliar de administração, eleitor de Lula**

Às quartas-feiras, até ao meio-dia, fora isso tem as atividades de visita, temos relação com algumas entidades de cuidados, em relação a dependentes químicos ou atividades de doações, alguma dessas ações cai nos sábados ou durante o dia, na quarta-feira ou na sexta-feira, quando está programado no sábado - **homem, 40 anos, de Salvador, da Igreja Assembleia de Deus, preto, empreendedor, eleitor de Bolsonaro**

A igreja que frequento é pequena, mas tem a igreja da minha sobrinha, ela distribui sopa, distribui lanche. Aí, ela me chamou e eu estou indo, e é bem interessante. Bem, a gente está tentando fazer um grupo, mas lá todo mundo trabalha muito - **mulher, 43 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Águia com Fogo, preta, dona de casa, eleitora de Lula**

Eu tenho o Ministério da dança. Assim, desde a adolescência dançava na igreja. Atualmente, eu só oriento as pequeninhas. Daí, é uma igreja pequena, então eu oriento. Elas representam uma coreografia delas. Eu estou fora do Ministério, mas é um retorno que vem em breve - **mulher, 35 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Assembleia de Deus, preta, auxiliar de administração, eleitora de Bolsonaro**

Lá na minha igreja, na segunda-feira, tem estudo bíblico também. Quando consigo, eu vou, tenho um menino de 11 anos, nas quintas-feiras, eu consigo levá-lo, senão sempre o pai dele que leva, que tem o grupo de jovens que ele participa, né, o irmão dele, que é mais velho, que é de outro casamento. Ele até que dá a aula do encontro de jovens, então é nas quintas e nos sábados. Uma vez ao mês também tenho encontro das mulheres também, que é na sede. E volta e meia a gente faz ações sociais também. Encontros em praças para mostrar para mais pessoas, para começarem a ir à igreja, pra falar mais da Palavra de Deus - **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

Tem estudos bíblicos nas quintas-feiras e, geralmente, no sábado também a gente se reúne e vai na casa dos irmãos para conversar, para fortalecer os vínculos. A gente conversa bastante, tem muito espírito de companheirismo, né, na nossa congregação. Então, a gente procura fortalecer. Ultimamente não tenho conseguido comparecer muito em virtude do meu trabalho, né? Às vezes eu acabo saindo tarde - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, branco, analista jurídico, eleitor de Bolsonaro**

Na congregação que eu participo, eles atuam na construção ou reforma de imóveis nas comunidades e precisam de mulheres para ajudar na alimentação, para ajudar esses profissionais. Então, acabo indo para ajudar na questão da alimentação, dar esse respaldo, uma palavra - **mulher, 37 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, auxiliar de administração, eleitora de Lula**

Não participo de projeto, mas evangelizando amigos do emprego, só convidando no final de semana - **homem, 33 anos, de São Paulo, da Igreja Hillsong, pardo, promotor técnico, eleitor de Bolsonaro**

Evidentemente, nos grupos focais, em quase todas as cidades, tinham algumas pessoas que se dedicam às atividades da igreja de modo mais profissional ou “militante”:

Quinta tenho culto dos homens que é imperdível. Não posso faltar porque eu faço compromisso na igreja, né? Faço parte corpo de Cristo, é onde a gente busca estratégias para ganhar vidas masculinas, que é mais difícil para aceitar Jesus – **homem, 49 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, preto, conferente, eleitor de Lula**

Faço parte da equipe de louvor, também prego. Já cuidei dos jovens, aí saí da liderança dos jovens e passei a ministrar nos domingos à noite e nas quartas-feiras também. Nós temos uma equipe de cinco pastores, a presidente fica em Santa Catarina e eu fiquei na vice-presidência, é na congregação que eu estou, sou o vice-presidente responsável até o momento, então a minha função lá é dar apoio, visitar, pregar, ensinar, pagar as contas. Já abri para campo, minha rotina é essa na congregação – **homem, 42 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Congregação Shalom Adonai, preto, operador de máquina, eleitor de Bolsonaro**

Nós temos lá um Ministério que é envolvido com um projeto social que é de acolhimento de pessoas em dependência química, além de alimentação e assistência a famílias. Então a gente está envolvido praticamente todos os dias na questão do Ministério. Os cultos nas quartas e domingos, mas a gente acaba estando envolvido praticamente diariamente. E como esse projeto, quem está à frente sou eu, então não, todos os dias. Não tem folga na semana – **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Ministério do Bom Samaritano, preto, terapeuta, eleitor de Bolsonaro**

A gente faz ações pra angariar fundos, porque a igreja tem uns que ganham mais, outros menos, então a gente faz as feijoadas, faz o dia da criança pra aproveitar e pedir para os empresários, todos os empresários que têm pra ajudar e isso atrai, né, outras crianças da vizinhança. Faz a tarde do doce, um cineminha a gente já faz, tem muitas festividades lá, né. Época de, não é certo fazer a Festa Junina, né. Mas o que acontece aquilo tudo entra dinheiro, né? A gente procura, obviamente, não colocar bebida, né. Mas os docinhos, o cachorro-quente, tudo, né. Isso vem tudo para nós – **mulher, 55 anos, de São Paulo, da Igreja o Brasil para Cristo, branca, gerente de RH, eleitora de Bolsonaro**

Graças a Deus, Deus me direciona aonde eu devo ir. Aí eu vou, tiro o dia todinho naquela missão, vou na favela, né? Aí Deus me leva aonde ele quer. Aí eu faço aquela amizade, já vejo o que que eu posso ajudar. E vou fazendo aquele trabalho de formiguinha aí numa comunidade carente. Deus tem me abençoado assim. Agora, esses dias eu não estou recebendo doação, aí tudo o que Deus me dá que as pessoas me dão, eu levo e faço doação de roupas, calçados, brinquedo. Agora está chegando no final do ano, né? E aí, às vezes também, eu. Eu, agora eu estou assim, com um projeto de levar a sopa, né? Nas favelas, lá onde eu moro, e aí a gente faz o culto, né? Por enquanto eu estou levando é roupas, calçado, coisas assim, mas eu estou com um projeto de fazer. É pelo menos uma vez por mês. Eu estou, estou esperando aí que Deus mova as águas, para poder me dar condição, pra eu poder fazer esse trabalho, então que é o trabalho que Deus me deu assim, é mesmo fazendo, lá eu já tenho,

já tô aí com mais ou menos de dez a onze anos já, a gente pra glória de Deus, vidas têm sido alcançadas – **mulher, 50 anos, de São Luiz, da Igreja Ministério Geração de Davi, parda, dona de casa, eleitora de Bolsonaro**

Quando perguntados se vão à igreja com a família, a maioria responde que sim, em geral com os filhos, com esposa/esposo, com pais e irmãos. Alguns participantes relatam as dificuldades que surgem quando levam as crianças:

O meu tem dia que fica na escolinha, outros não tem jeito - **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

Não, daí pra não atrapalhar o culto também, e aí eu também, senão não adianta, né. Ele gosta, gosta. Daí às vezes quer ficar no celular, vai, mas ele quer ficar olhando no celular, daí não adianta muito, né? Então eu preferi, por enquanto, dar um, fazer um pouco mais, mais e pegar mais, mais leve com ele, uma vez na semana - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Shekinah, pardo, confeiteiro, eleitor de Bolsonaro**

Na roda de conversa de criança, o papo deles é semelhante a de um adulto ou pior. Se eu hoje como pai não levar o meu filho para igreja, eu não coloquei marca nele, sabe a referência, então ensina seu filho o caminho que deve entrar para quando ele cresça, ele não se desvia. Não deixa de levar seu filho – **homem, 37 anos, de Salvador, da Igreja Batista das Canções, preto, técnico em prótese, anulou o voto**

Eu não levo porque o meu já é de maior, né. E a escolha dele aí. Mas só que ela é muita adulta. Ela tira a concentração da igreja – **mulher, 46 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, ambulante, anulou o voto**

A igreja tem que incluir a criança, independente de que ela grite, independente de que ela, ela tem que se sentir agradável, ela tem que sentir à vontade ali – **homem, 37 anos, de Salvador, da Igreja Batista das Canções, preto, técnico em prótese, anulou o voto**

“ “ Eles estão fazendo uma arezinha para botar só para as criancinhas, porque ela está construindo agora, aí, não tem esse espaço ainda, mas estão fazendo - **mulher, 41 anos, de Salvador da Igreja Pentecostal Filadelfia, branca, ambulante, eleitora de Lula**

” ” Principalmente na escola bíblica dominical, né? Pela manhã, domingo pela manhã, a gente faz sendo aquele esforço, né? Sabe como é que já tem dois filhos? A gente sabe como é, é difícil levantar oito horas, passar lá oito e meia. A gente faz esse esforço e à noite também, a mesma coisa. Tem sempre essa rotina. Na verdade, a rotina, essa rotina aos domingos está relacionada com isso, a manhã, na escola bíblica, e pela noite, num culto mesmo de adoração – **homem, 38 anos, de São Luiz, da Igreja Assembleia de Deus, preto, professor, anulou o voto**

As dificuldades impostas pela rotina cotidiana impactam a capacidade da maioria das pessoas de participar mais ativamente da vida da igreja. Isso não significa, porém, que elas não se vejam como parte orgânica das suas congregações. Pelo menos em três perguntas é possível perceber que a maioria se propõe um tipo de engajamento que é constante e permanente. Primeiro, quando perguntados do que mais gostam na igreja, grande parte das respostas se concentra nas dimensões diretas da fé:

“ Naquele momento que o pastor tá tocando no nosso coração, sentindo que aquilo no momento que o pastor ele fala sobre ambas as coisas, muitas coisas, né? Que a gente precisa botar a nossa cabeça sobre Deus. Mas tem aquela hora que ele manda aquele recado, entendeu? Ai, já vou ouvir aquele louvor. É, pra gente, aquele louvor ainda que também toca seu coração logo em seguida – **mulher, 35 anos, de Maricá, da Igreja Bola de Neve Church, branca, doméstica, eleitora de Lula**

” Do alimento da alma, que é necessário né. Ouvir aquela Palavra é necessário e levar meus filhos também. Meu filho é educado, aprendeu com alegria, aprendeu alguns instrumentos na igreja. Tudo isso é importante pra eu passar pro meu filho e daqui a pouco pra minha filha também, pra seguir esse caminho e ter esse momento de alimentar a alma – **mulher, 41 anos, de Maricá, da Primeira Igreja Batista, branca, professora, eleitora de Lula**

Gosto muito da Palavra, é o que mantém o homem, que modifica né? Quebra as barreiras, tira todo o eu do homem, impacta a gente. Através da Palavra vem aquele finalzinho do culto que onde faz o apelo aí às vezes, se se rendem, né? Se completam - **homem, 42 anos, de Salvador, da Igreja Misp Visão Celular, preto, motorista de app, eleitor de Bolsonaro**

Gosto de louvor, da Palavra e gosto de uma coisa que é muito importante que tem sumido das igrejas, o testemunho. A sua vivência tem poder de influenciar para que eu não repita. O testemunho de uma pessoa faz a diferença muito grande na vida da outra – **homem, 37 anos, de Salvador, da Igreja Batista das Canções, preto, técnico em prótese, anulou o voto**

Acho que é porque depende muito do dia, né? Tem um dia que você tá mais precisando da Palavra e tem dia que você tá mais na oração. Eu gosto de tudo, mas se tiver que escolher um que você falou, é o louvor com adoração – **mulher, 35 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Assembleia de Deus, preta, auxiliar de administração, eleitora de Bolsonaro**

Eu gosto também da paz que eu sinto quando eu estou lá dentro – **mulher, 43 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Águia com Fogo, preta, dona de casa, eleitora de Lula**

Eu gosto de ter culto no geral, né. Porque o culto é uma adoração, porque a gente faz. Culto é uma adoração que a gente faz, vai, vai para adorar a Deus. Então eu gosto dos hinos, gosto dos das orações, das testemunhas. Mas a Palavra porque é na Palavra que eu encontro ali com o Senhor, que ele fala com a minha alma, que me dá alegria, que me dá forças de continuar ganhando, seguir em frente e é uma alegria, é uma coisa inexplicável, porque se a gente sai para fazer qualquer outra coisa, você fica naquela alegria momentânea, não é? E se



you will hear the Word, it feeds the soul, then she does with you every time more create in the next cult, in the next cult and you will be strengthening in God. Then this is the one that leaves me happier in serving God – **woman, 45 years, of São Paulo, of Igreja Congregação Cristã no Brasil, black, commercial manager, Bolsonaro voter**

I like very much the communion with Jesus, when I am inside the church, I feel effectively the presence of God. I feel in all moments, now God too, but I feel effectively inside the church, I have already passed through numerous other religions, African matrices, Catholicism, Buddhism and I did not feel this peace inside, from these others I asked a lot, many things and in truth, I only thank because things come automatically many things, then, basically, I thank. Then I managed to find myself – **woman, 55 years, of São Paulo, of Igreja o Brasil para Cristo, white, RH manager, Bolsonaro voter**

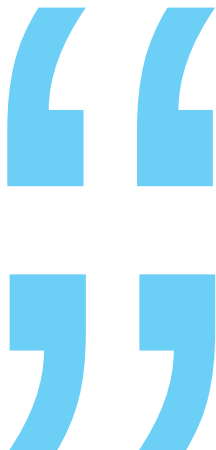
Another question in which this engagement appears very strong is about whether they and they talk about the Christian faith outside the church, especially at work and with friends. The vast majority responds that yes and many elaborate strategies to have a greater reach and to face the resistances and conflicts that generally emerge.

Well, I am boring, I always have a verse in my mouth, I always have something to say, a message, I always have a conversation, I am boring – **woman, 41 years, of Maricá, of Igreja Evangelho Reino de Deus, indigenous, housewife, Bolsonaro voter**

I have students, now not many with the maternity license, as a teacher the people always come, always have a student with some problem, generally a family or affective problem, I give a piece of advice, some go, others end up going – **woman, 41 years, of Maricá, of Primeira Igreja Batista, white, teacher, Lula voter**

At times people invite someone to church, there is a lot of people who is shy, accepting Jesus is not a simple thing as people think. Accepting Jesus, in truth, is you renouncing many things. Then, when you go to approach a person, whether the person is of any religion, even people who are Christians have a completely different idea of how to serve God, is it? There is no one perfect, but you approach, a spiritist, you approach a person who is a candomblecista. You approach a umbandista, then all are, all are human beings, then people cannot discriminate anyone for having different thoughts, for being homosexual, is it? I cannot approach a person imposing on her my faith or my way of being, I have to approach her in the sense of what I have to welcome her and knowing that she can be welcomed yes – **man, 49 years, of Salvador, of Igreja Metodista, black, conferee, Lula voter**

At times, when you are talking about other issues that have nothing to do with religion, you can put the name of God and give the Word and your message. It is not necessarily you coming and already talking about God. At times, a friend, a person who is needing a word at that moment, then you can give the Word. Without needing, he will be evangelized in a way that he will not feel that you are simply already there for that, en-



tão acho que você tem que usar sabedoria. Na conversa normal você evangeliza – **mulher, 52 anos, de Salvador, da Igreja Ministério Geração do Espírito Santo, preta, gerente de vendas, eleitora de Lula**

Eu falo sobre Jesus nas vendas, eu trabalho na área da construção da beleza. E, às vezes, tá sentado ali um espírita kardecista e a gente vai falando, respeitando, né, um ao outro, e quebrando aquele tabu de que crente é chato, a gente fica falando de Jesus, encaixando ali de acordo com o que a pessoa precisa escutar, mas com muita verdade – **mulher, 51 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, parda, cabelereira, anulou o voto**

Eu falo da Palavra em todo o tempo, senão se não puder ser pronunciado com palavras, é nas expressões. E a bíblia já até fala que somos a carta de Cristo, a pessoa te vê e te identifica. Então a Palavra deve ser anunciada em todo o tempo. Quer em palavra ou expressão, identifica como testemunha em atitudes pelas obras. Então, tem várias formas dela ser expressada. Então eu falo da Palavra de Deus, eu creio - **homem, 42 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Congregação Shalom Adonai, preto, operador de máquina, eleitor de Bolsonaro**

Eu falo no serviço bastante, até às vezes a gente arruma, não digo uma contenda, mas começa a ter uma discordância, porque tem uns que faz parte de outra religião, é católico, é difícil onde eu trabalhei ter um ou dois cristãos. Geralmente é católico ou é parte de religião, né, parte de batuque e coisas. Então quando começa a falar, ia lá vem o crente de novo, mas eu cutuco, né, não adianta, faz parte do crente. A gente sente sim uma rejeição. Deboche, eles brincam, apelido, debochando assim, sabe, da parte de Deus com eles. Já teve gente que me afrontou dizendo: “é, mas quem é teu Deus? Teu Deus lá foi pregado na cruz. Se fosse tão bom, não fosse pregado na cruz.” Daí a gente sabe que também não é a pessoa que está ali falando sobre isso, né. Às vezes tem, ela está sendo praticamente controlada na parte espiritual, né. A gente vê essa rejeição, essas brincadeiras, esses deboches, mesmo assim eu não deixo de fazer isso, não deixo de fazer – **homem, 40 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, pintor automotivo, eleitor de Lula**

Eu falo bastante, toda oportunidade que tem para falar da Palavra de Deus, eu aproveito. Tu sente quando a pessoa é mais receptiva, tem várias maneiras de tu abordar alguém pra falar, né? Eu lido muito com pessoas, trabalho na área de recursos humanos. Daí, nas entrevistas, a gente está conversando com o candidato, tu vai perguntando, como é que é da vida dele. E o crente já se acusam e eu digo ai, eu também sou. E na empresa que eu trabalho, cheia de comitês, né. Comitês da diversidade, da qualidade, comitê do corpo. E eu brinco lá e digo é tem que ter o comitê do crente, não é? Tem comitê de tudo aqui dentro, mas é bem legal assim. Eu posto muito nas minhas redes sociais também, né. Então, como diz em Romanos, né, eu não me envergonho do evangelho de Cristo – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

Costumo falar com os meus amigos que estão passando por dificuldades, costumo ouvir

muito, mais falo pouco. Gosto mais de ouvir e falo: “Entrega pra Deus, pede mais vezes, traga pra Deus, ora que ele vai te mostrar a solução, pede, porque só com fé você vai conseguir.” Que, às vezes, as pessoas fica se lamentando, né? E, às vezes, não procura Deus. E Deus é que pode mostrar o caminho pra gente, mostra. Ah mas demora, demora, não é no nosso tempo, é no tempo de Deus. Deus é que sabe o que é melhor pra gente. Às vezes, a gente quer uma coisa assim, rápido. Ah tô com um problema hoje, amanhã já é pra resolver, mas mesmo assim você tem que buscar a Deus, e ter fé naquilo que você acredita, naquilo que você tá pedindo. E esperar o momento, que uma hora vai chegar – **mulher, 56 anos, de São Luiz, da Igreja Renascer em Cristo, parda, profetiza, eleitora de Bolsonaro**

Eu converso com o porteiro e como eu tô pouco tempo, também na igreja. E eu costumava ouvi, amigos meus dizerem ... “Ah, mas aí. Você é um crente chato, você é um crente chato, convida todo dia, pra tudo, até outro dia tu estava fazendo.” Algumas vezes, tem que escutar muito. Algumas vezes eu falo, algumas vezes eu dou um exemplo, mas eu creio que o maior exemplo é eles me olhando mesmo, olhando pra mim como eu era como eu tô, a diferença – **homem, 41 anos, de São Luiz, da Igreja Adventista do 7º Dia, preto, padeiro, eleitor de Lula**

Em São Paulo, essa pergunta levou a um interessante debate sobre o uso das redes sociais para difundir a mensagem religiosa e sobre o tipo de abordagem que seria mais válida para chegar nas pessoas não evangelizadas:

Sempre colocando um status, todos os dias. WhatsApp, Facebook, Instagram - **mulher, 35 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, microempreendedora, eleitora de Lula**

O pessoal vai no meu privado e fala: “você não cansa, só tem esse assunto, não fala de futebol, se vai chover...” Eu falei: “não, eu quero é pregar a Palavra, não estou aqui para falar bobeira.” A rede social é só tranqueira. Rever amigos do passado é legal. Mas, principalmente, foco para falar da Palavra de Deus – **mulher, 55 anos, de São Paulo, da Igreja o Brasil para Cristo, branca, gerente de RH, eleitora de Bolsonaro**

“ “ A rede social é uma forma abrangente de evangelizar. Alcança pessoas que não tem acesso - **mulher, 45 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, gerente comercial, eleitora de Bolsonaro**

” ” Olha, eu tenho uma visão distinta dela. Eu acabo abordando, eu acredito que um número maior de pessoas, sobre assuntos que interessam à pessoa, incluindo Deus, naquele assunto. Por exemplo, nos mandaram um áudio sobre intolerância religiosa e eu consigo debater com aquela pessoa e colocá-la no meu mundo sobre aquela visão, entende? Eu acho que é válido, se a pessoa está falando sobre futebol, vamos tentar interagir também sobre futebol, se a pessoa e você consegue colocá-la sobre o assunto, entende? - **mulher, 38 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, recepcionista, eleitora de Bolsonaro**

Mas vai acabar em brigas, Hein? - **mulher, 55 anos, de São Paulo, da Igreja o Brasil para Cristo, branca, gerente de RH, eleitora de Bolsonaro**

Não, não, não – **mulher, 38 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, recepcionista, eleitora de Bolsonaro**

Então, eu acho muito válido falarmos sobre o que a pessoa quer ouvir, para colocarmos ela sobre a nossa visão da igreja, sobre a nossa visão de Jesus, então acaba interagindo muito sobre muitos assuntos. Eu confesso – **mulher, 37 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, auxiliar de administração, eleitora de Lula**

Você acaba encontrando uma brecha ali - **mulher, 35 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, microempresendedora, eleitora de Lula**

Que a graça de Deus não pode ser imposta – **mulher, 38 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, recepcionista, eleitora de Bolsonaro**

Eu falo muita coisa no status, no Instagram. Da oração tudo e acaba já falando a Palavra de Deus. Tudo é um conjunto, né? Para você alcançar as pessoas, ela já sabe que eu sou evangélica e ela já sabe que eu vou falar de Deus, vou falar de Jesus, então ela não vem com papo. Eu dizia: “ah, quero falar sobre futebol, não!” Ali no status tá sempre a Palavra de Deus, sempre louvor, para poder edificar as pessoas. “Essa aí é evangélica, com ela já vai ser papo entre Jesus, falar de Deus, falar da Palavra” - **mulher, 37 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, auxiliar de administração, eleitora de Lula**

A terceira dimensão é sobre a relação dos entrevistados com a oração, que tem uma importância fundamental na vida cristã. Foi praticamente unânime entre os participantes o relato de que oram todos os dias. Nesse caso, as dificuldades da rotina cotidiana não impedem que o crente consiga fazer sua conversa direta com Deus.

Quando entro no ônibus eu peço que, na visão do motorista que guie, porque o inimigo da nossa vida, do nosso caminho e afasta a gente também da vida, da vida e do caminho do inimigo. Todas as vezes que eu entro no ônibus, eu faço isso, faço esse pedido, mas oração mesmo eu faço pela manhã e à noite – **mulher, 60 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, diarista, anulou o voto**

Bem de manhã, saudação que a gente faz para ele. Tem a missão diária, a gente nunca sabe, dou uma prioridade de manhã. Medito à noite, assim que eu consigo - **homem, 40 anos, de Salvador, da Igreja Assembleia de Deus, preto, empreendedor, eleitor de Bolsonaro**

Todo dia à noite, e eu vou trabalhar de carro, eu vou sozinha, então toda vez, no caminho, eu estou escutando no YouTube, ou no podcast, ou um culto, diariamente – **mulher, 30 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Universal do Reino de Deus, branca, fisioterapeuta, anulou o voto**

Todo dia de manhã acordo e oro. Quando vou colocar minhas filhas na cama, eu oro. Boto o relógio pra despertar três horas da manhã, e uma vez na semana não consigo acordar pra orar, eu vou dormir muito tarde, uma e meia, duas horas. Aí quando dá duas horas, “Senhor me perdoe, não consigo levantar três horas.” Porque o meu foco é três horas – **homem, 41 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, branco, vigilante, eleitor de Bolsonaro**

Oração mesmo é pela manhã e à noite, mas como trabalho sozinha na minha sala, com meu computador, eu, do nada, a gente começa a lembrar e começa a orar, né? Falar com Deus eu falo abertamente, assim, porque eu estou sozinha ali no meu canto, então, mas dobrar o joelho, mais pela manhã e à noite em casa – **mulher, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, branca, designer gráfica, eleitora de Bolsonaro**

Eu também tenho o costume mais ou menos de umas 3 vezes pela manhã, no caso de, na hora que eu saio para trabalhar, por volta das 3h da tarde... E eu, já faz um tempo, eu estou fazendo uma nação da meia-noite. Também deixo para tocar o celular e já à meia-noite eu faço uma oração também - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Shekinah, pardo, confeiteiro, eleitor de Bolsonaro**

Orar, todo santo dia, durante o dia e às 3 horas da manhã, também – **mulher, 55 anos, de São Paulo, da Igreja o Brasil para Cristo, branca, gerente de RH, eleitora de Bolsonaro**

Para finalizar, é interessante pontuar que a relação da maioria das pessoas com a Bíblia não é tão regular quanto o que ocorre com a oração, embora ela seja tão importante quanto, uma vez que é o livro de fé e prática que conduz a vida cristã. Enquanto a oração apareceu como uma prática regular e prioritária, muitos apontaram que não leem a Bíblia com tanta frequência, alguns dos quais, inclusive, enfatizaram que preferem escutar a leitura do texto sagrado feita por outras pessoas. Observamos que tal fato se dá, de um lado, porque muitos têm uma rotina de demandas cotidianas muito intensas, o que inviabiliza o tempo de leitura, e, de outro, pelo fato de que boa parte delas possui baixa escolarização e pouca inserção na cultura letrada. Aqui, a conclusão mais à superfície a que chegamos é que há uma urgente necessidade de incidência pública no que diz respeito ao acesso desse seguimento da sociedade à escolarização formal. No entanto, a realidade é um pouco mais rica e complexa.

O fato de que a população evangélica é, atualmente, majoritariamente negra, como apontamos acima, incide diretamente neste dado em observação. Há entre os evangélicos brasileiros uma primazia da oralidade, o que é próprio das tradições negras, sobre o texto escrito. Enquanto o evangelicalismo advindo do protestantismo histórico, majoritariamente branco, preconiza a autoridade do texto canônico, o evangelicalismo negro que cresce em nossa nação pratica muito mais a oração, sem negar, evidentemente, a sacralidade do texto bíblico. Ademais, enquanto o contato com o Sagrado, na tradição protestante histórica, é muito mediado pelos textos escritos (Bíblia, comentários teológicos, declarações doutrinárias, das confissões de fé, pastorais dominicais etc.), o evangelicalismo negro e popular quer o contato imediato com o divino, que passa pelo corpo, o que, mais uma vez, aponta

para a incidência da sua identidade racial em sua prática de fé. Tudo isso ajuda a reforçar o que temos insistido aqui a respeito de que se deve dar muito mais atenção e respeito à diversidade de pertencimentos e modos de experimentação da fé dos crentes brasileiros.

Já foi uma vez por ano. Agora não tô com tempo, nem pra nada, tá muito difícil – **mulher, 41 anos, de Maricá, da Primeira Igreja Batista, branca, professora, eleitora de Lula**

Eu leio mais na igreja, ainda estou aprendendo. Estou começando, aprendendo, mas em casa também eu leio alguns versículos, alguns, leio mais é na igreja - **mulher, 60 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, diarista, anulou o voto**

Eu não gosto muito de ler, mas eu ouço muito, sabe. Podcast, rádio, pregações – **mulher, 51 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, parda, cabelereira, anulou o voto**

Eu já li mais, fiz os estudos, mas agora realmente não tenho tido muito tempo, não tenho lido muita bíblia, às vezes, sim, mas antes era bem mais – **mulher, 30 anos, de Porto Alegre, da Igreja Palavra Viva Church, branca, supervisora administrativa, eleitora de Bolsonaro**

Em casa, eu sei que é feio, mas a correria não deixa, a família se reúne em pouquíssimos momentos, então lê, conversar, debater só aos domingos mesmo, antes de ir pra igreja ou depois da igreja. Agora, no caminho do trabalho, você tá com o celular, tem a bíblia ali no celular, então sempre dá tempo, todo dia, mas dentro de casa, infelizmente... – **mulher, 45 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, gerente comercial, eleitora de Bolsonaro**

Uma grande parte das pessoas opta pelo uso de aplicativos no celular como forma de contornar a dificuldade de leitura do texto bíblico impresso:

Eu leio na igreja, né, que é, é o correto, mas eu tenho um aplicativo no celular e com meus trabalhos online, me notifica 4 vezes, eu que coloquei 4 vezes. Mesmo trabalhando, dá uma paradinha para meditar naquela Palavra. Eu leio, eu leio, você faz uma parada, é um intervalo, porque sempre tem intervalo ali, entre uma corrida e outra, aí eu dou uma meditada e isso me motiva até o meu dia a ficar melhor, viu? - **homem, 42 anos, de Salvador, da Igreja Misp Visão Celular, preto, motorista de app, eleitor de Bolsonaro**

Muito bom agora os podcasts, né? Acompanhar a bíblia em si, pegar o livro, pegar para ler, não é não é o meu costume, não tem realmente esse costume, sou mais de ouvir um louvor, pegar, pegar um podcastzinho, ouvir a Palavra, mas está sempre próximo. Mas a bíblia mesmo, o livro em si, é mais raro um pouco, mas na igreja, né, quando a gente está lá, né... – **homem, 33 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Adventista do 7º Dia, branco, analista de sistemas, anulou o voto**

Mais na igreja. De manhã cedo, eu tenho faço o devocional ali, pega o aplicativo, versículo do dia, e aí eles já dão ali uma introdução daquele versículo, aquilo ali é de manhã, é sem-

pre; e a bíblia mesmo, só nos cultos – **mulher, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, branca, designer gráfica, eleitora de Bolsonaro**

Aí eu confesso que agora com mundo digital, com aplicativos, é no celular – **homem, 31 anos, de São Paulo, da Igreja Sara Nossa Terra, pardo, gestor de manutenção e eleitor de Bolsonaro**

Finalmente, uma grande parte lê com a mesma frequência e engajamento que apresentou na oração, reforçando o vínculo orgânico da Bíblia com a fé evangélica:

Eu já não falo bíblia, chamo de espada. Minha espada, tenho uma espada que ganhei de uma índia, e eu estou com dificuldade de enxergar as letras pequenas. Minha caminhada cristã começou verdadeiramente aí. Quando eu comecei a ler a Bíblia a primeira vez eu não sabia o propósito que Deus tinha pra me colocar pra estudar, e eu consegui ler ela três vezes. Do Gênesis até o Apocalipse, quando você chega na parte do Gênesis... Um ano pra cada leitura – **mulher, 41 anos, de Maricá, da Igreja Evangelho Reino de Deus, indígena, dona de casa, eleitora de Bolsonaro**

Eu procuro ler a bíblia todos os dias, sentar e ler pode acontecer de não ser sete vezes. Mas a intenção sempre é todos os dias – **homem, 42 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Congregação Shalom Adonai, preto, operador de máquina, eleitor de Bolsonaro**

Eu pego o trem e tenho um tempinho e gosto mais de ler a bíblia física, sim, não gosto muito do formato digital. E a gente participa do Ministério de mulheres. E, às vezes, a gente tem um propósito assim... Teve agora uma irmã com um problema e a gente levantava às 3h da manhã para orar, né. Durante um tempo, tínhamos um grupo de irmãs sempre naquele horário, alguma de nós dava a Palavra e a gente orava pela situação da daquela irmã. Eu tenho já o hábito da leitura. A leitura da bíblia, não dá pra ser muito aleatório, sabe, vou pegar e vou ler. daí, abrir lá diz assim: “aí o pai se matou”, daí, lá no outro e “a filha fez no mesmo.” Não, né? Não dá pra fazer isso. Mas, quando tu tem alguma questão, assim, com Deus, que tu pede pra Ele falar contigo, gente, vai abrir exatamente no que tu precisas – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH e eleitora de Lula**

Eu tenho uma bíblia do lado da minha cama, e todo dia antes de dormir, eu dou uma lida num capítulo, abro aleatoriamente, porque eu leio sempre – **mulher, 37 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, auxiliar de administração, eleitora de Lula**

Eu leio sozinha, faço devocionais todos os dias, devocional pelo aplicativo, também tem a leitura da Bíblia diária – **mulher, 43 anos, de São Luiz, da Igreja Batista do Angelim, branca, analista de RH, eleitora de Bolsonaro**

O primeiro bloco de perguntas demonstrou uma enorme diversidade de pertencimentos religiosos e experiências de fé, confirmando que o segmento evangélico é mais plural do que as visões preconceituosas supõem. O interessante, para a nossa pesquisa, foi ver que essa diversidade se unificou nas percepções positivas sobre o Papo de Crente, assunto da próxima seção.





# 2. Papo de Crente

O principal objetivo da nossa pesquisa foi avaliar o alcance das mensagens difundidas no programa Papo de Crente, produzido pela Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito e veiculado em dezenas de rádios pelo país. Nossas conclusões são que o programa é uma excelente ferramenta de comunicação política, com um nível de aceitação entre os entrevistados que beirou à unanimidade. O mais importante dessa conclusão é que as mensagens do programa são abertamente progressistas e que ajudam a sedimentar uma cultura cidadã e de direitos em quem escuta o Papo de Crente. E isso é possível pela capacidade que a produção da Frente tem de fazer convergir o conteúdo político com um pertencimento religioso, na medida em que os temas dos programas são abordados a partir de uma consistente interpretação bíblica.

Os relatos de aceitação do conteúdo se iniciam sempre pela dimensão de trazer assuntos que estão em voga no debate público e que ajudam o ouvinte a se informar melhor. Começamos selecionando um depoimento de Maricá:

Então, essa que tem umas discussões, umas conversas mais atuais né, fala da atualidade, é essa? Fala de alguns temas, pega uma temática e começa a falar, eu já ouvi diversas vezes. Eu ouço aqui a rádio da local, de Maricá, né? E ouvi uma vez, me interessei e continuei ouvindo, já tem um tempinho já – **mulher, 41 anos, de Maricá, da Primeira Igreja Batista, branca, professora, eleitora de Lula**

Já de Salvador, escolhemos seis relatos que dão a dimensão de como os entrevistados gostaram do modo como o programa aborda temas atuais e fornece informações.

“ Eu gostei da apresentação do meio ambiente, porque se também nós cuidar do meio ambiente não tem essa poluição, né? Porque eu tenho assim pra mim é, quem polui mesmo são os próprios ser humano, ao jogar lixo na caia, que a gente, quando vê, vocês também podem já ter visto isso, uma chuva que nós temos aqui em Salvador, alaga tudo porque os bueiros tá cheio de lixo, então quem é que causa isso no meio ambiente? Próprio ser humano, porque se cada um fizesse a sua parte, eu acho que o meio ambiente seria melhor como Deus é, propôs para nós viver, né? Do jeito que ele escolheu. Mas só que é o ser humano mesmo que faz as queimadas, a poluição na água, tudo isso – **mulher, 46 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, ambulante, anulou o voto**

” O que me chamou a atenção foi a cota, que agora está tendo para as pessoas de baixa renda, para as pessoas pretas, para os deficientes, que me chama muita atenção, porque era uma coisa que as pessoas fracas não tinham. Essa oportunidade, era sempre os que tinham as condições melhor que seguia em frente. E hoje em dia tem alguém que está lutando para poder os fracos usufruir, também tem direito a fazer uma faculdade – **mulher, 60 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, diarista, anulou o voto**

Porque eu gostei, muito especificamente, vou ser emblemático nisso, de uma forma bem apaziguadora, né, que ele justificou que eu tenho a igualdade racial, né? Ele justificou. Inicialmente, ele justificou, ele disse, ó, qual foi? Até uma senhora, não é? Ela, iniciou, introduziu que nesse caso, o que seria a igualdade racial dentro desse plano de políticas, tá.

É uma finalidade bem simples. Ela foi bem direta. Ela disse, qual é a finalidade, reparar aqueles que foram flagelados durante anos e um tempo é uma atitude reparadora, ela não vai corrigir? Então, foi muito perfeito e já começou dessa forma, pronto, prendeu. Ela já esclareceu que muitas pessoas começaram como nosso irmão aqui, desde o começo, mas de repente não pegou o fio da meada, porque se pegasse essa bala. Seria? – **homem, 40 anos, de Salvador, da Igreja Assembleia de Deus, preto, empreendedor, eleitor de Bolsonaro**

Aqui eu gostei foi quando ela falou assim: “se você tem alguma dúvida de alguma coisa, vocês podem ligar para a gente que a gente vai buscar isso.” Eu achei muito interessante, entendeu? Ela coloca O WhatsApp, achei muito legal isso. Você pode ter qualquer dúvida e falar com eles lá, é isso? Está dizendo e vai buscar, tempo para você. Gostei – **mulher, 52 anos, de Salvador, da Igreja Ministério Geração do Espírito Santo, preta, gerente de vendas, eleitora de Lula**

Olha, e sem falar que é educativo, educativo, traz sabedoria para a gente, muitas coisas a gente não imagina, não é conhecedor, não é da gente essa diariamente eles evocam, são coisas interessantes – **homem, 42 anos, de Salvador, da Igreja Misp Visão Celular, preto, motorista de app, eleitor de Bolsonaro**

E é um assunto popular, né? Não é muito linguagem técnica, né? Cara, faz a linguagem que é rebuscada para poder ser, pô, a pessoa está falando uma coisa não sei que palavra é essa. Não estou entendendo, então já termina desligando aquele assunto ali, porque a pessoa até se interessa, mas não, não sabe que está se tratando essa linguagem. Foi bem corriqueira, né? Bem do dia a dia - **homem, 49 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, preto, conferente, eleitor de Lula**

Em Belo Horizonte foram três falas que expressam a satisfação com o programa:

Eu gostei porque são assuntos que muitas vezes não são abordados nas igrejas e muita coisa é confundida com política dentro da igreja, principalmente de dez anos para cá, muita coisa é confundida com política e não é política, é social. E tem muita coisa social que a igreja se isentou de falar nos últimos anos. Achei sensacional a ideia de trazer isso para o meio gospel. Está ali tocando um louvor, uma música de adoração e passando, é uma informação com dados da hora, colocarem dados, não é só falar e ouvir no grupo de fulano é fulano que mandou isso e tal. São dados, é um instituto tal tal, tal, tal, tal, tal, tal, colocou que tantos por cento é isso, isso, achei super relevante. É um jornalismo, é um nível de comunicação que eu particularmente acho que vai ser muito bom pra ... eu não gosto mais de falar igreja, né, eu fico falando igreja, igreja, mas eu não gosto mais de falar igreja, vou falar para comunidade cristã, comunidade cristã, pensar nisso, porque quando eu falo na igreja, eu posso estar falando da igreja dele, excluindo a dela é, ou então excluir na minha, entende. Aí eu sou de uma igreja, eu vou ser de outra. É como se a gente fosse diferente, como se a gente não acreditasse na mesma coisa. E, e trazer essas informações com dados informações é muito importante, desde o mais novo que está chegando lá na igreja daquela pessoa que muitas vezes é estou falando, é jovem mesmo, fica no TikTok, fica no TikTok se informando

“ para dentro daquilo que aquela rede social está passando e chega na igreja, está se informando de uma forma com que o tipo assim, bebendo da fonte do que o outro está bebendo. Então, tipo assim, é uma fração da fonte que o outro bebeu, que pode ser uma fração da fonte de outro e trazer essas questões com dados é colocar isso em discussão, em pauta. Eu acho que isso super relevante. Eu acho que, na minha opinião, na minha opinião, questão de comunicação, eu acho que vai ser muito útil para todo mundo, sendo você cristão ou não, eu acho que até quem não é cristão é legal. A minha esposa está ouvindo comigo. Enquanto eu estava ouvindo, ela virou para mim e falou assim: “olha, que legal isso aí que você tá ouvindo.” – **homem, 32 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista Jardim Felicidade, preto, motorista de app, eleitor de Lula**

Foi bem interessante porque eu achei que pelo título do programa seria bem chato, mas me surpreendeu bastante, assuntos muitos necessários, sendo falado de uma forma bem leve. No começo, achei um pouco engessado, mas depois eu fui gostando do assunto, eu acho muito, muito interessante, bastante – **mulher, 51 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, parda, cabelereira, anulou o voto**

Gostei bastante. Inicialmente, sabia que me acometeu o pensamento, como você também, basicamente, a voz do Brasil, me lembrou bastante o estilo, né? Começando com o cara falando e a coisa do meio, aquele debatezinho, né? As informações eu acho que os dados, sim eles trouxeram principalmente se trata do segundo. O primeiro eu ouvi assim, eu vi trabalhando, eu falei, opa. O que me pegou mesmo, foi o segundo, que é de cotas sociais. Assim ele me deixou bem assim. Eu falei me deu uma bagunçada que eu vim pra cá no carro, falei, nossa. Bem, superinteressante mesmo, né? O primeiro eu ouvi mais assim, que foi trabalhando na hora eu tinha que parar um pouquinho, eu tenho costume de ouvir, né? Podcast, mas são normalmente mais rápidos. Eu falei: “envolve 30 minutos...” Falei: Não! Aí, quando eu peguei, eu falei: gente, muito interessante!” e então, achei assim um tema superlegal, é pra você parar realmente e pensar. E talvez entender de uma maneira diferente, saindo um pouquinho fora do mundão, né, que é o que a gente está habituado hoje. Então assim, eles abordam o sistema de uma maneira mais leve, então eu pude sentir dessa maneira. Achei bem bacana, interessante mesmo – **homem, 33 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Adventista do 7º Dia, branco, analista de sistemas, anulou o voto**

Em Porto Alegre selecionamos quatro opiniões dos participantes:

Eu gostei bastante. Eu achei bom porque falou sobre atualidade, sobre o que está ocorrendo hoje, né? Referente à destruição que está acontecendo na natureza. Então, eu gostei bastante do podcast, não conhecia. Vou ser bem sincera, esse podcast eu ouvi pela primeira vez, mas é uma coisa que me chamou a atenção e que eu vou ouvir outras vezes – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

Eu achei bem bacana mesmo o formato, né, até porque ele, dentro do que foi proposto, ele entregou, realmente entregou a proposta ali. Eu notei também que até os próprios apresen-

tadores ali, eles têm uma facilidade, um conhecimento ali, que ele acaba te envolvendo ali, você não vê em alguns outros podcasts que eu já ouvi, já até outros assuntos. Mas se a pessoa tá meio que martelando, tá lendo ali o que eu tenho que falar, não, tu nota que ela sabe do que ela tá falando, tanto ela como outro apresentador, né? E isso que acaba te envolvendo, realmente ela sabe ali, ela tem aquela propriedade pra passar. Isso eu achei muito, muito bacana. Tanto que eu ouvi, eu acabei ouvindo 3 vezes, que eu achei tão, tão bacana. Gostei mesmo, não é pra puxar o saco mesmo – **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Shekinah, pardo, confeiteiro, eleitor de Bolsonaro**

Achei temas muito importantes abordados, né? Tanto do meio ambiente, cada vez mais o homem está destruindo o meio ambiente, né. A gente está tendo aquecimento global, queimadas, desmatamento. A gente está vendo aí, tipo nossa Amazônia e o que que está acontecendo, né. Também acho importante, os políticos também, né, fazer mais medidas, né, ver mais essa parte do meio ambiente porque a gente, às vezes, não, não tratem isso com tanta importância, mas isso é para o futuro, né. Nosso futuro, para o futuro do planeta, é para o futuro dos nossos filhos, dos nossos, enfim, dos nossos netos, e é muito importante, então achei bem relevante. Também as cotas, também, outro assunto bastante discutido, bastante falado, que tem toda uma história por trás disso, né. O porquê que tem as cotas e porquê que eles têm todos, todos têm essas cotas, têm direitos, né? Enfim, então achei bem, bem legal. Mesmo assim, bem impactante – **mulher, 30 anos, de Porto Alegre, da Igreja Palavra Viva Church, branca, supervisora administrativa, eleitora de Bolsonaro**

“ Eu achei bem interessante. Primeiro, apesar de eu ter opinião diversa, né, eu achei muito interessante. Primeiro porque a gente não cuidou e não cuida ainda né. Tanto é que a gente tem, ali foi um choque de realidade, é para a gente pensar. Que a gente tem netos, muitos são, a gente pensa em arrebatamento também, mas a gente tem que pensar no dia a dia. E o segundo, para mim, foi o mais forte. Também foi um choque de realidade, porque eu sempre pensava isso, ah, mas porque essas cotas? Por que é que existia isso na Universidade? Quer dizer que mesmo se o meu filho for branco, for inteligente, ele não pode entrar por causa das cotas, e aí eu passando a escutar, que não é questão de biologia. Aí, aquilo ali foi bem impactante para mim? Foi bem assim, foi algo que abriu meus olhos de outra dimensão que eu não entendia muito bem, eu sempre julgava isso. Ah, por que é que eles pode? Nós não, né? Então, foi bem impactante mesmo – **mulher, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, branca, designer gráfica, eleitora de Bolsonaro**

Selecionamos quatro depoimentos de São Paulo que destacaram a importância de abordar temas atuais junto às pessoas evangélicas:

Eu gostei porque traz as coisas do fato que está acontecendo e o que ele falou das cotas, né? Eu terminei a faculdade, fiquei três anos pagando uma promoção porque, infelizmente, nas empresas têm essas coisas, mas eles dão mais promoção para quem tem a pele mais clarinha, essas coisas. Aí, fala que não tem as cotas nas universidades e tal, mas é meio entre aspas, porque as empresas ainda estão muito quadradas em questão a isso - **homem, 31 anos, de São Paulo, da Igreja Sara Nossa Terra, pardo, gestor de manutenção, eleitor de Bolsonaro**

“Minha mãe, que não é da igreja, que não frequenta, estava escutando sem entender. “Não mãe, é um canal de notícias, uma igreja evangélica mãe.” O fato que eles vão batendo, às vezes não parece. Você fica olhando e até quem está de fora que quer ouvir uma notícia, quer saber alguma informação do que está acontecendo na atualidade acaba se interessando, falando: “Achei interessante isso também”, né. Então, você é, mas é um canal evangélico escutando no serviço lá meio nossa dá um. Eu nem tenho essa notícia tal. Eu falei: “é um canal evangélico.” “Evangélico?” Aí, fica aquela dúvida... Eu falei: “ué, mas por que não pode ser? Crente não pode falar sobre isso?” – **homem, 52 anos, de São Paulo, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, consultor de vendas, eleitor de Lula**

Por isso que eu insisto que o crente tem que circular por vários assuntos. Não adianta ter uma rádio sei lá, que só prega, que só toca hino, que só ora, porque a gente tem outras coisas. Tem uma vida social, né. Então, que legal você poder conversar com crente que sabe, porque eles sabem falar de meio ambiente, a gente sabe falar de cotas, eles sabem falar sobre assuntos diversos que está acontecendo na política. Isso não deixa de você ser mais crente ou menos crente. Você não, não, o assunto que está acontecendo, né. E se você for procurar princípios bíblicos, tem a ver com os assuntos que estão acontecendo, por exemplo, meio ambiente, com Jardim do Éden, as cotas, que Jesus já falava lá atrás, entendeu? Então, assim não dá para ser bitolado. A gente tem que abrir a cabeça - **mulher, 45 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, gerente comercial, eleitora de Bolsonaro**

Muitas vezes, no meio evangélico, a gente não ouve esse negócio de como faz o debate, esse negócio de papo de crente é, fala de negócio de política, essas coisas assim e tudo que foi é enviado pra mim ontem nesse link, né? Eu fiquei surpreso, né. Pra ser sincero, a primeira vez que eu ouvi né negócio papo de crente, né? Então eu gostei muito, né? – **homem, 43 anos, de São Paulo, da Igreja Caminhando com Jesus, preto, pedreiro, anulou o voto**

Finalmente, em São Luís selecionamos três depoimentos que elogiam a abordagem dos temas da atualidade no programa:

Eu gostei porque eles falam da atualidade, não falo só da questão da igreja, fala tudo, né? E pelos testemunhos, pelos apresentadores, também pelos assuntos atuais, que foram pelo menos esses dois links que eu escutei. É, e mencionam assuntos realmente do cotidiano da gente, que a gente tem vivido, né? E, fora isso também, eles falam outras coisas relacionadas ao dia a dia, o que é fake, o que não é que a gente pode acreditar, o que a gente não deve acreditar. Foi, foi bem educativo – **mulher, 56 anos, de São Luiz, da Igreja Renascer em Cristo, parda, profetiza, eleitora de Bolsonaro**

Eu gostei. Assim, eu acho que na realidade eu achei o programa muito edificante, eu até fiquei escutando porque eu achei, assim, que é conscientização, né? É sobre a conscientização do cristão, porque nós temos obrigações. Sim, Deus nos deu, a nossa obrigação é cuidar, zelar primeiro por nós. Somos templo e o morada do Espírito e, por mais que a gente não queira se envolver, mas o cristão é quem tem que estar atento às coisas, tudo, num todo na política,

em tudo. Então, eu achei o programa bem abrangente, consciente. Eu vou até salvar, porque gostei muito do conteúdo. Para mim foi muito edificante – **mulher, 50 anos, de São Luiz, da Igreja Ministério Geração de Davi, parda, dona de casa, eleitora de Bolsonaro**

Uma parte que eu gostei que ele falou é sobre o homem, o mundo está se acabando e, pouco a pouco a gente não está percebendo, mas antigamente ele sabia quando era inverno e verão. Agora a gente não sabe. De repente, cá murchou. Uma coisa onde se vê isso, sabe o que é? Esse é o homem, faz isso. É tanta poluição que esse estado só tem o nome é de desmatamento, estão acabando com tudo a gente não está percebendo, mas a gente já está nos fins – **homem, 45 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, pardo, ajudante de pedreiro, anulou o voto**

A segunda dimensão que demonstra o quanto o Papo de Crente foi bem aceito pelos crentes que participaram dos grupos focais é o modo como o conteúdo atual se relaciona com a leitura da Bíblia e se relaciona diretamente com a fé delas e deles. Começando com cinco depoimentos de Salvador:

Assim, tem certos temas na igreja, um exemplo: é sexo, é um tabu você discutir sexo na igreja, né. Porque a gente vê hoje em dia que as pessoas elas tratam sexo como uma coisa realmente assim, anormal, sendo que, claro que tem uma base bíblica para isso. E o que foi colocado no podcast, né. Há os dois temas que eu só ouvi, esses dois que foi sobre a questão do meio ambiente, e as cotas raciais são temas pertinentes que certas igrejas, elas e certas denominações, elas terminam fugindo disso e colocando uma coisa muito é, é alguém, né? Não, não sabe, não se aprofunda, não quer saber o que é, mas foi bem embasado. O tema foi bem discutido, foi bem relatado, foi bem explanado, então eu gostei literalmente, porque foi com base bíblica, né? Isso foi muito importante e realmente uma coisa muito atual e isso. É isso. Muito interessante. É isso que as igrejas eu tenho essa visão de que a gente tem que debater isso, né? Não fugir de certos temas e achar que tudo é só na, na mentalidade, não, não pode, não presta. E foi uma coisa bem diversificada mesmo. e o que chamou a atenção também é que tem, tem logo no finalzinho, sobre fake News e foi bem esclarecedor, né? Ó, foi falado do Dallagnol, houve um minuto e meio, então isso deixou claro porque as pessoas terminam vendo que nem sempre o que é exposto. Então o tempo foi bem específico, foi muito bom, meia hora, eu acho que é excelente porque deu tempo para pesquisar na Bíblia, pô, vou ver aqui que é que realmente condiz, é êxodo, pô, tá falando sobre a saída do povo hebreu, tem a ver com esse tema - **homem, 49 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, preto, conferente, eleitor de Lula**

Eu achei maravilhoso, começou como tem que começar, a apresentação das figuras das pessoas, né? As partes: a oração, e aí eu tenho um foco no tema, eu com tema focado, com pessoas especialistas, não somente especialistas pela temática, mas assim é a congruência em relação à Palavra, né? A Bíblia e o tema a atualidade sem fugir, para o discurso fluído, simples para qualquer pessoa de qualquer gênero, grau, de escolaridade e eu me senti encontrado, tanto que eu não parei. Eu não consegui parar, a escolha, tudo a gente. Dá pra ir do flagelo do aborto, né, as condições de degradação e de vegetação. Você vai fluindo com a temática, vai acompanhando. Tinha duas pessoas, já recebi uma visita ontem: “o que você

“está te escutando?” Aí eu disse: “é no YouTube.” Eu disse: “eu tomei conhecimento dessa plataforma, aí eu estou gostando.” São temas que, de repente, você está almoçando aqui, discutindo ou não, esperando um tempo sempre entra na temática, você está enriquecido. Ouviu, a qualquer momento você já está, não da mesma forma que entrou, né? E cada tema e diversidade eu achei muito bom, não estou sendo hipócrita. Olha, me senti bem direcionado com o conteúdo e com as figuras, as pessoas bem escolhidas, né? – **homem, 40 anos, de Salvador, da Igreja Assembleia de Deus, preto, empreendedor, eleitor de Bolsonaro**

Eu não conhecia a rádio, né, quando chegou o link. Mas eu gostei bastante, principalmente porque, além dele falar do tema atual, ele faz referência na Palavra, né? E, na verdade, gente, eu fiz uma auto meditação no sentido de que realmente, é, na bíblia tem tudo o que a gente passa aqui e a gente tem que se corrigir em muitas coisas, principalmente em relação ao meio ambiente. Porque, na verdade, Deus fez a Terra para a gente cuidar e nós não fazemos isso, pelo contrário, nós queremos a prosperidade, mas não tem o cuidado de zelar por ela. Então, gostei muito desta questão, onde ele referencia como nós somos, jardineiros para cuidar e a gente tem que fazer um autoexame no que a gente faz, no que todos eles falaram e a gente continua fazendo as coisas erradas. Como não reciclar o lixo, como simplesmente desmatar e não reflorestar. E outras coisas mais., Então, não só nessa parte, como também no tema da, é, das cotas, né? Onde quando Cristo nos fez, ele não escolheu quem ia ser preto, quem ia ser branco, quem ia ser rico, quem ia ser pobre. Então, essa questão da cota tem que ser... É uma forma de simplesmente melhorar um pouco mais para aqueles de classes baixas, então eu vejo isso como uma justiça. A justiça, no sentido de que, de que aqueles que têm menos, ter algumas mais oportunidades, que não está tendo. Então, gostei muito do programa. Vou continuar assistindo porque eu não conhecia, não é? Conheci ontem e gostei e vi que tem outros temas e vou ser assídua – **mulher, 52 anos, de Salvador, da Igreja Ministério Geração do Espírito Santo, preta, gerente de vendas, eleitora de Lula**

É, o que me chamou atenção bastante na rádio foi que tem os pastores que estão à frente, né? Dessa obra na rádio. Eu não conhecia e gostei, porque a gente sempre tem que ter um referencial. E, através dessa rádio, eu percebi que eles podem ser um referencial – **homem, 42 anos, de Salvador, da Igreja Misp Visão Celular, preto, motorista de app, eleitor de Bolsonaro**

Eu me senti representado nesses podcasts, né? É, é tipo de mensagem muito edificante e, na minha tradição, que é Wesleyana, a gente trata desse assunto, mordomia cristã, crédito social fazem parte da própria doutrina da minha igreja, né, das instruções que a gente recebe. Quando eu comecei a ouvir aqueles podcasts, eu digo: “rapaz, o povo deve ser metodista, porque assim trouxe muita, muita bagagem, muita coisa edificante.” Eles conseguiram pegar o contexto é bíblico, trazer para o contexto histórico levar para o contexto social, apresentar o contexto político e trazer uma visão para a gente. Assim, do que é tanto o nosso, a nossa mordomia cristã, o nosso serviço enquanto cuidantes da natureza e do meio ambiente, quanto à nossa responsabilidade em promover as reparações sociais com o nosso próximo, então eles conseguem trazer isso para gente de uma forma muito clara, passando pela bíblia, está passando pelo contexto histórico e é assim. Eu fiquei muito agradecido por aqueles dois podcasts, pela mensagem que eles trouxeram, porque é difícil você falar na igreja determinados temas. É difícil você levar para a igreja determinados temas para a discussão,



tem que ter muita coragem para poder dizer: “eu sou o pastor fulano de tal, eu vou falar disso...” Você já é candidato a ser execrado. Quando você começa a ouvir o pessoal falando no podcast, você vai perceber que eles falam com uma tranquilidade em trazer pra você uma clareza, personalidade e se as pessoas passassem a ouvir, vão mudar de opinião diante de muitas coisas que a gente, a gente tem tabu que eles trazem para a gente, não só o dogma, mas ele contextualiza o dogma da Bíblia com a história e com a própria atualidade, e aí fica fácil desde perceber pô, isso aqui tem tudo a ver com o evangelho. Isso aqui tem tudo a ver com Jesus Cristo, fica mais fácil a gente aceitar e a gente até se interessar por outros temas - **homem, 50 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, branco, auxiliar de administração, eleitor de Lula**

Em Belo Horizonte, foram três depoimentos exemplares do impacto que a dimensão religiosa do programa causa nos ouvintes:

Eu vou começar com isso. Eu pensei, eu pensei, traz dados e traz pessoas para validar aquilo que está acontecendo, falado. E aí eu tentei tirar por duas percepções diferentes. A primeira é sobre o conteúdo, que eu achei superinteressante e realmente pouco comentado. E de uma maneira cristã, né, da gente como o cristão, como que a gente faz em relação ao meio ambiente, por exemplo, a gente não pensa nisso. E será que eu estou fazendo o meu papel como cristã, dentro desse lugar? Pensei muito nesse sentido. E em relação a como a proposta é entregue, achei que tem um início, meio e fim. Achei bem contextualizado, achei que o conteúdo é de qualidade e bom, de uma forma muito didática - **mulher, 35 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Assembleia de Deus, preta, auxiliar de administração, eleitora de Bolsonaro**

Eles usam exemplos atuais, né? Deus queria que o mundo fosse um Jardim e nós os jardineiros. Se eu não cuido do Jardim, eu vou cuidar de mim, eu vou ter pensamentos bons, vou ter boas atitudes, vou tratar meu filho direito, vou respeitar a minha mãe ou não? Sabe, eu levei o jardim mais por esse lado, porque se eu tenho boas atitudes, eu vou receber coisas boas, né? Eu achei essa parte assim, muito legal, uma maneira diferente de mostrar o que que Deus, né, nos deu e a gente não valoriza. Gostei também da pergunta que o cara fez lá do Dallagnol, que foi a questão dos segundos, e a moça falou assim: “não começou tal hora, terminou tal hora, demorou uma hora.” Eu falei: “meu Deus, combate à fake News, obrigada Senhor! Amém!” - **mulher, 43 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Águia com Fogo, preta, dona de casa, eleitora de Lula**

Mas se vocês continuarem mantendo essa forma, vocês vão conseguir de uma forma muito interessante manter os telespectadores, porque, que a gente costuma escutar no rádio e fica vendo o pastor pregar e logo vem um demônio lá falando no rádio, gente, ninguém quer escutar mais não. Não, não é de jeito nenhum. E hoje a gente vê programas de televisão, esses podcast que é coisa do mundo, aquilo lá atrai a gente. Então você pega outro podcast, botar coisa de crente? Ah, tá legal, você começa a ouvir de Davi, de José, dos todos os apóstolos, uma forma literal e agradável Eu vim assistir na Netflix, é um irmão falando de, era sobre Paulo, sobre João... Lá em casa, por exemplo, minha esposa é igual o João, calma, passiva... E eu sou igual Paulo. No trânsito, me fechou, estou xingando mesmo, que eu nasci

estressado, eu tenho Cristo no coração, mas ainda sou pessoa estressada, esse é o meu jeito, cada um tem um jeito. Então, o podcast é a mesma coisa, fazendo um papo ali, e para segurar as pessoas, mas de uma forma descontraída, não aquela coisa engessada como todo mundo falou aqui, e vai, vai dar super bem. Eu creio que o objetivo dessa pesquisa é melhorar, então, assim, eu vou começar a escutar esse podcast no meu carro, vai ser muito mais agradável, é, é o que eu penso, saindo da forma como já falou, já falou tudo aqui, eu estou falando como se está chegando até a mim agora, então isso vai, vai bombar - **homem, 41 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, branco, vigilante, eleitor de Bolsonaro**

Do grupo focal de Porto Alegre, extraímos duas falas ilustrativas:

“ Eu vou falar especificamente desses 2. Eu assisti, já ouvi outros também. Mas uma coisa que me chamou a atenção, desses 2, é o trazer a bíblia, os fatos bíblicos pros nossos dias de agora, esse é o grande desafio, né. Então, é o que eu tento aplicar no meu dia a dia. É a visão que lhes traz ali de Adão e Eva, assim, entrar em muitos. Nenhum pai cria um filho, para o filho se dar mal. Nenhum de nós, que somos pais, criam filhos pra se dar mal. Então, Deus também não seria inferior a nós. Criar um filho sabendo que o filho vai se dar mal. Só que, infelizmente, o homem foi e recebeu uma ordem para cuidar e não cuidou e teve uma consequência, assim como qualquer um de nós. Hoje, recebemos uma família. Se não cuida, perde. Nenhum pai, nenhuma mãe, vai criar um filho querendo que o filho se separe 10, 20 vezes. Então, essa lógica também se aplica a Deus, né? Ninguém aqui é superior a Deus. Eu vi assim. Eu acho muito interessante a maneira como eles trouxeram os fatos bíblicos, os fatos de agora. Isso tanto no primeiro, quanto no segundo. E o segundo foi mais trazendo informações mais recentes, mas o primeiro trouxe uma profundidade maior no contexto bíblico. Achei interessante e muito mais - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Ministério do Bom Samaritano, preto, terapeuta, eleitor de Bolsonaro**

Eu achei muito pertinente a abordagem dos temas, tanto em relação à sustentabilidade, quanto à questão da reparação, do estado reparar o mal causado para determinados segmentos, e essa concatenação que foi feita entre as Escrituras lá, o Velho Testamento, e essa realidade atual. Eu achei que ficou bem oportuno a abordagem - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, branco, analista jurídico, eleitor de Bolsonaro**

Em São Paulo, foram quatro depoimentos elogiando a abordagem dos temas a partir das dimensões da fé:

Eu gostei. Estava ansiosa para falar porque eles debatem temas da nossa atualidade, baseados em versículos da Bíblia. Sabem? Tipo, então eles demonstram que a Palavra do Senhor, tipo, por mais que seja uma escrita muito antiga, se renova a cada dia, se encaixa em cada tempo, entendeu? Então, é uma coisa muito gostosa de se ouvir assim, sabe? Coisas tipo... Igual ela falou das cotas, e do nosso planeta, sabe? É... Devastações... Então, tudo é falado e baseado na Bíblia - **mulher, 35 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, microempresendedora, eleitora de Lula**

“ Eu achei bem interessante assim, porque eles procuram focar em assuntos do dia a dia, assuntos, sei lá economia, política, do governo federal, estadual não é assuntos políticos, enfim, e aí eles trazem o conceito da palavra sobre aquele assunto, o que a palavra fala sobre aquilo, né? É, tem a ver com aquele assunto? Então eles fazem um comentário. Inclusive, se não é uma coisa assim, tipo criticando, vamos pegar assim, assunto do governo, uma lei que ele aprovou no caso das cotas, não é, não é um comentário, traz um parecer bíblico da palavra, mas não tem uma crítica, né, metendo o pau no governo por isso, por aquilo, não. É um bate-papo, é uma conversa sobre o assunto. Agora, eu achei bem interessante e são vários temas, vários e vários da sociedade moderna – **homem, 33 anos, de São Paulo, da Igreja Lírio, preto, porteiro, anulou o voto**

” Até o que os louvores também, os louvores também tinham a ver com o assunto. No meio desse assunto, tem um hino, né, tem um louvor e tem uma palavra e tem uma oração. Você vê que uma coisa está conectada na outra – **mulher, 37 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, auxiliar de administração, eleitora de Lula**

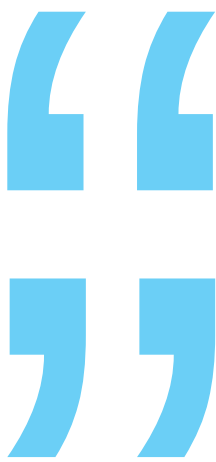
Eu achei muito interessante. Faz uns dois anos que eu escutei essa rádio já. E eu acho interessante que tem muita gente que não sabe dessas coisas que eles abordam, que está escrito na parte da Bíblia de ensinamento. Então, isso, a partir do momento que você escuta, você quer passar para outras pessoas que também não sabem disso. Às vezes, teve esse procedimento e ele fala, nossa, aconteceu isso quer dizer, a pessoa já fica assim informada também sobre o que está acontecendo a mais na parte da Bíblia, também tem o conjunto né, é uma coisa levando a outra no caso, e eu acho muito interessante - **mulher, 38 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, recepcionista, eleitora de Bolsonaro**

Em São Luís, também extraímos cinco depoimentos que valorizam o modo como o Papo de Crente aborda os temas com base em leituras da Bíblia:

Eu gostei porque, na verdade, assim, todo mundo que tem na Bíblia, se a gente for ver as coisas que acontecem hoje no mundo, tudo, então tudo cabe na Bíblia, cara, não é só um livro, né? E eu não tinha prestado atenção na questão do meio ambiente, e nem na questão das coisas assim, né? Que está ali pautado na Bíblia. É muito interessante. Por isso, de hoje em dia, jamais ia imaginar que fizeram assim, estava em pautados só na Bíblia. Eu gostei por isso – **mulher, 43 anos, de São Luiz, da Igreja Batista do Angelim, branca, analista de RH, eleitora de Bolsonaro**

Destacamos ainda o fato de que os ouvintes elogiaram bastante o que chamamos neste relatório de dimensão política do Papo de Crente. Quando perguntados se achavam que o programa falava de política, a maioria dos entrevistados responde que sim e que acha isso algo positivo, e que valoriza o programa na medida em que não é política partidária ou de apoio a algum candidato. Novamente, começando com quatro falas de Salvador:

Eu gostei de um fato, assim, da forma como o pastor, ele lê. Ele falou sobre Josué 2:15, a forma como ele levou a questão do Jardim, trazendo para o meio ambiente. Uma forma que eu nunca tinha visto. Assim, a gente falava do Jardim do Éden. É uma coisa nossa, mas trazer para a nossa realidade, para o meio ambiente, para mim foi uma coisa, assim, de ouvir, as-



sim, tão... Entrei dentro do programa para me ver. Como é que ele estava falando de e para mim. Foi uma aula. Sobre a questão do desmatamento, sobre a questão da gente pensar direito o seguinte, já é, já tem acontecido a questão das datas que ele colocou, como é que acontece aí de posto? Isso tudo é verdade mesmo. Como é que as coisas acontecem, que a culpa realmente é da população, porque a coisa que o mundo tem andado dessa forma, que é uma coisa que nós precisamos discutir, quando aquele pastor de Recife, o projeto que ele cuida; muda a igreja dele. Eu acredito que a igreja ela deve despertar mesmo para esse a questão de trabalhar com o meio ambiente, e a gente muito interessante. Esse projeto do pastor – **mulher, 48 anos, de São Luiz, da Igreja Batista Nacional, branca, contadora, eleitora de Lula**

Eu gostei dessa relação que eles colocaram lá na vida e tudo que está acontecendo hoje. Então, se as pessoas prestarem atenção, tudo está escrito. Tem nenhuma mentira ali. A gente vê todas essas coisas acontecendo não é à toa. Esse calor excessivo que está agora, né? Tem que ter a obra que está sendo comparada até com o deserto aqui com essa temperatura toda. É tudo isso, é uma parte aí – **homem, 41 anos, de São Luiz, da Igreja Adventista do 7º Dia, preto, padeiro, eleitor de Lula**

Eu achei bem interessante. Acho que é um programa interativo, o qual ele não está pautado somente por uma pessoa, como já disse, então é a opinião de várias pessoas ali, porque vão formalizar. E os temas que eles abordam, geralmente são pautados dentro da Bíblia. Eles fazem referência da Bíblia. Eu achei bem interessante o contexto social, né? Atual, apesar de eu gostar do programa, mas como o nosso amigo ali, ele falou mais voltado pra Palavra, mas eu achei bem legal, bem legal. Também gostei – **homem, 39 anos, de São Luiz, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, corretor de imóveis, eleitor de Bolsonaro**

Eu vi por causa do link e eu gostei que tudo o que foi dito com relação ao meio ambiente, cotas, reparação histórica, foi tudo pautado na Bíblia, né? E eu, é, particularmente, nunca tinha prestado atenção. Que tudo que acontece hoje, esse desrespeito, essas injustiças, e essa questão do meio ambiente, do ser humano não ter esse cuidado com o meio ambiente, realmente tá ali pautada na Bíblia, né? Lá em Gênesis, naquela leitura de Gênesis 2 ao 15, então realmente está tudo ali e a gente vê que nós, como cristãos, a gente tem que exercer o nosso papel também de cuidado, né? De cuidado com meio ambiente. Não é só estar vivendo num planeta não. Esse daí tem que ser jogado nas mãos de outras pessoas, não. Nós também temos que fazer a nossa parte do cuidado porque, como a Palavra diz, quando Deus criou Éden, era para que toda a sua existência do homem estivesse ali, né? Adão e Eva cuidando e tirassem toda a sua a sua subsistência dali. E nós, é o que a gente vê é que os dias estão passando, o tempo está passando, e o nosso planeta ele está sofrendo com a consequência de tudo aquilo que o próprio homem está causando. Então, assim, é, Foi muito interessante. Eu nunca tinha ouvido um programa assim, mas foi muito interessante saber que nós estamos pautados. Estamos é, como é que eu posso dizer, respaldados na Bíblia com tudo que está acontecendo, né? Então é responsabilidade nossa também, cristãos, evangélicos, a gente cuidar, mostrar o caminho do cuidado com o meio ambiente, que, afinal de contas, nós vivemos aqui, né? Então, a minha opinião é muito igual à dela... – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

Destacamos ainda o fato de que os ouvintes elogiaram bastante o que chamamos neste relatório de dimensão política do Papo de Crente. Quando perguntados se achavam que o programa falava de política, a maioria dos entrevistados responde que sim e que acha isso algo positivo, e que valoriza o programa na medida em que não é política partidária ou de apoio a algum candidato. Novamente, começando com quatro falas de Salvador:

Ah, um pouco eu achei que fala sim. Pra mim é bom, bom até para abrir nossa mente né? Porque a gente, ultimamente, não está nem tendo direito, a gente está votando mais sem amanhã. E não vou mentir. Aí, vocês, assim, já abrem mais a nossa mente, porque a gente é assim e a gente está tão desacreditado com esse negócio – **mulher, 38 anos, de Salvador, da Igreja Pentecostal Aliança com Deus, branca, dona de casa, eleitora de Bolsonaro**

Na atualidade, as pessoas abominam o termo política, né? Política, ela tem vários vetores, é a política pública, a política social, a política financeira. E de onde nós vivemos, a gente, com quem nós convivemos, então, é, não tem como fugir da política. O tema é político, vai ser político para mim, então é importante ser porque ele é emblemático, ele é motivador, ele é instigador, mexe com você. Bem que nosso irmão falou, disse: “a política de reparação não é uma política recente; já são políticas, já tem anos.” Mas, graças a Deus, com essa iniciativa, graças ao Papo de Crente, tomou conhecimento e vai buscar novos temas. Pra mim tá perfeito – **homem, 40 anos, de Salvador, da Igreja Assembleia de Deus, preto, empreendedor, eleitor de Bolsonaro**

Eles abordam temas políticos, e traz sabedoria para a gente. Eu não assisto muita televisão e tem coisas que ficam ocultos. Há pessoas que não estão ali acompanhando a política, então, abordando isso, é importante, né? Ele traz sabedoria - **homem, 42 anos, de Salvador, da Igreja Misp Visão Celular, preto, motorista de app, eleitor de Bolsonaro**

A questão é o seguinte: a religião e a política se misturam sim, né? Que uma convive com a outra. O que acontece é o seguinte: o negócio é imposição. O que aconteceu durante esses anos aí foi a imposição da politicagem na igreja, ou seja, o meu candidato é bom, ele é melhor, vote nele. E muitos se tornaram mentirosos porque falou que ele ia fazer e que quando ele, na verdade não fez, entendeu? Então assim, eu acho que a política pode se misturar, mas cada um tem a sua opinião e as opiniões têm que ser respeitadas – **homem, 37 anos, de Salvador, da Igreja Batista das Canções, preto, técnico em prótese, anulou o voto**

O mesmo sentimento apareceu em Belo Horizonte, cujo grupo focal nos ofereceu seis relatos nesse sentido:

Eu tinha essa impressão de ser política, mas, no finalzinho, você ouvindo tudo, vai apurando e vê que o tempero estava certinho, foi tudo, tudo dentro dos conformes, tá perfeito – **mulher, 51 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, parda, cabelereira, anulou o voto**

Eu achei que a gente já tá acostumado muito com essa ideia de tudo que a gente escutar é política, é a mesma baboseira de sempre, sempre eles fazendo a média deles pra ganhar voto e tal. Mas, no final, não foi nada disso, foi uma coisa que é essencial mesmo, é uma ideia muito bacana – **homem, 30 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista, branco, supervisor de frotas, anulou o voto**

“ É, eu sinto uma pitada de política sim, mas eu acho que para tratar da sociedade tem que envolver um pouco de política, não tem como fugir disso, então achei bem equilibrado e necessário ter essa pitada de política como teve nos dois áudios – **homem, 42 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Congregação Shalom Adonai, preto, operador de máquina, eleitor de Bolsonaro**

” Política, para a gente mexer com o ser humano, com a sociedade, tudo tem política, mas não é uma política agressiva, não é aquela política que te ofende. Aí, eles falaram de assuntos relevantes, né? Assuntos sérios. Igual no primeiro. Chegou até a falar da COVID, da cloroquina, de não sei o quê. Gente, pega o remédio para verme, como que é para lúpus, junta tudo e fala que resolve? Enfim, né? Eles explicam as fakes news. E, querendo ou não, tudo tem política, mas eles conseguiram fazer uma política leve, sabe, que você consegue entender, ouvir, e te pôr a pensar, porque ninguém aqui ouviu os dois links e ficou ah, pega lá, eu vou gravar qualquer coisa, chega lá, vou falar, ninguém vem, tocou todo mundo. E é isso, a gente está precisando, porque você vai ver o podcast está falando a traição de fulano, da cueca de sicrano ou no pé do outro está faltando um dedo. Eu não quero saber disso não, gente. Aí você pega o outro que o tempo é maior, mas satisfazem mais e é uma coisa leve – **mulher, 43 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Águia com Fogo, preta, dona de casa, eleitora de Lula**

Sim, eu achei super, supertranquilo. Eu acho que nos últimos anos a gente nem conversava de política. Ninguém conversava de política. Hoje em dia, acho que as pessoas elas precisam entender também, para a gente até conseguir debater com os outros e nada, assim, mais justo do que a gente aprender de uma forma didática, que eu achei a didática muito boa no podcast, coisa de fácil entendimento. Ninguém está falando uma coisa que você não consegue entender as palavras que a pessoa está falando. Então, eu acho ele, tipo assim, muito bom – **mulher, 30 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Universal do Reino de Deus, branca, fisioterapeuta, anulou o voto**

Eu acredito que tudo o que foi dito ali é política, tudo foi dito ali é política. A gente está acostumado a pensar em política como aquela coisa partidária, né? PL, PSDB, PMDB, PT tudo aí, tudo partido e tal, política partidária? Mas eu falo da questão ideológica da coisa, né? A ideologia do que aquela política traz e tudo, e a forma como também como é apresentada, né? A forma como o programa é apresentado, ele é de cunho político. Eu falo de que o político não é em questão de partido nenhum. Não, não estou falando que está levando, falei questão de ideologia. Ideologia política é que, é praticamente semelhante a política que nós estamos fazendo aqui, que cada um fala, escuta, a gente debate algumas coisas, é, pode entrar em conflito em outros, pode acrescentar em outras. Eu acho que isso política e é exatamente o que programa fez, o que eu quero. Acrescentar isso, falar do negócio social para mim tá diretamente ligada ao político - **homem, 32 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista Jardim Felicidade, preto, motorista de app, eleitor de Lula**

Já em Porto Alegre, foram 4 depoimentos que valorizaram o programa por falar de política:

Acho que está. Pelo que eu entendi, o programa é para falar da atualidade, das coisas que estão ocorrendo. Então, vai falar sobre política, para acompanhar? É o que está ocorrendo,

né? Acho que é importante trazer sim, porque traz como um todo, né? **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

Nesse caso do podcast, que é esse aí que a gente escutou, está sendo objetivamente tratado como política, só que de uma maneira mais suavizada. Não se está falando em partido ou em candidato, está se falando de um tema que está dentro de uma política pública. Então, está sendo, eu achei, eu achei bem válido assim, né? - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, branco, analista jurídico, eleitor de Bolsonaro**

Eu achei bem boa abordagem, também foi válido, foi uma coisa mais. Não, não teve uma posição, assim... - **mulher, 30 anos, de Porto Alegre, da Igreja Palavra Viva Church, branca, supervisora administrativa, eleitora de Bolsonaro**

É, dizer que o governo votou projeto de lei para cota, então é interessante falarem de onde é que veio, né? De onde que veio? Qual o embasamento do assunto? De onde é que veio? Ou então, às vezes, o que aprovou, ou que rejeitou a determinada proposta - **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

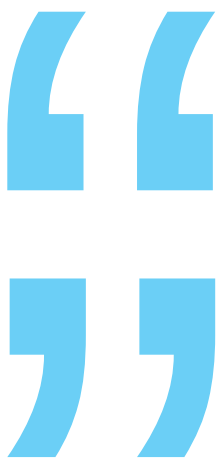
Em São Paulo, a maioria relatou que acha positivo que o Papo de Crente aborde temas políticos. Extraímos três depoimentos ilustrativos dessa positividade:

Eu acho assim, quando coloca uma tendência, sabe, está ali no debate. De repente, chega com a tendência, os apresentadores ou um convidado com a tendência partidária de um segmento político, estragou. Ali já está política pura, crua, e o programa não é político. O assunto é política, mas quando os apresentadores vão convidar o que está ali, entra especificamente na tendência do assunto de política, colocando a sua opinião política, já se torna um programa político. Para mim, já não tem interesse. Mas não foi isso que aconteceu no programa - **homem, 52 anos, de São Paulo, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, consultor de vendas, eleitor de Lula**

“ Papo de crente às vezes cria um preconceito das pessoas. Poxa, de novo é porque só pra falar de igreja, pra falar de eles acham que a colocação foi maçante, chato... De repente, colocar um tema que seja mais impactante. Sabe alguma coisa que fala, né, isso aí. Pra você ver como, onde tá a cabeça da pessoa. Crente não fala de política, crente não fala de atualidade, entendeu? - **mulher, 37 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, auxiliar de administração, eleitora de Lula**

” Mas, sim, sim, sim, na verdade fala com tendência e é errado, na minha opinião Acho que deveria falar sem tendência, como faz o Papo de Crente, que fala de política, mas os que existem falam com a tendência política. Pra mim, não, o papo de crente é um papo diferente. Não, eu não falo, não é uma coisa, discute o assunto, fala sobre o assunto, traz uma palavra pessoal - **homem, 33 anos, de São Paulo, da Igreja Lírio, preto, porteiro, anulou o voto**

Em São Luís, praticamente todos os participantes destacaram que é positivo o programa abordar temas políticos, gerando um interessante debate entre eles:



Eu gostei porque fala de aprovação, ciência. Sabe? Que aí já desmistifica um pouco essa questão do extremismo que a gente vivenciou e ainda vivencia um pouco, né? Em relação aos últimos anos, né? Então, eu gostei. Eu gostei bastante de uma fala de justiça social. Entendeu? Eu acho que assim é da importância da igualdade que está havendo, de uma sensibilização em relação ao que é a política, ela não é, necessariamente, só a partidária, né? Nós temos que conversar e saber que em todo momento a gente está politizando. E eu já conversei com meu filho de 8 anos sobre política, porque eu digo pra ele assim: “filho, político é a arte de você saber dialogar, é a arte de você convencer as pessoas para um objetivo seu ou um objetivo coletivo.” Né? Isso melhorou bastante com o avanço da internet, não é? Mas muitas pessoas olham a política partidária como se fosse aí, como interferir na minha vida, aí não tem porquê, é só balela, são tudo corrupto mesmo. Conjunto safados, só querem entrar lá só pra roubar. Mas é fazer essa reflexão de que é eles lá também, eles estão lá principalmente para nos representar. Infelizmente, se eles estão lá e são, que são a grande maioria, são corruptas. Eles também estão representando parcela da nossa sociedade. Quando eu falo isso, eu digo o quê? Eu digo que a gente aponta o dedo para dizer que o político partidário ele é corrupto, mas a gente vai lá e consegue dar um jeitinho para fazer o exame primeiro do que o outro lá, né? Então, será que a gente também não é corrupto aqui, nas nossas pequenas ações? Então, será que o nosso Congresso, será que nossa Assembleia, será que nossa Câmara dos Deputados está cheia de corruptos, né? Porque também a sociedade sim, tem, tem. São questões que a gente tem que começar a dialogar. E refletir, para inverter e melhorando, né? Devagarzinho e sempre – **homem, 42 anos, de São Luiz, da Primeira Igreja Cristã Evangélica, pardo, professor, eleitor de Bolsonaro**

Sim, Porque nós somos um ser político, né? Parece que está na nossa veia, né? Então, os livros não estavam errados quando eles falaram isso – **homem, 38 anos, de São Luiz, da Igreja Assembleia de Deus, preto, professor, anulou o voto**

O programa falou tudo de tudo, falou sobre o país, sobre o governo, sobre a vida. Falou um pouco, mas foi uma coisa interessante. Fala em tudo, a pessoa que não percebe, não entende, que não conhece. Mas ele falou tudo, falou um pouco, mas falou tudo para quem tem que falar, tudo – **homem, 45 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, pardo, ajudante de pedreiro, anulou o voto**

Fala sim e tem que falar, nem que seja um pouco, mas tem que falar depois que a gente como crente, a gente tem que saber escolher, né? Quem está representando ali ou a nação é um... Tem que falar... Aquilo que ele falou foi algo de importante, né? Falou sobre um projeto de lei, né? Que está tramitando no Senado, o qual essa lei permite a utilização de recursos naturais e construção de empreendimento dentro da área indígena. Então, se é um empreendimento de um clima que está sendo abordado, né? Então é interessante pra gente, é interesse nosso, então acho que é legal, não é um espaço grande de tempo, né? Uma reforma, aquilo a gente informar, até porque depois a gente não tem aquele contato, não sabe mesmo que tá passando ali no Senado, no Senado, né? Projeto de lei... e então, a gente tem que se manter informado. E ponto mesmo – **homem, 39 anos, de São Luiz, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, corretor de imóveis, eleitor de Bolsonaro**

Eu acho que fala de política. Eu acho muito bom que seja falado, porque essa eleição agora ela trouxe um despertar político para muita gente que não entendia, não entendia um cenário,



não entendia nada. Então, hoje em dia, tem muitas pessoas que buscaram esse conhecimento, até pra entender, saber em quem votar, né? Porque o voto é que define tudo. Então, ele tem que ter realmente esse despertar, mesmo político – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

É com relação a esse ano passado, né? Foi ano passado, ano passado é a política. Ele trouxe realmente um despertar, principalmente no meio cristão. Então, eu acredito que falar um pouco de política vai ser uma boa ajuda. O programa todo pode falar. É bom, OK? Particularmente, há muitos anos atrás eu não suportava falar de política. Até um tempo, quando o Senhor me trouxe uma revelação por meio do texto de José, porque José foi governador do Egito, e aí o Senhor me mostrou. O Senhor abriu meus olhos para o meio desse texto. Poxa, José era governador, mas eu não vou gostar de política, aí eles não serão. Tem uma coisa, eu não suportava nem que ninguém fala de política para mim, digamos, não vê não? Eu voto que eu sou obrigado. Aí quando eu fui, a pessoa falou comigo: “cara, você...” Eu comecei a pedir perdão, agora eu mudei, porque hoje eu escuto sobre essa relação política, eu ouço sobre a questão de política, para mim poder compreender o que está acontecendo... – **mulher, 48 anos, de São Luiz, da Igreja Batista Nacional, branca, contadora, eleitora de Lula**

Hoje as pessoas costumam olhar mais – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

As notícias exatamente. Olha, TV Senado, o que que está acontecendo no Senado? O que que está acontecendo? Sabe por que as leis que estão sendo votadas, tudo ali é o que eu vou... E antigamente a gente, a pessoa, vivia no automático, vai para o trabalho, volta para o trabalho, leva a menina para uma escola, faz a sua vida bem ali e esquece que por trás de tudo isso tem ali um mundo - **mulher, 48 anos, de São Luiz, da Igreja Batista Nacional, branca, contadora, eleitora de Lula**

Consegue saber política quando o salário aumentou. Era bom, aí estou, mas hoje não eu. Vou falar para a gente, a gente não é, a gente se encontra. Tudo o que está acontecendo, as leis, os projetos. O que que eles esqueceram que os políticos não olham para... - **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

Já ficam atentos também aos deputados, vereadores. Que voltam dos projetos que são pensados para leões que sobram esta volta do povo que você defende exatamente - **mulher, 43 anos, de São Luiz, da Igreja Batista do Angelim, branca, analista de RH, eleitora de Bolsonaro**

Atualmente, com a evolução dos meios de comunicação, tem como saber mais sobre algumas coisas que são ditas, que são verdadeiras, são falsos. Como, antigamente, as coisas eram mais falada de boca a boca, e é isso. “Fulano falou que é isso, rapaz?” Eu vi que aí a pessoa ia por isso mesmo. Acho que uma evolução dos meios de comunicação na internet. Abrindo mais a mente das pessoas a respeito da política – **homem, 41 anos, de São Luiz, da Igreja Adventista do 7º Dia, preto, padeiro, eleitor de Lula**

Além das dimensões que envolvem o conteúdo do programa, os participantes dos grupos focais também foram perguntados sobre o que acharam das dimensões que abarcam a forma do Papo de Crente, tais

como duração, se tem pouca ou muita música, se tem pouca ou muita oração. Há uma quase unanimidade em defender o formato atual, com 30 minutos de duração, em que se alternam músicas, orações, louvores e os assuntos abordados.

“ Tem tudo o que a gente precisa, tá? Aí, o meu irmão dizendo não, que agora é hora de orar. Não, não. A rádio tem oração também - **mulher, 41 anos, de Salvador da Igreja Pentecostal Filadelfia, branca, ambulante, eleitora de Lula**

” Foi bem explicativo, e que de manhã dá também o tempo, que o tempo que a gente tem é pouco. Se for acrescentar mais oração, a gente vai ficar sem saber o que é que vão vir - **mulher, 60 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, diarista, anulou o voto**

” Eu ouço no carro. Então, assim, eu gasto trinta e cinco minutos da minha casa para o trabalho. Então assim, para mim é o tempo ideal é 30 minutos. Que mais do que isso eu vou pausar, mas depois eu não vou escutar mais. Ou eu vou ter que voltar tudo do início, ou então vou ter que ficar pausando - **mulher, 30 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Universal do Reino de Deus, branca, fisioterapeuta, anulou o voto**

Tem no começo e no final. Pelo tempo que ele tem, tá bom duas orações – **mulher, 43 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Águia com Fogo, preta, dona de casa, eleitora de Lula**

É tão gostoso, envolvente, aborda outros assuntos que os 30 minutos passam como 5 – **homem, 52 anos, de São Paulo, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, consultor de vendas, eleitor de Lula**

Tinham 30 minutos, mas parecia que eu tinha escutado em 5 – **mulher, 35 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, microempreendedora, eleitora de Lula**

Não fica aquele programa extenso, cansativo, né? – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

As principais sugestões sobre a forma foram a de aumentar a recorrência do programa, que para a maioria deveria ser veiculado pelo menos duas vezes por semana; e pela diversificação do formato, ampliando para além do áudio, com um canal no YouTube. Aliás, foi interessante identificar que grande parte dos ouvintes nos grupos focais identificou o Papo de Crente como um podcast e não como um programa de rádio.

Não tenho tempo pra rádio, porque você tem que parar pra prestar atenção. Música, você ouve, vai fazendo outras coisas, mas assuntos como esse numa rádio fica ruim. O assunto foi interessante, mas quero ver de novo, você não consegue porque não está gravado. Podcast é interessante, você consegue rever - **homem, 49 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, preto, conferente, eleitor de Lula**

No YouTube ia ser bom porque tem aquele negócio lá que você vai mudando, e se assim quiser ser ouvido mesmo, você gasta um dinheirinho em 5 realzinho, manda lá, aparece tão querendo top demais – **homem, 41 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, branco, vigilante, eleitor de Bolsonaro**

A propagação será maior – **homem, 32 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista Jardim Felicidade, preto, motorista de app, eleitor de Lula**

Vocês divulgam a partir de tal dia, vai ter no YouTube, a partir de tal dia o nosso canal é esse, aí no dia a gente bomba e todo mundo vai lá, se inscreve e tudo mais – **mulher, 43 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Águia com Fogo, preta, dona de casa, eleitora de Lula**

E no Spotify também dá pra você o tema todo. É porque você baixa o Spotify, que acontece, vai estar tudo ali, e vai ter o 111, o 99, até o tema que já foi dito antes. E em todo lugar que tem Wi-Fi, pega internet. Assim, por exemplo, assim, aí a gente ouve na gravação a reprise, na hora também – **homem, 43 anos, de São Paulo, da Igreja Caminhando com Jesus, preto, pedreiro, anulou o voto**

O YouTube, pelo fato de ser imagem, ele exige de ti. Ele exige de ti, de tu te sente e então presta atenção. Eu ouvi o ouvi os dois, os dois vídeos lá fazendo minhas atividades do cotidiano, e aí a gente consegue. Entendeu? Eu, pelo menos eu, não me desconcentro, eu estou vendo lavando uma louça aqui – **homem, 42 anos, de São Luiz, da Primeira Igreja Cristã Evangélica, pardo, professor, eleitor de Bolsonaro**

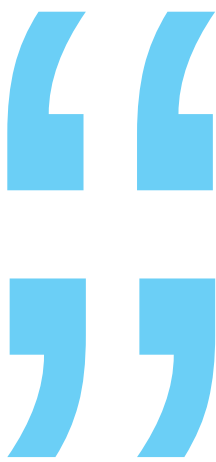
O podcast ajuda n?, Quando você está fazendo uma atividade que é automática, né? Dirigir automático. Então, eu consigo dirigir. Eu consigo ouvir aqui – **mulher, 43 anos, de São Luiz, da Igreja Batista do Angelim, branca, analista de RH, eleitora de Bolsonaro**

Finalmente, mas não menos importante, o bloco de perguntas sobre o Papo de Crente se encerrava com a seguinte questão: O Programa pode ajudar na sua caminhada cristã? Uma vez mais, a ampla aceitação fez com que quase unanimemente todos respondessem que sim. Selecionamos alguns relatos que, em nossa avaliação, sintetizam e representam o conjunto das pessoas que escutamos nos grupos focais:

O conteúdo do Papo de Crente é enriquecedor porque traz o conteúdo dogmático, traz o conteúdo hermenêutico, né? De uma forma simples que as pessoas ou eu não sabia sobre isso, normal. Mas eu acredito, tenho certeza que eles depois daquele dia, não vai sair da mesma forma que ele entrou, tá? – **homem, 40 anos, de Salvador, da Igreja Assembleia de Deus, preto, empreendedor, eleitor de Bolsonaro**

“ Sim, pode ajudar, sim. Quando tu aborda o conteúdo, tu consegue passar pro próximo e dizer: “ó meu, nós temos que manter, vamos dar um exemplo do meio ambiente, assim que cuidar das coisas, não jogar lixo nos rios...” Essas coisas... Que nem no primeiro estava falando, né? A questão das cotas também, ali do segundo podcast. E, então, o programa ajuda. Posso saber, pode interagir com as pessoas também em cima do que for abordado no programa – **homem, 40 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, pintor automotivo, eleitor de Lula**

Eu achei interessante, achei esse formato também é interessante e contemporâneo, até para os jovens de hoje. Essa geração que está vindo aí são todos mais digitais, né? Isso é inevitável. A gente sabe, né? Para eles começarem a se interessar por esses tipos de assunto, né? Fora da igreja também, entendeu? Então, achei bem interessante, gostei – **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**



Sim, tira aquela venda, aquele preconceito de não pode falar de Jesus, não pode falar de outros assuntos, tipo a lei das cotas. Tenho 35 anos de crente, nasci e cresci na igreja, nunca ouvi falar disso dentro da igreja – **mulher, 35 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, microempresendedora, eleitora de Lula**

Ah, só o nome, quando eu comecei a ouvir a primeira vez, já me ajudou bastante, já abriu minha visão totalmente, como já foi dito aqui. E abrir a visão é a gente crescer mais, por isso que havia muitas vezes, né?... Porque eu sou naquele mundinho... é, tem rádio que vai tocar só é louvores e pregação, mas a gente também tem que ter informação do que está aqui acontecendo também, né? Se a gente não tem informação, a gente fica uma pessoa leiga – **homem, 43 anos, de São Paulo, da Igreja Caminhando com Jesus, preto, pedreiro, anulou o voto**

Ele ajuda. Algumas pessoas falaram sobre as cotas à luz da Bíblia. Então, ele ensina, né? Ele instrui, então ajuda, né? Porque como eles disseram que não conhecia, não sabia disso aí, então foi edificante, então eu vou passar a escutar – **mulher, 56 anos, de São Luiz, da Igreja Renascer em Cristo, parda, profetiza, eleitora de Bolsonaro**

Ouvi o programa com meu filho, vocês devem ter percebido que quando eu falo do meu filho assim, ele odeia a igreja, né? Ele, não, não, não vai com a igreja. Ele tem 29 anos. Ele, ele é não religião, mas ele puxa mais pra Umbanda? Apesar dele não ser praticante, vestir roupa, ele puxa mais pra esse lado aí e ele é cotista, né? Se formou através das cotas e ele amou essa parte de ouvir as cotas. Eu vi como ele ouviu lá o que tá pautado na Bíblia, ele foi pro quarto, né? Ele foi pro quarto, eu digo, aí eu fiquei pensando. Quando eu queria saber se realmente mais de uma coisa, eu pedia: pega uma Bíblia, lê, e isso para mim.” Meu filho pegava uma Bíblia. Gente, porque é quando eu me converti em 90, ele estava bem pequeno, tinha acabado de ter ele, então ele ia para igreja comigo, que ele era um bebê, né? Aí, quando ele cresceu, que ele entrou na faculdade, ele conheceu outras pessoas, outros amigos e começaram a conversar com ele e dizia: “Ah, negócio de crente e tal”. Então ele... Ele meio que é, é sabotar assim, sabe? Consciente dele, a mente dele. Então ele não vai na igreja, não era. Não pega mais a Bíblia. Ontem, justamente por causa do tema que ele defende, Né? Ele foi lá, ele pegou a Bíblia e foi ler. Eu disse: “tá vendo? Ó, filho, tá na Bíblia.” E ele pegou a Bíblia, ele leu, ele viu, ele escutou todo os 2 links, ele escutou todo comigo. E ele viu que pra ele foi muito interessante, é saber que, nossa, isso tá na Bíblia mesmo. Então, pra mim aquilo foi uma vitória, porque foi um jovem que repudia a Deus, né? Ele fala que ele não acredita em Deus, enfim... Você é criação de Deus, acredito em Deus, né? Ele acha que a maldade que acontece no mundo é porque Deus deixa aquela coisa que as pessoas, né? Quando eu sentei para ouvir o link, ele para falar e ele está com o celular. De repente ele fez assim, aí eu meio que, no imaginário, eu vi os ouvidos dele crescendo, as orelhas dele crescendo para aquele assunto, e ele foi até o final comigo ouvindo, e o que foi interessante, o que chamou a atenção para ele foi saber que aquilo ali está na Bíblia – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

A enorme aceitação do Programa Papo de Crente, tanto no conteúdo, reconhecido pela maioria como político, informativo e com base cristã, quando pela forma, tida como agradável, gerou um sentimento de unidade entre os participantes de todas as cidades que seria quebrado no bloco seguinte, quando abordamos as questões políticas gerais que envolvem Lula e Bolsonaro. Em que pese enxergarmos sim a manutenção da divisão e da polarização, foi animador ver que, entre as e os crentes, começava a se consolidar uma perspectiva de aceitação do governo Lula e de crítica ao modo como o bolsonarismo misturou política e religião nos últimos anos.



# 3. Política e Economia

O terceiro e último bloco de perguntas do roteiro que apresentamos aos grupos focais abordou as percepções das pessoas sobre a política e a economia do Brasil. Aqui, é preciso fazer uma nota metodológica antes de apresentar nossas conclusões: em todas as cidades, os grupos contavam tanto com eleitores de Lula quanto com eleitores de Bolsonaro, mas sempre em uma proporção maior dos aderentes ao ex-presidente, uma vez que ele venceu nesse segmento da sociedade. Os grupos contaram também com uma parcela mínima do chamado eleitor “nem, nem”, aquelas e aqueles que optaram por outros candidatos ou por anular o voto em 2022.

Dito isso, foi animador concluir que embora não haja uma ruptura massiva das e dos evangélicos com Bolsonaro, a maioria demonstra de forma bem nítida uma não adesão aos radicalismos do bolsonarismo. Essa dimensão fica bem evidente quando questionados sobre se aprovam ou não a mistura entre política e religião. Ao mesmo tempo, elas e eles não indicaram uma aprovação firme do governo Lula, mas em sua maioria esboçaram um reconhecimento de que, no plano econômico, a vida está melhorando.

Nesse caso, a dimensão regional que atravessa as eleições brasileiras desde 2006 também se fez presente com o aumento da avaliação positiva em Salvador e São Luiz, cidades em que Lula ganhou com ampla vantagem; diferente do que ocorreu em São Paulo e Porto Alegre, onde Lula venceu, porém por uma margem mais estreita, apresentando um equilíbrio. Maricá e Belo Horizonte apresentaram mais opiniões favoráveis a Bolsonaro, uma vez que ele venceu bem nesses dois municípios.

Obviamente que, em todos os grupos focais, apareceram características que algumas pesquisas consideram como típicas dos bolsonaristas, tais como a propagação de fake news sobre as eleições e a justificativa de tudo que ocorreu de ruim com o governo Bolsonaro, como sendo por conta da pandemia da Covid-19. Mas tais manifestações foram minoritárias e, quando apareciam, não contaminavam nem pautavam o conjunto dos participantes.

Vamos começar com a dimensão econômica, com três depoimentos de Maricá:

Pra mim a economia ela está engatinhando, porque não tem como mudar de uma hora pra outra. Eu tô vendo uma luz num túnel agora. Porque antes, quatro anos se passou e não teve um aumento de salário. Agora, já teve aumento de salário – **homem, 52 anos, de Maricá, da Primeira Igreja Batista, preto, electricista, anulou o voto**

Agora eu acho que ele está no primeiro ano de governo dele, o Lula. E eu acho que se ele continuar no passo que ele está, é capaz de melhorar. Se ele continuar também seguir os planos que ele está agora. Porém ele não conseguiu muita coisa ainda não. Eu quero dizer, que tipo assim, tipo assim, ele conseguiu melhorar do jeito que o Bolsonaro deixou, só que ainda não está 100%. Se continuar nesse caminho, pode melhorar - **mulher, 35 anos, de Maricá, da Igreja Bola de Neve Church, branca, doméstica, eleitora de Lula**

A economia? Eu vejo uma estagnação que me parece. Mais ou menos a mesma coisa. Eu sinto isso, né? Parece que tá na mesma, diz assim, não vejo ele caindo, não vejo pra mim também muitas modificações, não sei se é só impressão. Tudo bem está igual. A questão dos preços? Mas eu estou vendo os preços mais ou menos de uma coisa. E quem é o responsável? Não vejo só o presidente. É tem também os governadores, né? Cada Estado... Sou funcionária estadual, então, dependendo das decisões deles, me afeta e afeta todos nós também, então não é só o presidente, pois tem os governadores, tem os prefeitos, prefeituras, tem tudo isso, um conjunto - **mulher, 41 anos, de Maricá, da Primeira Igreja Batista, branca, professora, eleitora de Lula**

Em Salvador, selecionamos 7 depoimentos com essa avaliação moderadamente positiva do governo Lula:

Eu acho que sim. Porque baixou muita coisa que no governo Bolsonaro estava tudo alto. Feijão, arroz, óleo. Ah, mas o óleo agora está de 6,50 reais e pouco, a gente chegou a pagar a 14 reais 1 litro de óleo, custou um triplo do que está custando agora. Mas as coisas abaixaram hoje, baixou tudo: o arroz, feijão, farinha, tá tudo baixo. A gente, pelo menos, a gente que vai no mercado, a gente sentiu que melhorou bastante. E o gás voltou a aumentar de novo, agora que ele também chegou a baixar de novo, porque se ele fosse no governo do Bolsonaro, o preço do gás tava pra lá de 200 reais - **mulher, 41 anos, de Salvador da Igreja Pentecostal Filadelfia, branca, ambulante, eleitora de Lula**

A única coisa que não abaixou é o gás. É, e a carne, mais ou menos a carne - **mulher, 46 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, ambulante, anulou o voto**

Existe 2 tipos de economia e que a gente viu nesses governos? Uhum. A economia que o governo, ele olha para o pobre, não é que você vê na, no mercado, nos últimos 4 anos, a gente ia no mercado e não que hoje a gente vai comprar, não é, mas tem pelo menos o fundamental, o básico, o básico, né? Que o brasileiro consome que é o arroz, o feijão, o leite, o óleo, não é? São coisas que têm que estar a um preço lá embaixo, porque é algo que todo mundo vai usar, o rico não sabe o preço do feijão, porque ele não vai no mercado. Ele não sabe o preço do óleo, ele não sabe o preço do leite, ou não vai no mercado. Então, assim existe, existe a política que olha para a economia da população e existe a economia que olha para a economia de quem investe nos investidores. Então, assim, para os investidores, hoje se pode dizer que a economia não está boa, mas para o pobre, assalariado, ganha um salário-mínimo, que todo o todo o mês tem que ir lá no mercado... Não é olhar para ver se a sua condição dá para comprar, levar aquilo ali que você programou, e hoje, se você perguntar pra mim se a economia está boa, você vai num posto de gasolina, você pega a gasolina de 4,90 ainda né? De 5,30, já chegou a 7,90 já, entendeu? Então, assim, mas já chegou a 7,90, já chegou a 9 reais - **homem, 37 anos, de Salvador, da Igreja Batista das Canções, preto, técnico em prótese, anulou o voto**

Nós vivemos num sistema de governo em que não necessariamente o chefe do executivo, o governador, prefeito ou presidente, tem um poder absoluto de mudar a macroeconomia, Tem o Congresso, deputados, senadores. O governo atual não dá nem para poder fazer uma análise porque vai entrar no orçamento dele agora, né? A partir de 24, né? - **homem, 40 anos, de Salvador, da Igreja Assembleia de Deus, preto, empreendedor, eleitor de Bolsonaro**

Eu achei que não mudou muito, né? Ainda tenho muita desconfiança com o governo atual, confiava bastante no governo passado, tanto que eu votei nele e esperava que ele ganhasse essa eleição, né? Porém, mas é como já foi falado, né? É o início de carreira, é o início de projeto, então, ainda tenho confiança e pode vir coisas melhores por aí - **homem, 42 anos, de Salvador, da Igreja Misp Visão Celular, preto, motorista de app, eleitor de Bolsonaro**

Acho que ainda está cedo para a gente classificar o governo do que está agora (Lula). Bem exatamente. Eu acho que melhorou na questão sim dos preços, não é? Porque realmente a gente estava comprando carne de segunda com o preço de primeira e hoje já melhorou, e muitos produtos sumiram do mercado porque hoje você já encontra com mais facilidade. e então, eu vejo que ainda está cedo. Eu acho que tem condições de melhorar assim, entendeu?

Mas ainda está cedo para a gente ter uma, vamos botar assim, uma avaliação no que ele pode vir a fazer. Mas eu acho que melhorou - **mulher, 52 anos, de Salvador, da Igreja Ministério Geração do Espírito Santo, preta, gerente de vendas, eleitora de Lula**

Vai ter que melhorar mais ainda, porque teve pessoas que até farinha seca teve que comer. Por que 1 kg de feijão tinha mesmo de custar 17 reais? Um botijão de gás, 130 reais? Hoje em dia, você já compra um botijão de gás na base do gás ou outra gás por 97 reais, por 105, mas, de primeiro, o preço era 125, 130; um feijão, 17, 15; um arroz... Então, hoje em dia, não estou desmerecendo nem o governo passado, nem o atual. Não estou desmerecendo, mas dizer que agora o fraco está podendo se alimentar, está. Aí, vai ter que ser daí para melhor, porque o pobre no passado viveu de teimoso, foi forte porque o pobre é forte. Cabra forte e teimoso é que foi difícil, foi muito duro, muito - **mulher, 60 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, diarista, anulou o voto**

Em Belo Horizonte, tivemos um relato com a percepção de uma leve melhora na vida econômica e outro que ficou indeciso:

Eu não sou muito boa pra política, nem presto atenção, mas é, eu acho que está igual a certos pontos ao Bolsonaro, né? Teve sucesso no que fez com o Lula agora, né? Aumentou certos valores do Bolsonaro, depois abaixou, agora está aí aumentando, pra cima, então assim um sobe e desce, uma balança, uma balança - **mulher, 51 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, parda, cabelereira, anulou o voto**

Então, assim, eu, no período Lula, não tenho nada a reclamar. Ah, Bolsonaro não teve aumento. Claro que não, está tudo fechando, você ia gastar com o quê? O preço estava bom, você não ia para o boteco, você não ia para uma festa, seu dinheiro era para quê? Pagar água, luz, internet e comida, aí o dinheiro dava, você não tinha festa para você ir, o dinheiro trabalhava no bolso, agora que está tudo, eu não acredito que ainda voltou, normal, nenhum país ainda se recuperou, porque é que o Brasil que é terceiro mundo vai se recuperar, com menos de um ano de governo? Isso é impossível cobrar do cara. Ele não vai conseguir resolver os problemas do Brasil, não tem nem um ano ainda de governo. Aí, mas o povo quer lá é Lula, é Lula, é PT, é PT, tem que resolver, não vai conseguir. Se os grandes não resolveram, imagina ele, né? Eu assim, o meu poder aquisitivo hoje tá bem melhor do que mesmo com tudo fechado, o meu poder aquisitivo hoje está bem melhor, do que com Bolsonaro - **mulher, 43 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Águia com Fogo, preta, dona de casa, eleitora de Lula**

Em Porto Alegre, foram seis depoimentos com sentimento de melhora na economia:

Melhor, melhor não tá, mas tá um pouco melhor que antes sim, tá. Deixando bem claro, tá pra todo mundo, a minha opinião, eu aprendi muito a respeitar a opinião do próximo, né? E gosto muito que respeitem a minha. Geralmente, os debates, as discussões que eu costumo ter com as pessoas, é por conta disso. Ah, porque tu...Eeu votei no Bolsonaro na primeira que ele se elegeu, né? E agora, na segunda, eu não votei nele por conta do que eu vejo, eu vejo muita TV, eu tô sempre na rua, então, eu acho que a economia ela não melhorou total, né? Mas ela melhorou um pouco sim de um governo para o outro, tá? Especialmente para a questão do pobre, tá? Eu sou mãe solteira, entendeu? Eu tenho 3 filhos, eu não moro de aluguel, tenho casa própria. Tenho as minhas coisas dentro de casa, sim, mas, anteriormente, a minha vida, para mim, era mais fácil do que foi nesses 4 anos do último governo. Então, agora eu estou



começando a tentar me reerguer. Aí, não foi por conta da pandemia, porque eu não perdi emprego na pandemia, pelo contrário, eu recebi uma promoção na pandemia, continuei no meu trabalho, mas pra mim ficou bem difícil a situação nesse governo do que no anterior e agora atual de novo – **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

Eu acho que não está 100%, mas que está melhor do que estava, com certeza, porque, em questão até das coisas de supermercado, né, gente? Baixou bastante o preço. O azeite que, que é... Um leite, é, 1 litro do leite, a gente chegou a pagar 8 reais, hoje já está 4 e pouco, 3 e pouco. Então, eu acho que a economia hoje tá bem melhor – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

Eu acho que o país está muito melhor - **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

Eu noto como tá melhor, eu trabalho na CEASA, e agora está bem mais movimento de gente comprando e gastando lá do que o movimento antes. Estou dois anos lá, né? Tem os anos passados, não estava tão bom, agora está bem boa, bastante movimento - **homem, 46 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, ajudante geral, anulou o voto**

Eu tenho uma consideração rápida por fazer, que a pandemia começou em 2020. O Bolsonaro entrou em 2018, então foram 2 anos que deu pra fazer, e o governo de hoje eu concordo que está melhor porque os indicadores econômicos dizem isso, a taxa Selic diz isso. As exportações, praticamente tudo começou a andar. Talvez seja por causa da pandemia mesmo, mas e os dois anos anteriores? Então a minha avaliação é de que este governo está um pouco melhor do que o outro - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, branco, analista jurídico e eleitor de Bolsonaro**

Acredito que está bem melhor. Bah! A questão de ir no supermercado, que nem as pessoas citaram, está muito mais barato e tal. Fazer compras está muito mais acessível, as coisas que tu vai ver que subiram muito. Está mais fácil de se viver nesse governo, né? Acredito que pode ter influência da pandemia também. Assim, porque a pandemia, né, veio com tudo e foi muito complicado, mas também, que nem o colega disse, que teve dois anos, né? dois anos antes que não teve muita coisa, então fica essa. Mas assim, a economia está muito melhor assim, está mais fácil de se conseguir viver - **mulher, 30 anos, de Porto Alegre, da Igreja Palavra Viva Church, branca, supervisora administrativa, eleitora de Bolsonaro**

Em São Paulo, foram quatro pessoas que relataram algum sentimento de melhoria na vida a partir da dimensão econômica:

10 meses de governo. Não vou aqui entrar na loucura de partido político, isso e aquilo. Mas, assim, o que eu vejo como pessoa, cidadão, é uma virada de mesa. Até dezembro, novembro do ano passado, as pessoas estavam, a população estava com medo de entrar no açougue, a carne em 45, 50 reais, carne, sabe? Padrão básico, hoje, 25, 26, 27 o quilo de carne, e outros tipos de carne até especiais. Eu acho que, assim, é outra mente, é outra visão de país, de povo, de cidadão, de economia, e não só nacionalmente, internamente, mas internacionalmente. Hoje, o Brasil voltou a ser reconhecido, visto como o Brasil lá fora e respeitado como o Brasil. Nós, cidadão brasileiros, voltamos a ser respeitado como cidadãos brasileiros, coisa que

a gente não estava antes. A gente estava sendo escarnecido, ignorado, escupido, não só a nossa população, como as nossas lideranças, que chegavam lá fora e ninguém queria nem olhar na cara, ficava de canto às escondidas e, ó, quem está ali é uma pessoa, mas ele está representando 200 e poucos milhões de pessoas. Uma nação. Então, se o cara chega lá, uma pessoa e todo mundo, as outras líderes, meu, que isso é um país que está ali, é uma pessoa, diz que representa um povo, um país, não é? Então, acho que é assim. Num modo geral, a economia, não vou dizer que está excelente, o ponto básico da nossa economia é inflação, inflação a cada mês está Falaram no final do ano, começo do ano que o PIB do país ia crescer 0,9; 0 alguma coisa. Já está em 2.9 e a ONU já disse que o Brasil vai crescer 3 pontos alguma coisa esse ano a economia. Então, se isso não quer dizer nada... – **homem, 52 anos, de São Paulo, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, consultor de vendas, eleitor de Lula**

E assim, alguém falou da carne. Eu conheço lugares que qualquer um que hoje, no sábado ou domingo, e andar pelo seu bairro, vai ver alguém fazendo churrasco. Sim, certeza. Tanto que eu posso verificar açougues que vende a própria picanha, a própria carne, a 35, 40 reais. Então, falar que hoje é difícil comprar carne é mentira. Sim, certeza. Tanto que eu posso verificar açougues que vende a própria picanha, a própria carne, a 35, 40 reais. Hoje a gente tem comida em casa, tem algumas coisas sim. Não estou falando que foi o governo, entendeu? Alguma coisa, alguma estratégia aí, porque o outro prendia muita coisa de que ele, ele tinha na cabeça, que ele era militar, e a forma dele tinha sido daquele jeito autoritário assim, entendeu? Aí, vem a essa outra pessoa que está agora no poder. Ele quer, bom, não sei o que ele está fazendo, porque às vezes não é só ele que faz, a gente tem, tem outras pessoas por trás – **mulher, 35 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, microempresendedora, eleitora de Lula**

Mesmo não votando no governo atual, eu acho que tá melhor, até falei pra minha mãe esses dias. Fomos no mercado, o Atacadão e falei: “mãe, vai ter outra pandemia?” Ela falou: Por quê? Falei: “Esse pessoal tá saindo com carrinho desse tamanho, enchendo 2, 3 carrinhos...” falei, “há dois atrás o pessoal saía com meio carrinho”. Minha mãe falou: “não”, ela falou, “pobre gosta de escancarar”. Ela falou: “é assim mesmo, gosta de comprar bastante, como se fosse acabar o mundo.” Porque, anteriormente, há 2 anos atrás, a gente ia sair com um carrinho, 2 carrinhos de compra como se fosse acabar o mundo. Hoje em dia, você vai lá ver 3 pessoas de uma família, para empurrar os carrinhos - **homem, 31 anos, de São Paulo, da Igreja Sara Nossa Terra, pardo, gestor de manutenção, eleitor de Bolsonaro**

“ Eu vou falar economia versus minha realidade e minha família. Nesses 10 meses eu senti uma melhora significativa. Há 10 meses atrás eu fiquei aproximadamente 7 meses sem comer carne, sem conseguir comprar a carne que era o básico. Eu acho que é o básico para algumas famílias. Compra básica dentro de casa, fazia compra, que vinha meio carrinho, hoje a minha realidade é diferente. Eu consigo fazer compras. É lógico que não dá pra comprar coisas que são classificadas como supérfluas, por exemplo, ah eu vou comprar um azeite, o azeite realmente tá nas alturas. Então, óleo, o arroz, feijão, básico de uma cesta básica para as famílias, está muito acessível. Venhamos e convenhamos, eu me recordo de quando eu fui num posto de gasolina abastecer meu veículo, porque no dia seguinte iria aumentar. Acho que para 10 alguma coisa e tinha filas que eu fiquei aproximadamente 3 horas para abastecer o meu carro, para encher o tanque e hoje eu consigo. Para mim é um preço justo, é um preço que eu consigo pagar sem precisar pegar filas quilométricas, sem pegar surpresa no dia seguinte. Então, para mim

houve uma realidade totalmente distinta. Só um adendo, no governo anterior, por exemplo, a questão de viagem, quando tinha o governo PT, eu cheguei até ir para fora do país. e então, era o dólar por real, estava ali pau a pau. Então, era as empregadas em aeroportos, eram assalariados viajando... A gente teve um padrão de vida totalmente distinto, e aí houve essa queda e a gente está tentando se levantar novamente. Então, eu acho que esse governo ele está muito favorável às pessoas que têm pouco acesso a algumas coisas, entende? Pessoas, não só negras, pessoas de baixa renda, basicamente isso. - **mulher, 37 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, auxiliar de administração, eleitora de Lula**

Em São Luís, foram oito depoimentos neste sentido, e mesmo alguns dos eleitores de Bolsonaro não concordando que houve melhora geral, admitiram que, ao menos no preço dos alimentos, a situação está mais favorável.

“ Bom, eu não entendo de cifras, né? De economia. Mas eu posso dizer, como dona de casa. No antigo governo, não sei por que, mas, se tu fosse no supermercado, né? Tanto nos grandes, nos pequenos, é... Eu não sei... Aqui as dona de casa que faz compra, né? Quem tem o hábito de ir nos pequeno mercadinho, né? Nos mercadinhos próximo de casa ou nos grandes, né? Que hoje aqui a gente tem o maior é Mateus, né? E tem ele para todo o lado, adoro. Então, se tu fosse no outro governo antes, como eu, como eu estou falando de mim, né? Você não conseguia trazer, vamos dizer, vamos botar 4 kg de carne, 5 kg de carne. Mas, é, também em termos do gás, do arroz, de tudo, porque eu sei dizer, tu tinha sim, e estou falando o que eu vivo, a minha realidade, a minha experiência. E hoje não, você já consegue comprar 1 kg de carne menos de 50 reais. Que você não comprava antes, pelo menos o botijão de gás lá na minha região. Ele estava custando 100, agora está 95, 95 reais. Então, eu estou falando dessa realidade, né? É. Eu acho assim, que o governo ele deveria investir mais nos jovens, do curso profissionalizante, alguma coisa assim nessa parte, porque é investir no futuro, né? É, e o auxílio que o governo dá, é muito bom. É muito bom porque tem muitas pessoas que verdadeiramente precisa, né? E deu aí uma baixada de preço, a gente pode ir no supermercado, você pode trazer alguma coisa melhor que você trazia. Eu não sei vocês, mas eu cheguei a comprar gás de 130 a 120. Não sei a que é alguém, né? Já pagou até a 130, né? Porque, às vezes, tu paga a taxa do empregador, mas hoje não gastar 95. Às vezes 100, agora deu uma baixada a 5. Então, na nossa cesta básica, já melhorou - **mulher, 48 anos, de São Luiz, da Igreja Batista Nacional, branca, contadora, eleitora de Lula**

Eu acho que tem melhorado, sim. É, ainda é pouco tempo, não dá para se resolver, assim, de uma hora pra outra. É uma construção, é um trabalho bem difícil, mas eu já vejo mudanças. Como ela falou, eu praticamente todo fim de semana tô indo no mercado. Trabalho fora, mas eu sou dona de casa também, eu que cuido dessa parte de compra, da educação. Então, eu tenho algumas pessoas até falando que o supermercado hoje em dia tá qual igreja, né? A gente entrava, era “ah meu Deus!”, não sei o quê, era só você reclamando, né? “Como é que eu vou, Deus, como é que eu vou comprar Deus, como é que eu vou levar uma comida para dentro de casa?” As coisas muito caro, não estava funcionando. O dinheiro, não estava tendo mais valor de compra, agora está voltando, entendeu? Aos poucos, eu já pensei, porque toda semana não dá, o arroz mais barato, o óleo, o óleo, absurdo, café, o açúcar, tudo aquilo, risco, e tem melhorado. Isso é um preço. Mas é aos poucos. É uma construção - **mulher, 56 anos, de São Luiz, da Igreja Renascer em Cristo, parda, profetiza, eleitora de Bolsonaro**

Também achei que deu uma melhorada significativa, porque eu também vou falar como dona de casa também, né? E não só como dona de casa também, mas porque não é só eu, eu observo o meu meio também, os familiares, né? A gente não está vivendo ainda aquele paraíso. Mas, aos poucos a gente percebeu, inclusive eu, que a gente retomou o nosso poder de compra. Algumas coisas realmente que estavam exorbitantes, com uma cesta básica, ela deu uma diminuída sim de preço e, para quem não é rico, nosso país para quem é assalariado ou para quem está desempregado, a cesta básica é o ouro, então, o que nos últimos anos a gente viu muitas pessoas, inclusive as famílias, não podendo mais comprar, adquirir produtos básicos, produtos da cesta básica e hoje as pessoas conseguem recuperar esse poder de compras e estão voltando a consumir de novo, né? E assim é a questão do bolsa família, sempre existe, né? Sempre teve aí, e veio o auxílio emergencial. E agora voltou novamente a ser bolsa família e a gente percebe que as famílias estão podendo ter uma vida um pouco melhor sim, na questão de ter o seu poder de compra restabelecido, né? Porque no meu meio familiar, amigos, vizinhos, eu vi muita gente mesmo desesperançoso, com a nossa realidade econômica nos últimos anos, pessoas mesmo, alguns até pensando em desistir, até da própria vida, por causa do peso da responsabilidade de sustentar uma família que não estava conseguindo mais, né? Então, eu também vi que deu sim uma melhorada. Uma mudança significativa – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

Economicamente, é perceptível, né? A gente sabe que no governo anterior os grandes números são diferentes aqui, né? Por exemplo, no governo anterior, teve um aumento considerado na economia, né? Mas agora, no primeiro trimestre, no semestre, a economia tá dando uma desenvolvida também nesse atual governo. Mas a diferença desse governo justamente é por conta de uma queda na inflação. O que puxava a inflação, no governo anterior, que a gente sabe dos motivos, né? A gente teve uma crise sanitária, como que culminou numa crise econômica também. Mas o que puxou, né? Até ano passado é o combustível, né? Nós temos algumas guerras, e fatores externos também puxaram a questão de alguns produtos do supermercado, que, de fato, aumentaram um pouquinho no nosso, de fato, acho que aumentaram também um pouquinho o preço dos produtos, né? Mesmo que a gente já percebe agora, né? Vocês são donos de casa, dona de casa, né? Também vou muito a supermercado e eu sei que alguns preços já estão diminuindo. A gente faz essa economia, nós temos a economia de uma forma macro, né? Mas também nós temos aquela economia micro. Porque é o nosso tete a tete com o produto. E a gente percebe uma diminuição de alguns preços, que é importante. Vamos ver uma família de quatro pessoas, qualquer redução de preço, né? A gente sabe que algumas reduções também não são muito significativas. Por exemplo, a do leite, né? O leite está há mais de 2 anos e 3 meses com uma alta no preço do leite. E os especialistas disseram que daqui até o final do ano não tem como diminuir o preço. O valor do preço do leite por algumas outras questões. Mas é isso, o retrato é esse, né? Então, há uma melhora sim, não é significativa, né? Mas é observar alguma melhora em alguns produtos, né? – **homem, 38 anos, de São Luiz, da Igreja Assembleia de Deus, preto, professor, anulou o voto**

Talvez na cesta básica, né? Ele não teve combustível lá, por exemplo. O combustível foi o contrário, assim que ele assumiu o governo que ele fez foi aumentando. Tá? Então, pela cesta básica, houve uma redução, é o mesmo. A gente tem que aumentar para os recursos também. Então, se fala em economia, não é só votar para a gente levar um público. É isso, é pra ser bem mais barato, pra melhorar bastante – **homem, 39 anos, de São Luiz, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, corretor de imóveis, eleitor de Bolsonaro**

“ Não sou simpatizante desse governo e eu queria saber onde é que está essas coisas baratas aí para casa, porque eu vou no supermercado com 50 reais, eu não faço toda essa cesta básica porque eu não vejo nada barato. Realmente tem coisas, ou a carne, abaixou bastante legal, algumas coisas a gente compra às vezes 1 kg, mas não é assim essas coisas. Não, não teve muita diferença na questão de economia desse governo ainda não – **mulher, 43 anos, de São Luiz, da Igreja Batista do Angelim, branca, analista de RH, eleitora de Bolsonaro**

” Eu acho que teve sim, é que ele começou agora, e está surgindo alguns empregos, porque emprego realmente não tinha. Agora tem pra serviços gerais, é serviço de servente, serviço de pedreiro que antigamente não tinha, não apenas por parte, joga serviço com pó, né? Porque puxava menos para classe alta, a classe média ficava do lado de fora, aí tudo caiu para a classe mais fraca, mas com esse novo governo não tem para a chance de não ter uma melhoria até 100%. Não é porque a gente falou – **homem, 45 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, pardo, ajudante de pedreiro, anulou o voto**

É assim, né? Agente também observa. que a gente tem algumas ressalvas em relação ao governo do PT, né? A gente tem alguns traumas em relação a como o dinheiro foi administrado nesses 12 anos, 16 anos de PT, né? Mas, a gente inclusive colocou o outsider lá, né? Jair Bolsonaro, 2018. Eu acredito que ele estava lá por rejeição ao governo anterior, ele não conseguiu essa vaga por rejeição ao governo anterior. Por que ele fez uma proposta que agradou a maioria da clientela, mas infelizmente ele não soube aproveitar a oportunidade, né? Ele teve a oportunidade, ele não soube aproveitar essa oportunidade assim com sabedoria, né? E aí, o que acontece é que a gente observou um governo que infelizmente governou pra uma pequena parcela, tanto é que ele não conseguiu a reeleição, né? E observando nesses nossos 9 meses aí de governo, a gente observa que a gente tem que... Eu por exemplo, né? Não, não votei no PT, por rejeição ao PT, né? Votei no Bolsonaro, por rejeição, né? É que eu não queria o PT lá, mas a gente tem que fazer essa crítica de que de fato algo melhorou, né? Quando o colega fala que a gasolina não baixou, eu botei gasolina de quase 7 reais aqui em São Luís, né? Então a gente sabe que, por exemplo, o petróleo, ele influencia em tudo, né? O petróleo influencia tudo, então a gente hoje está colocando uma gasolina de 5,40 reais. Então, o diesel também, né? Deu uma melhorada. Então, obviamente que a nossa cesta básica vai dar uma melhorada também e assim, fazendo um paralelo, porque eu também sou um homem de supermercado. Eu observo assim que, por exemplo, o leite Ninho, o leite Ninho no governo anterior lá era um tal de 20 reais, e é o 20 reais que ficou hoje. Hoje tu entra lá e, às vezes, tu dá aquela sorte de estar uns 16 uhum – **homem, 42 anos, de São Luiz, da Primeira Igreja Cristã Evangélica, pardo, professor, eleitor de Bolsonaro**

E então já comprei a lata de 10, 90 já – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

Já a segunda dimensão, da avaliação delas e deles sobre as misturas entre política e religião, há uma rejeição majoritária ao modo como a questão eleitoral invadiu as igrejas e a maioria dos participantes demonstra uma disposição de independência na relação com pastores. Isso desafia o preconceito do “rebanho” que atinge a noção de voto evangélico. Em Maricá, quando perguntados se “crente deveria votar em crente”, metade dos participantes disse que sim e a outra metade disse que este não é um critério de voto importante. Já em Salvador, foram 8 depoimentos com rejeição à ideia de um voto religioso:

Eu acho que a igreja não deve se envolver com política, porque, assim, no dia do culto o pastor dizer que a gente tem que votar, que a gente tem que ter um representante do meio cristão

lá, eu acho que o representante ele não vai ser representante único, entendeu? Porque ele ser representante de todo o mundo, porque é assim a igreja, ela pratica política sim, mas não essa política partidária. Ela tem que praticar a política de doação. Você está com fome, meu irmão, aí vou orar por você e vá com Deus. Isso aí o papel da igreja é levar para a Palavra de Deus e fazer a obra social também, porque a partir do momento que ela faz ação social, ela também pratica a política, é esse tipo de política, eu concordo, mas trazer, sabe não? Você vai para lá porque você vai representar, vamos botar ele lá. Eu acho que a questão para falar de casa, ela tem um grande problema - **homem, 49 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, preto, conferente, eleitor de Lula**

O grande problema da questão partidária, infelizmente, é a gente fornecer os nossos púlpitos, nossos altares para que políticos subam neles e façam política no altar. O local é sagrado, reservado pro pastor para falar do amor de Deus. Acho que a igreja pode sim ser um espaço para discussão política, inclusive partidária pode, mas fora do culto, fora. Eu sou representante da igreja, mundial? Meu irmão, você é representante do povo brasileiro, dos seus eleitores, você tem que estar lá para discutir todos os assuntos. Claro que você vai levar os valores e a visão. O acordo é, não pode pedir, eleger, mas a gente está ali para discutir, é política para o povo. Você não pode chegar lá para levar uma visão de uma determinada igreja, você está lá para representar o povo brasileiro. Que é tudo. Alguns querem usar o que é de Deus para seu bel prazer e quer usar o nome das igrejas para se perpetuar no poder. Não votaria não - **homem, 50 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, branco, auxiliar de administração, eleitor de Lula**

É, assim, mistura ou se mistura, não é? Você vai falar de aborto ou você vai falar assim na política, né? Então, essa desinformação eu não concordo. Tipo, dizer que o Lula ia fechar a igreja e tal, que na verdade é lançado esse fake News, pra enganar o povo, né? No caso, ele tem sido justamente isso e, na verdade, o governo passado foi um governo de fake News todo. Toda essa linha saiu do fake news mesmo. Eu tenho visto visto nesses últimos anos que o político ele só vai para a igreja 6 meses antes da eleição. 6 meses da eleição ele vai para a igreja, ele está lá, ele é, então, na verdade, quando ele entra na política, ele perde a essência dele como cristão, sabe? É como eu falei, se ele vota para o partido, ele perde, porque o partido quer alguma coisa, tem uma verba lá para receber. Se ele vai contra, assim, ele vai, às vezes, ele pode até ir contra os princípios bíblicos, mas ele vai contra porque ele não quer perder a mamata que está rolando lá. Então essa questão de crente votar em crente, eu acho que a população tem que votar naquilo, naqueles que eles que eles percebem o que está fazendo. O vereador que está lá todo ano lá, ó, ele está lá limpando a praça, ele está lá ajeitando o campo, ele está lá no dia a dia com a população, isso tem que ser votado. Porque tem uma política no Brasil de que tem muitos deputados e vereadores que acha que só pode fazer para o povo 6 meses antes. 6 meses antes dá camisa para o time, ele dá a bola. Dá cesta básica. Ele dá prótese e acha... - **homem, 37 anos, de Salvador, da Igreja Batista das Canções, preto, técnico em prótese, anulou o voto**

O Lula teve que escrever essa carta para explicar pra a população, né? Que ele não inventou e ele não queria fechar as igrejas, isso não existiu nunca. Então, não, porque a gente já foi enganado muito por crente. Mentem bem, chegando lá antes da eleição, com aquela conversinha e fazer a mesma coisa que os outros vereadores fazem, e somem depois da eleição, não aparecem mais. Chega lá, dá uma bateriazinha de presente, dá um fardamento pras meninas. Depois, cadê? Porque já se corrompe. Então acho que não precisam votar em crente não, eles querem tudo a mesma coisa? - **mulher, 41 anos, de Salvador da Igreja Pentecostal Filadelfia, branca, ambulante, eleitora de Lula**

“ Não tinha que ter essa condição de crivo de avaliação, né? Os valores, os princípios é uma coisa intrínseca, mas, porém, é essencial a pessoa de boas índoles, ótimas índoles, mas índole de valorização, conhecimento técnico, sim, esse sim tem capacidade de poder, de fazer, né? Se for bom, se não for. Infelizmente, porém, esse tem uma capacidade técnica de representar, então esse para mim seria o voto ideal – **homem, 40 anos, de Salvador, da Igreja Assembleia de Deus, preto, empreendedor, eleitor de Bolsonaro**

” Eu acho também que não. Tem que votar em quem tiver fazendo o melhor, quem tiver trabalhando, nós vota, entendeu? - **mulher, 38 anos, de Salvador, da Igreja Pentecostal Aliança com Deus, branca, dona de casa, eleitora de Bolsonaro**

” A gente tem que ter direito de ir e vir, votar para quem quiser, não ser teleguiado, não ser comprado, votar para as pessoas que tem a princípio e caráter - **mulher, 60 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, diarista, anulou o voto**

” Não é porque é crente que tem que votar em crente. Seja uma pessoa que trabalha, que respeite os princípios, que precisam ser respeitados, ele não precisa ser crente. Por que crente também falha, entendeu? E não, a gente sabe disso, não é como muitas pessoas também usa, teve ah, eu sou crente, sou cristão e faz as coisas erradas. Então, acho que a gente não deve ser por aí, a gente tem que ver que realmente faz o trabalho, que entregue os princípios que realmente governe para o povo, para poder você votar - **mulher, 52 anos, de Salvador, da Igreja Ministério Geração do Espírito Santo, preta, gerente de vendas, eleitora de Lula**

Em Belo Horizonte, foram 7 relatos contrários ao uso político da religião:

” Lá na congregação, a gente já chegou a debater sobre esse assunto em questão de política na igreja, e a resposta foi isso, dentro da igreja, da congregação não se mistura política com aquele... Aquele ambiente ali não é pra isso, né? É lógico que o irmão pode auxiliar o outro, trocar ideia, conversar sobre isso, mas não levado ao palanque, ao altar, discutir esse tipo de assunto - **homem, 42 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Congregação Shalom Adonai, preto, operador de máquina, eleitor de Bolsonaro**

” Vá lá, essas coisas acontecem comigo, eleição bonitinha lá eles fazem oração para o prefeito, para governo, para o presidente e por aí vai, né? Costume deles. Ô gente, sabe o que que é, assim, vocês, inocentemente, uma semana antes da eleição e eu sou aquela pessoa que eu não fico escolhendo roupa, não, eu tipo assim, a primeira que eu vejo... Coincidentemente gente, eu fui de bermuda branca, camiseta vermelha. A pastora não olhou na minha cara, eu juro pra vocês. Ela não olhou na minha cara, porque eu estava de vermelho e branco. Sendo que eu já tinha ido de vermelho, branco outras vezes. E ela me tratou normal, vai como gente foi assim na inocência, assim ó, você vem bem e fui. No final, eu falei pra pastora: “então tudo bem?” “Só não gostei da sua roupa.” “Tá curto, está transparente?” “Essas cores”, “ah”, eu falei, “ah, sinto muito, minha filha, mas eu amo vermelho, preto, branco. Verde amarela é a cor do meu país, mas a cor que eu gosto é vermelho, preto e branco.” Sabe, então assim chegou num nível da pastora não olhar na minha cara – **mulher, 43 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Águia com Fogo, preta, dona de casa, eleitora de Lula**

” Eu não concordo. Eu acho que são duas coisas totalmente diferentes. Para a gente votar em alguém, a gente tem que votar pelo que ela está apresentando do que ia fazer. Não por ele estar me pedindo voto e eu fazer parte do mesmo local que ele. e então, eu não concordo.

“ E muita gente, infelizmente, muita gente acaba votando. Vou falar: “vota em mim, então.” E é assim, por isso que a política no Brasil hoje é do jeito que tá. Eu acho que as pessoas têm um pouco mais de entendimento, não é só pedir para votarem, sei lá, e votarem um pouco melhor - **mulher, 30 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Universal do Reino de Deus, branca, fisioterapeuta, anulou o voto**

” Eu vi isso acontecer na igreja, pedirem voto mesmo, e eu acho que é complicado, porque eu também não concordo, porque eu acho que, assim, as pessoas elas votam de acordo com as crenças que elas têm. De acordo com o que elas acreditam e todo o mundo acredita que está votando, buscando o melhor para o país dela, buscando o melhor para ela, para a família dela. Então, o que eu vejo é que existe muita desavença porque todo mundo tende a acreditar que o melhor é o que ele acredita e nem sempre, então eu não concordo. Por isso, se ela vota no Lula e eu voto no Bolsonaro, eu preciso respeitar o voto dela. É uma democracia e aí por isso não - **mulher, 35 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Assembleia de Deus, preta, auxiliar de administração, eleitora de Bolsonaro**

Com referência como fez por aí que eu vou ter que ir para o texto e começaram a misturar política partidária com religião. Foi nesse momento que eu parei de ver a igreja como um templo. Hoje eu tenho uma outra noção de templo, tem uma outra noção de Deus. O que é que a política atual tem a ver com a pauta de Jesus? Jesus era, estava do lado dos pobres. Jesus foi de um povo que foi escravizado. Não era de um povo que era senhor de Terra, senhor dono de fazendas, que era dono de um exército, ou então de um exército paramilitar, né? Igual acontece no Brasil hoje. Existem exército paramilitares, né? E eu acho que não estava numa pauta de Jesus julgar o outro, fazer falar o que que o outro tá fazendo, o que que o outro não tá fazendo tudo? Então, pra mim, todo líder, todo pastor, tem ninguém mesmo de falar isso. Todo pastor que chega pra falar, por exemplo, que Jesus é a favor da propriedade privada, Jesus é a família, é a favor da família, do jeito que ela tá sendo estabelecida hoje e a outra família é do demônio e tal, eu acho que Jesus não olhava isso, todo passo do que prega isso pra mim, é um vendido, um vendido. Não é dono de uma igreja, não está ali sendo igreja, tá num mercado de almas, né? Ali pra fazer a coisa funcionar, girar e fazer os interesses daquela instituição. Não deve ser chamado de templo, nem que igreja. Então, se você for discutir política em alguma coisa, vê o que que tá escrito lá na Bíblia, vê o que que Jesus falava, o que Jesus pregava, ver o que Jesus buscava, busca já as ações de Jesus e vê se o seu candidato, o que você acredita ser política hoje no Brasil, tem que a ver com isso. Se. Sim, se você está em paz com o seu coração, segue. Mas se não, rejeita, foi isso que eu fiz. Eu rejeitei, vomitei aquilo tudo e me desliguei. Daí que eu não vejo mais igreja como eu vejo antes. Eu acho que templo hoje é o seu corpo, onde que Deus está. É dentro de você, não é? Onde que é o templo? Onde você tem cuidado? É isso aí que é o templo. Aquilo lá é uma estrutura que foi ver com as pessoas ficarem comunhão e buscar Deus em comunhão, buscar Deus em grupo. Essa coisa, se chega um lá e fala: “e a gente tem que seguir o tal candidato, se não o demônio, o demônio...” Não falo do demônio desse jeito. Parece que é um cara que vai tomar, parece que o demônio chegou pra levar crédito, tudo que a gente fala de ruim, né? Parece que uma pessoa disse, às vezes. ele tá lá sentado lá no trono dele, pegando fogo e falando assim: “pô, eu não fiz nada.” Às vezes ele tá lá, onde eu já fiz, então, tipo assim, para mim é a impressão que eu tenho, quando alguém chega para falar de política nessa questão dentro de uma igreja, eu acho que não, as pessoas não devem ser aliciadas a votar numa pessoa. Eles têm que ser orientadas a seguir a Deus. Se dentro do quarto dela ela sentiu no coração dela que ela tem que votar no Lula, ou que ela tem que votar



no Bolsonaro, que ela tem que votar no partido tal, no partido tal e no partido tal, para aí é ela com Deus. Isso não tem que ser levado ao público - **homem, 32 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista Jardim Felicidade, preto, motorista de app, eleitor de Lula**

eu não concordo. Não concordo mesmo, sinceramente. Em qualquer mesa essa mensagem a gente tocou na casa de Deus, é a casa de Deus. Deus foi feito para a gente adorar somente a ele, falar somente as coisas boas dele, adorar somente, e o povo está misturando. Para você ver, eu frequentava a igreja Batista da Lagoinha do bairro Califórnia, do meu bairro. E o pastor chegou a levar um político lá dentro da igreja. e então, assim não teve culto esse dia. Eu fiquei assim horrorizada, indignada, não teve o culto. Foi só aquele falatório o tempo todo de política. Querendo que a igreja toda votasse naquele candidato, entendeu? Então, uma coisa que eu não concordo, igual eu saí da igreja da Lagoinha justamente por causa desse motivo também. Na Copa do Mundo, foi ano passado? Não sei o que que aconteceu de uma igreja o pastor liberou, esse mesmo pastor liberou o jogo, assisti jogo dentro da igreja. Copa do Mundo passava no telão, no altar, aí chegava lá na hora do gol lá, aquele povo em cima do altar do Senhor lá com aquelas cornetas, que bagunça. Que é isso, gente. Isso me entristeceu profundamente. Foi aonde eu vazei de lá. Eu falei para mim: “não dá, não concordo.” Concordo com ele, não tem que misturar, a casa de Deus, o templo do Senhor, altar do Senhor é Santo, né? E agora virar bagunça, baderna, não. Eu concordo de jeito nenhum com nisso - **mulher, 57 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Assembleia Pentecostal Tenda de Jerusalém, branca, auxiliar de administração, eleitora de Bolsonaro**

É, eu acredito que não pode aliciar ninguém a fazer o que você tem que votar e tal. Dentro da igreja muito menos. Vai acontecer discórdia dentro da casa de Deus, lá dentro é a casa do Senhor e tal. E ali não é lugar disso. Ali é o lugar de um sentar, adorar a Deus e fazer o que foi pedido, não é por causa de pedir voto. É um... Beleza uma conversa ali ou aqui, mas chegar lá no altar, falar de fulano ou de ciclano? Não, não acho isso certo - **homem, 30 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista, branco, supervisor de frotas, anulou o voto**

Em Porto Alegre, os 10 participantes rejeitaram a ideia de que crente tem que votar em crente.

Eu acho que a política e a crença não devem ser misturadas, né? Se o irmão lá, tá, se candidatou, tá firme lá, as propostas dele é boa. Por que que eu vou deixar de votar? Se a proposta dele é boa também, igual de qualquer um ateu, um outro que for. Eu não vou dizer que seria compra de voto, né? Mas é o outro tá te induzindo a votar. O pastor chega: “vou dar um santinho dele aqui, ele tá se candidatando.” Daí eu falei assim: “pô, mas eu não conheço o cidadão, vou votar nele porque eu tô sendo induzido. Isso aí não, não concordo, eu não concordo isso aí não.” Que daí está, eu acho que ainda está sendo uma forçada ali, entendeu. Então eu não concordo - **homem, 40 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, pintor automotivo, eleitor de Lula**

Acho que isso não se mistura, não se mistura. Nunca vi acontecer. Eu voto nas medidas, totalmente - **mulher, 30 anos, de Porto Alegre, da Igreja Palavra Viva Church, branca, supervisora administrativa, eleitora de Bolsonaro**

Não vi acontecer, mas acho inadmissível, porque que nem quando Jesus chegou lá no templo, que é que se faz no tempo? Se louva a Deus, não se faz comércio, política e qualquer coisa que não seja adorar a Deus no templo. A gente vive num estado laico, política é uma coisa, religião é

outra. Eu voto em propostas, não em candidatos – **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, branco, analista jurídico, eleitor de Bolsonaro**

Altar é pra anunciar a Palavra de Deus, o pastor tem o direito de falar sua opinião de voto. O pastor é uma pessoa como qualquer outra, tem a sua opinião a ser expressada, mas tem lugar, e dentro da igreja não é o lugar. Eu voto em princípio, não voto se é crente ou não. Ah, aquilo lá fez mais ou se está fazendo mais. Eu só tenho princípios, pela Bíblia é aquele lá que eu procuro - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Ministério do Bom Samaritano, preto, terapeuta, eleitor de Bolsonaro**

Eu já vi, eu já vi, mas não concordo, Não voto - **mulher, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, branca, design gráfica, eleitora de Bolsonaro**

Não também - **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

Não também, um ponto político, não tem nada a ver religião – **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Shekinah, pardo, confeitiro, eleitor de Bolsonaro**

Como assim, vão pedir voto? Eu acho que vão fazer a propaganda deles, não é? Vão dar o santinho, se quiser votar, vota. Tem muita gente que mente que vai votar lá no cara e não vota né. Acontece de votar e tirar o valor. Eu não voto em ninguém, anulo meu voto para não me arrepender depois. Eu vou lá e anulo e não tem culpa nenhuma – **homem, 46 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, ajudante geral, anulou o voto**

Na igreja que eu estava congregando na época da eleição, teve jejum de 30 dias pelo Bolsonaro, teve pregação com direito a bandeira pendurada no pescoço, teve chulapada nos petistas lá de cima, não era púlpito, era palanque, né? Teve candidato que os pastores apresentaram para a gente no meio do culto. Não adianta que Deus não se deixa escarnecer, mas teve bastante assim, uma alienação, na cabeça do pessoal da igreja, muito forte, teve. Na nossa e na Lagoinha, eu ia nas duas, o André Valadão, ele fala o tempo inteiro contra o Lula e a favor do Bolsonaro, mas ele fala na Palavra de Deus, é muito boa. As pessoas da igreja ficam assim, sabe, porque tu toma como referência ali o teu pastor. Eu conheço muita gente que votou até por medo, né? Até por medo – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

Eu já vi bastante, né? Não concordo, e geralmente eu sou aquela pessoa que vai lá e cutuca tá. "Mas por que isso?" Eu quero entender qual foi... Tá me dando aquela palavra, mas qual foi a data que aquilo ocorreu... e então, acho que esse lugar pra orar é pra orar, e pra fazer esse tipo de coisa é lá fora, não concordo não. Porque daí ela vai se candidatar a vereadora, a prefeita, e vai me apresentar uma proposta que não condiz com o que eu penso, vou votar nela só porque ela é crente? Eu acho que se ela tivesse uma política apresentável, que condiz isso com o que eu penso, com a minha situação, com, com as coisas que eu convivo, ok – **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

Em São Paulo, foram cinco depoimentos críticos à mistura de religião e política.

No templo a gente reúne para adorar Deus, não negócio de política – **homem, 43 anos, de São Paulo, da Igreja Caminhando com Jesus, preto, pedreiro, anulou o voto**

Eu também acho que não, jamais. A igreja não é para debater política. Jesus não veio na Terra, o Deus, a Palavra, Bíblia não está pregando política. Não tem texto nenhum que fala de política na Bíblia. Palavra de Deus não é política. Em nenhum momento você vê política. Então, assim,

a igreja é um local para você adorar, buscar a Deus, e você tem a ligação com Deus, você deu a sua força espiritual, você vai ler a Palavra, você vai ter ido, você vai ter a sua ligação com Deus. O que acontece é que os líderes das igrejas... Aí que o problema é esse... Os líderes das igrejas eles são políticos. Eles fazem políticas por interesses. E aí, o que é que eles fazem? Eu estou falando das igrejas e aí eles fazem política dele, escolhem os lados políticos deles, partidos, o político, enfim, e joga tudo isso na mente das pessoas, dos seus fiéis, vai jogando na mente das pessoas, vai jogando, vai jogando. Obviamente que as pessoas vão fazer política, o que a gente viu no país. Pessoas, se dizendo ser cristão, querendo explodir o avião. Aí a gente viu agora em Brasília, a invasão de Brasília, dos 3 poderes, lá nos prédios. Se você pegar a maioria, se diz cristão, quebrando, violência é que quase matamos pouquíssimos policiais que estavam ali, uma policial lá quase foi linchada, quebraram o crânio dela. Ou que apoiam armas para as pessoas se matarem de uma forma bem simples, banal. Então assim, isso é política, é a mente das pessoas que se envolveu com política, afastou um pouco a Palavra de Deus, ou só Deus, a Palavra. E deixou entrar política, por meio dos seus livros. Eu acho que é completamente errado. Cada um que vai Na igreja, que tem Deus como seu... A palavra religião... Acho que nós somos cidadãos. Eu tenho o direito de ter o meu partido político ou político. Mas, na igreja, é Deus - **homem, 52 anos, de São Paulo, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, consultor de vendas, eleitor de Lula**

Acho que é um pouco ambíguo, sabe? É bacana falar de política na igreja, o problema são as pessoas muito extremistas, que falam de ódio, de raiva, eu acho que são pessoas muito extremas e todo tipo de extremismo é péssimo, tudo, tudo, tudo que é extremo é péssimo. Se você já usa a palavra ódio, já não dá para conversar, para debater com aquela pessoa. Então, eu acho que, por esse aspecto, talvez não deveria haver, debater sobre religião dentro da igreja, entendeu? Porque são pessoas que são extremistas, não sabem interagir, conversar e falar de uma forma saudável. Por essa visão, eu acho que não deveria ter, mas eu acho importante para que as pessoas consigam entender sobre aquela, aquele político específico, porque, normal, é visível que ele sempre tem um, um candidato, uma escolha, então é bom que a pessoa ouça para saber quais são as propostas. De repente, o pastor usa o púlpito para, de uma forma saudável, para falar sobre o que o político tem a propor. Existe uma certa ambiguidade ali dentro. - **mulher, 35 anos, de São Paulo, da Igreja Assembleia de Deus, branca, microempreendedora, eleitora de Lula**

Não deveria falar, porque a política em si é 2 ou mais pessoas que estão tentando apoiar o seu interesse, e a um fica apontando o outro. A igreja não está ali para apontar outro, é porque para você ganhar o seu voto, eu vou acabar falando mal de você. E na igreja ali, que muitas pessoas doentes, a gente está procurando ali algo, a salvação, algo bom para nós. Não está procurando saber se o fulano está errado ali, se você faz ou deixa de fazer, se ele errou lá 10 anos atrás, não, a gente está aqui pra melhorar e seguir em frente. Agora vou ser uma nova pessoa. Por isso que a gente se batiza, esquece todo o passado, mas não a vida política, é uma briga de interesse, é um conflito, não, não deveria - **homem, 33 anos, de São Paulo, da Igreja Lírio, preto, porteiro, anulou o voto**

O Papo de Crente ele é o ideal. São pastores, segue a Palavra, e estou falando de assuntos do cotidiano, do mundo, de uma forma livre, sem impor política para ninguém. Como a gente falou aqui, é um debate, é uma opinião e baseado na Palavra de Deus, na Bíblia. Então, por isso que a gente adorou o programa. Não é uma imposição e não está chegando ali com uma

tendência, olha o partido tal, o lado tal da política, direita e esquerda, central. Sei lá, ele está falando do assunto baseado na Palavra de Deus, na Bíblia. Maravilhoso! – **homem, 31 anos, de São Paulo, da Igreja Sara Nossa Terra, pardo, gestor de manutenção, eleitor de Bolsonaro**

Em São Luís, seis pessoas falaram sobre a relação entre política e igreja de um modo crítico. É interessante reproduzir o diálogo uma vez que mostra como a percepção das pessoas vai mudando à medida em o debate se desenvolve.

Muitas vezes eu li as pessoas dizerem que evangelho e política não se mistura, né? Ah, ele era um ótimo pastor, mas depois que entrou pra política, muita gente fala isso, inclusive até hoje. Mas a política faz parte da vida da gente, do nosso cotidiano, então, não tem como a gente deixar de se envolver, de buscar informações, de saber, porque tudo o que é votado lá, tudo o que é aprovado lá, vai interferir diretamente na nossa vida. “Ah, política não é para crente.” “É sim, gente.” Porque tudo, a nossa vida num todo, ela está envolvida ali com a política, com as leis que são aprovadas, né? Com a atitude e os pensamentos daquele político, sendo ele cristão ou não. Tudo é afeta a nossa vida, né? – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

Nos últimos anos as pessoas elas passaram realmente a se envolver mais com isso, né? Principalmente os cristãos, pessoas do meu meio, passaram a se envolver mais. Quando sai o noticiário e tem que ficar, saber se aquela informação é verdadeira ou não. Então, fica uma parte também do programa, que eu acho interessante da questão da fake news. Então, assim, hoje, as pessoas não andam mais assim, né? Hoje, elas é meio que se se libertar, assim, do Estado, no limite da vida, e procuram saber e interagir, sim, como é que vai mesmo não ser um cientista político, mas as pessoas estão mais envolvidas com a política, principalmente nos últimos anos, dois, três anos para cá – **mulher, 48 anos, de São Luiz, da Igreja Batista Nacional, branca, contadora, eleitora de Lula**

Lá na minha casa, eu tenho que ter muita sabedoria porque o meu esposo é petista, e eu acho assim, em termos de Jair Messias Bolsonaro, ele colocou Deus acima de tudo, né? E se a gente for ver a luz da Bíblia, a Bíblia diz lá em Isaías 45, porque Ciro não era um ungido de Deus, mas Deus permitiu, e foi na frente. Quando a gente, nós cristãos, colocar Deus em primeiro lugar, ele vai na minha e na tua frente. Então, mas se a gente for ver ao longo das Escrituras, muitos que foram chamados por Deus, ou aqueles também que foi escolhido pelo homem, enquanto eles obedeceram e tiveram prudência, eles foram bem, então, na minha lógica, na minha concepção, como cristã, né? Eu vi que ele, tipo, se perdeu no meio do caminho, porque vinha a ele e ele deu ouvido, né? E falou muito e se perdeu, ele se perdeu, falou muito, foi dar ouvido a um, a outro, outra, deixou a direção ali e aí, pronto. Não concordo e não votei no PT, porque eu não concordo com a ideologia deles, sou contra. Porque todo cristão, nem um cristão que eu acredito que disse ser cristão, ele vai ser a favor de aborto? Ele vai ser a favor de ideologia. Então eu não concordo com essas coisas, mas também não tenho imprudência de escutar e ficar na minha, se a pessoa me pedir opinião, eu falo, mas senão também, eu fico na minha, porque a gente tem que respeitar, né? A gente tem que saber entrar e sair e respeitar, mas eu não concordo e não votaria nesse, nesse partido, por conta disso. Porque não concordo, porque não tá essas coisas, não tá? Então eu não vou, eu não posso ser hipócrita. Pregar o evangelho a favor da vida e depois votar em alguém que vai assinar uma lei sobre o conjunto – **mulher, 56 anos, de São Luiz, da Igreja Renascer em Cristo, parda, profetiza, eleitora de Bolsonaro**

Na igreja, bem, a gente briga por política. Já teve muita briga e a gente não falou não, então por que as pessoas não aceitam? E disse assim, a gente tem que respeitar a opinião dos outros, mas não respeita porque acaba se debatendo, jogando indireta – **mulher, 50 anos, de São Luiz, da Igreja Ministério Geração de Davi, parda, dona de casa, eleitora de Bolsonaro**

E foi isso que eu evitei muito esses dois últimos anos, porque tem pessoas da minha família, vizinhança, colegas e da igreja que era L ou era B, ficava naquele embate. Então, assim, foi muito desgastante emocionalmente, mentalmente. Então, eu diminuí o meu acesso à internet por causa disso, pra evitar, porque dentro da minha família as pessoas ficaram de mal. Eu, por exemplo: meu filho, vou dar o exemplo do meu filho. Mais de 20 anos de amizade com um rapaz que ele estudou do ensino fundamental até aqui. Eles só não se mataram porque não estava perto um do outro, mas quebraram a amizade de uma forma que é inacreditável. Que hoje eu é que republico fotos deles dois, da antiga amizade deles dois, que a internet sempre relembra algumas fotos. “Uhum, olha meu filho como era lindo e tal.” Fotos dele. Ele nem olha, ele nem olha. Então, assim, eu, nesses últimos anos, eu evitei, eu fiquei cego, eu botei isso, não quis votar, mas, assim, questão de quando a pessoa conversava aquele debate saudável, eu entrava ali, tudo bem, mas quando começava a se digladiar a igreja, exatamente – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

Em particular, nesse período histórico que vivemos, nessa polarização entre o bolsonarismo e o lulismo, né? Quem mais perdeu com essa polarização? Quem mais perdeu com essa polarização foi exatamente a igreja evangélica, porque a igreja evangélica ela abraçou uma ideia de alguém, né? Que foi a ideia do Bolsonaro, abraçou na determinada forma que depois nós vamos ver alguns escândalos relacionados com a corrupção em pessoas dentro da igreja, né? Como desvio com barra de ouro, até mesmo aqui no nosso município, no nosso interior, aqui. A troca de barras de ouro com ônibus escolares, então, era um anexo do MEC. Pastores seriam como anexo do MEC, como desvio para a corrupção, então, e algumas coisas também lá, as orações. Lá você vai ganhar, você vai perder e então a igreja evangélica, ela perdeu muito, muito ao abraçar. A igreja evangélica, ela que tem que ser... Desculpa a expressão, mas a igreja evangélica não tem que ser rabo preso com nenhum partido político – **homem, 38 anos, de São Luiz, da Igreja Assembleia de Deus, preto, professor, anulou o voto**

E ficou ainda malvista por aqueles que não são, a igreja evangélica ela não deve ter partido político, é uma igreja livre. Ela pode falar livremente determinados assuntos, porque ela não pode ter esse apoio político e estruturado como houve no governo Bolsonaro. No dia da eleição, lá na igreja, o pastor me chamou: “você já foi lá aonde votar?” Falei: “pastor, eu não voto em salafário nenhum, nem Bolsonaro, muito menos Lula, nem Lula, muito menos Bolsonaro.” É, depois eu até pedi desculpa, né? Que eu fui um pouco arrogante, mas é porque isso é o que não pode acontecer. É bom dessa minha atitude, né? Porque eu via sempre pastor utilizando um púlpito sagrado pra pedir votos pra políticos. Que isso é um absurdo, e toda vez que acontecia isso eu pegava as minhas coisas e ia embora, tá bom, eu não gosto desse atrelamento, né? Eu não gosto da igreja evangélica cristã, evangélica, ficar preso a uma política partidária. Essas práticas elas sempre existiram. Essa polarização sempre existiu. Existiu, mesmo que eu engoli de candidatos subindo lá no pé dele, porque o candidato Jair Messias Bolsonaro, ele foi lá e utilizou o nome de Deus, né? Ele se apropriou que tanto é que até um pouco tempo atrás, até hoje, um evangélico ali já era automaticamente associado, ao então... – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

Em suma, o que os grupos focais nos permitem concluir sobre a dimensão política das pessoas evangélicas é que ela é muito mais independente e crítica do que cabe em uma visão preconceituosa que muitas vezes é reproduzida por setores de esquerda, na qual os crentes são identificados como “fundamentalistas” e “massa de manobra” dos líderes religiosos conservadores. Ao contrário, foi possível perceber um incômodo com a excessiva politização da fé, especialmente pelo bolsonarismo, e uma crítica aberta aos pastores que usam o púlpito para pedir votos.

Já na dimensão econômica, identificamos, ao longo do segundo semestre de 2023, que as e os crentes que participaram dos grupos focais experimentaram uma paulatina sensação de melhora da vida, expressa sobretudo na questão da inflação dos alimentos e, ao mesmo tempo, ainda uma resistência da maioria dos evangélicos de atribuir tal melhora ao governo Lula. Não obstante, em nenhum grupo apareceu uma rejeição radical ao atual governo e tampouco uma defesa incondicional do governo Bolsonaro, salvo por uma ou outra pessoa em cada cidade. A maioria dos eleitores de Bolsonaro se coloca em uma posição defensiva e, ainda que relativize aspectos do governo anterior, trazendo justificativas como “pandemia” ou a “guerra”, não se portam com uma postura de defesa aberta da gestão Bolsonaro.

# 4. Questão Racial

Embora não fizesse parte do roteiro de perguntas, a questão racial se fez presente em todos os grupos focais, fruto da nossa opção de escolher o programa sobre reparação histórica e cotas raciais como condição para que as pessoas selecionadas participassem da pesquisa. Este anexo apresenta nossas conclusões sobre percepção dos evangélicos quanto à dimensão racial.

Nossa principal conclusão é que há uma forte consciência racial entre as evangélicas e evangélicos do Brasil, mas que tal consciência não é ativada pela gramática e estratégia que os partidos de esquerda e o movimento negro em geral utiliza. Não se trata de condenar aquela gramática e estratégia como errada. Primeiro, pelo nosso compromisso ético-político com essas organizações, o qual nos leva a respeitar e partilhar do acúmulo coletivo de décadas de lutas e reflexões antirracistas que tem lugar nos partidos e no movimento negro como um todo. Segundo, porque os dados da nossa pesquisa não nos permitem falar de modo tão abrangente sobre a questão racial em nosso país.

Entretanto, o que nossa pesquisa nos permite sim afirmar – e que pretendemos dar continuidade com uma nova rodada de grupos focais, desta vez com um bloco de perguntas diretamente referenciado no debate racial – é que a estratégia de abordar o racismo e o direito à reparação histórica a partir da Bíblia e da dimensão da fé foi extremamente eficaz para consolidar nos entrevistados o apoio às cotas raciais e fomentar uma elaboração individual e coletiva sobre o racismo em seus cotidianos.

Começando com Salvador, os depoimentos que selecionamos demonstram como o Papo de Crente foi exitoso em produzir uma reflexão antirracista no grupo, ainda que as pessoas não dessem esse nome em suas respostas:

Há os dois temas, que eu só ouvi esses dois, que foi sobre a questão do meio ambiente, e as cotas raciais. São temas pertinentes que certas igrejas, elas e certas denominações, terminam fugindo disso e colocando uma coisa muito aquém, né? Não sabe, não se aprofunda, não quer saber o que é, mas foi bem embasado. O tema foi bem discutido, foi bem relatado, foi bem explanado, então eu gostei literalmente, porque foi com base bíblica, né? Isso foi muito importante e realmente uma coisa muito atual isso. É isso. Muito interessante. É isso que as igrejas... Eu tenho essa visão de que a gente tem que debater isso, né? Não fugir de certos temas e achar que tudo é só na, na mentalidade, não, não pode, não presta. E foi uma coisa bem diversificada mesmo. O que me pegou mesmo, foi o segundo, que é de cotas sociais. Assim, ele me deixou bem assim. Eu falei: "me deu uma bagunçada", que eu vim pra cá no carro, falei: "nossa, bem superinteressante mesmo, né?" O primeiro eu ouvi mais assim, que foi trabalhando na hora eu tinha que parar um pouquinho, eu tenho costume de ouvir, né? Podcast, mas são normalmente mais rápidos. Eu falei: "envolve 30 minutos", falei: "não", aí, quando eu peguei, eu falei "gente, muito interessante." Então, achei assim um tema superlegal. É pra você parar realmente pensar. E talvez entender de uma maneira diferente, saindo um pouquinho fora do mundão, né? Que é o que a gente está habituado hoje. Então, assim, eles abordam o sistema de uma maneira mais leve, então eu pude sentir dessa maneira. Achei bem bacana, interessante mesmo - **homem, 49 anos, de Salvador, da Igreja Metodista, preto, conferente, eleitor de Lula**

E outras coisas mais, então, não só nessa parte, como também no tema das cotas, né? Onde quando Cristo nos fez, ele não escolheu quem ia ser preto, quem ia ser branco, quem ia ser rico, quem ia ser pobre. Então, essa questão da cota tem que ser, é uma forma de



“ simplesmente melhorar um pouco mais para aqueles de classes baixas. Então, eu vejo isso como uma justiça. A justiça, no sentido de que aqueles que têm menos, ter algumas mais oportunidades, que não está tendo. Então, gostei muito do programa. Vou continuar assistindo porque eu não conhecia, não é? Conheci ontem e gostei e vi que tem outros temas e vou ser assídua. - **mulher, 51 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, parda, cabelereira, anulou o voto**

” Então achei isso muito interessante que os dois áudios eu consegui absorver essa mensagem que Deus quer que a gente volte à origem, porque ele não fez nada para ser destruído, seja num ambiente, seja na vida do próximo, você pode destruir alguém com preconceito, você pode destruir alguém com uma palavra, você destrói o ambiente com uma falta de cuidado e Deus não quer isso. São mensagens que nos altares não são anunciados, mas se você usar isso e colocar Deus dentro do, dos temas que foi colocado nos áudios, você consegue abrir a mente de muita pessoa, não é? É uma forma simples de ensinar, é como ela disse, algo muito comum, mas de grande aprendizado. Então achei muito interessante, muito bacana - **homem, 42 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Congregação Shalom Adonai, preto, operador de máquina, eleitor de Bolsonaro**

O que me chamou a atenção foi a cota, que agora está tendo para as pessoas de baixa renda, para as pessoas pretas, para os deficientes que me chama muita atenção, porque era uma coisa que as pessoas fracas não tinham. Essa oportunidade era sempre os que tinham as condições melhor que seguia em frente. E hoje em dia tem alguém que está lutando para poder os fracos usufruir, também tem direito a fazer uma faculdade - **mulher, 60 anos, de Salvador, da Igreja Internacional da Graça Divina, branca, diarista, anulou o voto**

Porque eu gostei muito especificamente, vou ser emblemático nisso, de uma forma bem apaziguadora, né, que ele justificou que eu tenho a igualdade racial, né? Ele justificou. Inicialmente, ele justificou, ele disse, ó, qual foi? Até uma senhora, não é? Ela, iniciou, introduziu que, nesse caso, o que seria a igualdade racial dentro desse plano de políticas, tá? É uma finalidade bem simples. Ela foi bem direta. Ela disse: “qual é a finalidade? Reparar aqueles que foram flagelados durante anos e um tempo. É uma atitude reparadora, ela não vai corrigir?” Então, foi muito perfeito e já começou dessa forma, pronto, prendeu. Ela já esclareceu que muitas pessoas começaram como nosso irmão aqui, desde o começo, mas de repente não pegou o fio da meada, porque se pegasse essa bala. Seria? - **homem, 40 anos, de Salvador, da Igreja Assembleia de Deus, preto, empreendedor, eleitor de Bolsonaro**

Já em Belo Horizonte, quando perguntados sobre qual parte do programa os participantes mais gostaram, instalou-se no grupo uma conversa aberta e muito rica sobre o racismo no Brasil e em suas vidas, a qual vale reproduzir na íntegra.

O segundo tema fala da cota, né, pra poder repor o que foi perdido. É, quem colonizou o Brasil tinha tanta aversão aos negros, tanta aversão, parece que tinha nojo, que liberou os escravos e falou assim: “sai, se vira aí”, igual quando você solta galinha, “vai lá, se vira.” Os outros países, mesmo tendo racismo, eles deram uma estrutura, falaram: “esse bairro é seu, tem escola, tem, mas se ficam aí...” Mas, pelo menos, deram uma estrutura para eles, para a gente não. Hoje em dia, se você sair na rua, dez horas da noite, encontra o cara que nem

ele, bonezinho, trancinha, fala: “aí meu Deus, ai meu pai”, você até desmaia na rua. Gente, eu, com sete anos, eu estudando e eu sempre fui boa em matemática. Com sete anos de idade. Ah, professora: “ensina o fulano, lá.” Eu fui ensinar o menino, sabe o que ele falou comigo? “Você tinha que estar no fundo da cozinha da minha casa, aqui não é o seu lugar.” Eu tinha sete anos, eu olhei pra cara dele e falei assim: “meu Deus, o que é que eu fiz? Eu só quero ajudar.” Porque era uma coisa e não sabia que era isso aí... Criança, não é? Daí, depois que você vai entendendo, vai aprendendo as coisas. Aqui tem a loja Americana, não sei se acontece com vocês, eu odeio a loja Americana, é eu botar o pé dentro dela, vem um atrás. Gente, nossa, aquilo me arrepiava. E o pior que o segurança, ele também é negro, é um negro perseguindo um outro negro, sabe? E em questão das cotas, de escola para negro, índio, tem que ter, tem que ter mesmo. Porque eu tenho quatro filhas, duas são morenas e duas são claras. Gente, eu mando, falo assim pra elas, assim: “entra você lá”, eu mando a Leticia e a Marina que elas são claras. Outro dia, a Leticia falou: “mãe, vou fazer a prova pra senhora.” Ela literalmente roubou um piercing, ninguém foi do lado dela. Aí, foi Carol e Carina pro outro lado, mas foi assim, ó, eu falei: “gente, as outras não vão fazer nada, as branquinhas que estão roubando.” Agora você pega esse trem e vai lá e paga. Aí eu falei: “vocês estão entendendo, o que que acontece? Aí eu vou entrar e vou falar que você é minha filha.” O tratamento mudou. Eu falei: “gente, qual que é a diferença, você me fala, sabe?” Então, assim, eu já sofri muito, minhas filhas, a maioria lá em casa, mas eu acho que tem que ser, tem que ter a cota, não é só 50, é 60% para negro, para índio, para todo mundo, que foi segregado. Cinquenta ainda é pouco, é muito pouco. Sabe, há pouco tempo atrás, nem pastor negro servia lá no altar. Hoje em dia você vê com mais... Mas, olha, isso, há quinze anos atrás, mal ele era um diácono dentro da igreja. Graças a Deus isso está mudando, não só dentro das igrejas, mas sabe, mas ainda tem determinadas lojas e determinados locais que o branco está de chinelo, todo esculhambado, Mas ele é branquinho. Aí chega negona lá no santo, eles vão atrás da negra. O branco estava roubando tudo e mais alguma coisa, mas eles vão atrás da negra – **mulher, 43 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Águia com Fogo, preta, dona de casa, eleitora de Lula**

Porque fica sugestão, caso não tenha no programa, falar de racismo religioso, perfeito nisso. O Brasil tem um projeto de racismo religioso e isso encaixou muito bem na comunidade evangélica, que é discriminar tudo aquilo que vem da África, vem do continente africano. Se você toca um louvor com instrumentos europeus, ele é visto de uma forma. Você toca com instrumentos africanos, ele é visto de outra forma. Tem igreja que proíbe você usar um derbach, você usar o mandarbur, se usar um atabaque, tem igreja que proíbe isso. Acha que o instrumento é ligado ao demônio, isso é racismo religioso. Se não tiver um programa assim, eu acho que seria uma ótima - **homem, 32 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista Jardim Felicidade, preto, motorista de app, eleitor de Lula**

Finalizando e o racismo já vem há anos de uma coisa que substituiu o racismo é a homofobia. Hoje, se você olhar para o outro já é homofóbico, para ninguém dá valor para o racismo, então, é, aparece outras coisas e sempre o racismo vai ficando de lado. Não está na hora disso acabar. Depois você tem que saber o que que você fala, e muitas próprias pessoas negras é racista e eu tenho amigos meus que falei: “eu não gosto de namorar mulher negra”, que ele namorava, que ele mesmo falou dele, gente, ele é branco – **homem, 41 anos, de Belo**

## **Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, branco, vigilante, eleitor de Bolsonaro**

“ Ontem, eu estava trabalhando na UFMG, e eu pude ver isso. A pessoa chefe do prédio onde fui, ela própria é negra, eu sou negra, né? Se tons de negros diferentes, mas eu também sou negra, né? Assim, eu estava querendo falar com uma outra pessoa, também de um outro tom negro, com autor e como autoridade, sabe? que eu fiquei sem entender, gente. Da vontade de pegar a pessoa esfregar... Gente, que que está acontecendo? Tipo assim, por ela ser negra, ela tem um pouco de poder, ela se acha melhor que a outra? Ah, não, é amiga dela, é irmã dela, inclusive de pele, né? Gente, é um absurdo isso, né? Em 2023, pleno final de 2023. A gente tá vendo isso. Arrogância da pessoa para começar, eu estava com a minha irmã, eu já desconheço ninguém mais racista, se é o branco ou se é o próprio negro? Não é, tipo assim, o negro está num lugar, ele tem que estar lá porque ele é negro. Eu não acho que tem que estar, porque ele é negro, tem que estar por merecimento. Não porque é negro, né? Porque, às vezes, é a favor, ou, às vezes, é contra ele mesmo. Então acho isso ontem foi pior dia pro meu amigo, a gente assistiu essa cena ridícula – **mulher, 51 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Quadrangular do Reino de Deus, parda, cabelereira, anulou o voto**

Porque eu acho que, pra falar de negro no Brasil, eu acho que a gente tem que falar com um tanto de coisa antes. Aí, depois que tiver todo mundo equiparado, agora vamos falar de mérito. É, vamos achar o que que vão ver, o que que é mérito, mérito de um, que que é mérito, mérito de outro. Tem um monte de coisa que foi atropelada e já estão falando de mérito, já estão falando de mérito. O racismo funciona na cabeça de todo mundo, né? Não só do branco, também do negro, e se você é parada na fila de um banco, ou então numa catraca giratória e tal, não é só com você que está funcionando, mas não está funcionando naquele sistema de todo, está funcionando na cabeça de segurança, na cabeça do gerente, um pouco na moça que está ali limpando o chão, que tá fazendo o trabalho dele, funcionou na cabeça de todo mundo racismo, um projeto que foi instaurado, um projeto que é... - **homem, 32 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista Jardim Felicidade, preto, motorista de app, eleitor de Lula**

Que tem que acabar, né? – **homem, 30 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista, branco, supervisor de frotas, anulou o voto**

Que tem que acabar – **homem, 32 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista Jardim Felicidade, preto, motorista de app, eleitor de Lula**

Tem que ser exterminado – **homem, 33 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Adventista do 7º Dia, branco, analista de sistemas, anulou o voto**

A gente não pode pôr o carro na frente dos bois, velho tem um monte de coisa, muita coisa ainda – **homem, 32 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Batista Jardim Felicidade, preto, motorista de app, eleitor de Lula**

Cara, não me vejo, igual eles colocaram nessa questão de, das cotas igual, iniciou falando. Eu acho que foi um ponto que foi bacana pra mim, que a princípio eu estava meio assim, meio aéreo na hora que eu comecei a ouvir, mas na hora que começou, que começou a

desenrolar, a desenvolver o assunto, o tema, achei extremamente interessante. Falando sobre negros, igual ele colocou também, hoje a homofobia praticamente você não pode falar nada com ninguém, hoje em dia, o que você fala é levado ao pé da letra, e então assim, você fala brincando até com um amigo seu, brincando com um amigo meu na rua fala: “preto, beleza?” Dependendo de quem ouve aquilo ali, isso vira um alarde, né? Então hoje tá muito assim. Então, assim, é bom talvez meio que equiparar todos esses pontos e começar a distribuir de acordo com o que deveria ser feito mesmo. Então, assim, são pontos para serem abordados e podem ser abordados e que, assim, são temas que vai sempre engajar a sociedade como um todo, então, se acreditando nisso também – **homem, 33 anos, de Belo Horizonte, da Igreja Adventista do 7º Dia, branco, analista de sistemas, anulou o voto**

Em Porto Alegre, por sua vez, o bloco sobre política e economia gerou uma dinâmica de testemunhos pessoais sobre racismo, motivados pelas percepções que o governo Bolsonaro despertou em alguns dos participantes. Também nesse caso é importante reproduzir na íntegra a conversa:

Eu só quero colocar uma coisa, desculpa interromper, é que agora ele falou em 2018, né? Comentei anteriormente que quem me apresentou à igreja foi as minhas filhas. E minhas filhas hoje elas têm idade de 11 e 13 anos. Em 2018, elas tinham 8, 9 anos as duas. E, elas já frequentavam escolinhas e tudo mais. E quando começou essa e sempre deixei elas assistirem televisão e enfim você, né? Tentar aproximá-las mais do que está acontecendo no mundo. É em 2018, é, nós, por também enfrentando uma questão da cor e do racismo, e das cotas e tal, a minha filha mais velha, quando aconteceu a eleição, né. Quando ele, Bolsonaro, se elegeu, ela chegou para mim e me perguntou o que que seria de nós no outro dia. Na cabeça dela, era no outro dia, né? “Mas como assim?” “Ah, mesmo eu e a minha irmã indo na igreja, a gente é preta, que que vai acontecer, que nós no outro dia, será que eu vou sair pra rua e vou morrer, sabe?” Então é, entende? E aí, como é que como tu, mãe de 2 meninas, mas 2 meninas pretas. Elas perguntaram e jogam pra ti, como é que elas vão sair pra rua no outro dia porque elas são negras, né? Aquela gestão lá foi muito naquela questão do Deus, pátria e família. Beleza, tá aí o resto. Tu é preto, tu é cristão, mas tu pensou nesse lado? – **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

Por favor, deixa eu compartilhar uma coisa. você está falando de racismo né? Minha família é italiana. Fui casada 15 anos, bem casada, com uma pessoa aí que é herdeiro de uma marca grande, que é o pai da minha filha. Minha filha tem 24 anos. Me separei dele e casei com um negão. Pro desgosto do meu pai, gente, o meu pai tinha pavor do meu marido, de não ir a minha casa, sabe? foi a primeira coisa que meu pai falou para mim: “tu não vai me inventar, neto preto, né?” Foi a primeira coisa que o meu pai me falou – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

E ainda existe isso – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

E isso dói, quando dói – **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

“ “ Dói na frente, assim, ó na família do meu esposo os nossos filhos, né? Então, tipo, então, gente, o preconceito é muito grande, sabe? – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

E esse governo tinha muito disso – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

” ” E meu pai teve a cara de pau de ir a minha casa e lançar essa na minha cara – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

E eu fiquei contra negros, essa questão de invadir casa que o colega estava falando. E onde que está a igreja? Ela vai lá e alimenta o morador de rua, ela ajuda o cara que está ali, tá? Mas e o irmão daí de cor? Onde ficou essas coisas e a igreja? Se ela se posiciona eu pergunto, eu questiono muito, sou muito questionador, e a igreja, ela, ela vai, ela toma posição a isso contra o racismo, mostrar que tem pastores negros, que têm irmãos, que são pretos, cadê, entendeu? Cadê o posicionamento da igreja que estava bem posicionada nessa época? Que não se posicionou, pelo contrário, a coisa ficou pior – **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

Hein, imagina meu pai crente da vida toda. Pastor, né, pregador – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

Fiel a Deus, mas... – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

De pregar no púlpito – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

E chegar e falar um troço desse – **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

Falou e fez sim, meu casamento foi um verdadeiro inferno, por causa dessa questão, que meu pai era preconceituoso, né – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

Ele pulou a página ali, então amar o próximo como Deus amou a igreja – **homem, 40 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, pintor automotivo, eleitor de Lula**

Ah pra isso é uma esmolinha – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

Ele é o próximo – **homem, 40 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, pintor automotivo, eleitor de Lula**

E quando acabou o meu casamento ele foi falar. Infelizmente, infelizmente, depois de 8 anos, acabou – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

Mas teve alguma das falas, parece, que ele andou falando que o desgosto dele seria se algum dos filhos dele casasse com uma negra, né? – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

Estou dizendo gurias o que vivenciei na carne. Ele não precisava de falar isso, muito ruim. E eu dizia para ele: “olha pai como é que tu consegue subir num púlpito e falar?” – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

Acho que é a única coisa assim que a igreja em si, né? Porque também falando em que nenhum de 50% da população brasileira é preta, mas a mais de 50% dá para população brasileira é cristã e a igreja, ela não movimenta nenhuma área sobre isso - **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

Não, mas a gente fica com tanta crença limitante, o que meu pai falou pra mim, me doeu, me bateu tanto que eu tinha medo de engravidar. Não que eu não quisesse, mas eu tinha, de tanto que aquilo me doeu, assim, da maneira como ele me trouxe - **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

Da rejeição - **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Encontros da Fé, preta, técnica de enfermagem, eleitora de Lula**

Exatamente, minha filha é o xodó do meu pai, entendeu? Porque eu sou filha única dele, a Ingrid tem assim, ó, tudo o que abelinha quiser, meu marido estragou a ela, mas eu imaginava assim, está aí no meu segundo filho. Vai ser rejeitado, um foi tão amado e o outro vai ser rejeitado, né? E sei lá, a gente não teve, não foi da vontade de Deus. Uma época até pensamos, quis ter um segundo filho, não sei, mas eu tinha muito medo - **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**

De um tempo para cá, eu notei que essa questão racial parece que ela tá mais aflorada, era para ter diminuído, até mesmo se extinguido, não. Parece que pegou uma força assim e parece que um pessoal está todo mundo louco e o negócio está pior ainda. Parece que está voltando uma coisa que era para ser extinta, e de uma hora para outra, começou a voltar. Eu acho que, infelizmente, a mídia ainda ela sabe jogar, o que eles querem, o que determinam. A questão é muito uma questão mesmo, talvez dos mais ricos, talvez, nesse ponto de vista, tenha alguma coisa ainda por trás ainda, que estão tentando entender. Não sei se é a questão, talvez só, não é só a questão racial, porque tem algo, é difícil até mesmo de explicar, mas eu fico matutando em casa tentando entender, qual o sentido disso, tem tanta coisa que é liberada, independente do gênero de qualquer pessoa, não - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Shekinah, pardo, confeiteiro, eleitor de Bolsonaro**

Às vezes o racial e a questão econômica é da pessoa ali, financeira, social - **homem, 40 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, pintor automotivo, eleitor de Lula**

Mas só pra vocês, não estou generalizando, não estou me colocando em posição nenhuma. Antigamente era extremamente horrível ver uma pessoa homossexual. Independente de qual sexo, masculino, meu Deus, a pessoa se escondia. Depois de um certo tempo, começaram a liberar os casais gays, agora atualmente tem as meninas, no caso, e antes era extremamente feio e foi tanto a implementaram várias leis, até de proteção contra isso, contra o homossexualismo, e as certas coisas do tipo, homofobia. E, anteriormente, já tinha algumas leis em questão racial. E por que que esses pesos não são tão considerados? Hoje, ele tem homofobia e o pessoal, por mais que não goste, ela não fala nada. O pessoal não fala nada, fica tranquilo. Já o racismo não, eles vão lá escrachados, sabendo que tem uma lei também, e uma parece que não é válido essa lei - **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Shekinah, pardo, confeiteiro, eleitor de Bolsonaro**

Racismo é crime, é um crime inafiançável e imprescindível, né? E mesmo assim... – **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

Parece que sim, e aumenta cada vez mais, por isso que eu digo que a mídia coloca alguma coisa, é claro que a gente sabe que o nosso mundo está à beira, praticamente, da extinção. Vai chegar a um ponto que a gente não vai ter comida, não vai ter nada. Já notei várias coisas, até muito tempo atrás vieram uns filmes. Hollywood, eles adotavam algumas práticas, algumas coisas de indução, como qualquer empresa, né? Tanto que era o do cigarro, ninguém fumava. Eles começaram a adaptar aquilo nos filmes que era bonito, que era charmoso. As mulheres fumando, e todo mundo começou a fumar, está aí tantas doenças como de pulmão, de câncer, em função disso. E eu notei também que, de um tempo para cá, Estados Unidos começou a implementar essas liberações nos filmes, tanto de uso de tóxicos ou até mesmo essa questão mais liberal, menina com menina, menina com menina em todos os filmes, teve uma vez que eu botei para o meu filho um filme, desenho da Disney e que era, não vou citar nomes, desenho da Disney. Era um menino que se perdia na floresta junto com o dinossauro, e daí ele estava louco de fome, e daí ele viu uma coisinha num tipo, um cogumelo, e ele comeu e o bichinho comeram, e começaram a ficar louco, louco, louco, louco e cara, acho que ficaram um minuto mostrando aquela loucura, eles voando, dando risada, como se fosse uma coisa comum. Para tentar implementar desde pequeno que se usar droga, mas é normal, toda uma estrutura. Olha, então, eu acho que é isso. Eu acho que é uma questão, da própria... Então, esse sistema de uma rede de TV, alguma coisa do tipo, assim, da imprensa – **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Shekinah, pardo, confeiteiro, eleitor de Bolsonaro**

Ainda na capital gaúcha, esse momento fértil de testemunhos e conversas sobre o racismo havia sido precedido por respostas que enfatizaram a importância da questão racial, quando foram questionados sobre o que eles tinham achado do Papo de Crente:

A cota também ali, sobre as cotas ali também, é interessante o assunto. Gostei do assunto ali falando. Um ponto que eu gostei ali, que ele falou, foi sobre um dos policiais foram entrar... Eu acho interessante aquilo ali. Os policiais foram entrar na casa de um, pediram licença para um senhor branco para entrar na casa dele, para revistar a casa e do lado da casa dele era um casal cristão negros, os policiais chegaram a pedalar a porta, entraram, bateram nas filhas deles, foi isso que estava no podcast, bateram nas filhas e desrespeitaram ele e a mulher dele. A gente vê que ainda tem isso aí no nosso dia a dia de hoje, né? Eu achava que isso aí seria em outros países, não tanto assim no Brasil, como escutei ali, entendeu? Que a respeito de cotas de faculdade, tu tem que ter o negro, pode ser com 20, 30%, mas, por quê? Eu não sei porquê disso, se o branco não tem direito com o branco também? Eu, a cota, eu sou meio desfavor de alguns lugares do que do outro. Eu, falando meu pensamento, entendeu, a respeito de cotas. Depois a gente aborda mais isso aí - **homem, 40 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, pardo, pintor automotivo, eleitor de Lula**

Na realidade, essa reparação histórica realmente é uma coisinha de nada em comparação ao que todo o povo negro sofreu. Só que foi um termo, só que outros meios de comunicação,

eles não querem falar disso. Isso que as pessoas se tornam leigo sobre o assunto. Eles falam sutilmente: “ah, nova lei de cotas para negros”. Deu, terminou, a partir do momento, entende todo o significado dessa lei de cotas. Daí sim, ainda começa a fazer sentido, mas tanto os outros meses, ok? Eles não querem que dizer que as pessoas até então eles não estão nem aí, se vai passar ou não. E isso o programa ele se aprofundou, explicou. É a mesma coisa eu ter dois filhos e eu escolher um, esse meu filho aqui eu vou dar tudo para ele, eu vou pagar a faculdade, dar um carro, dar um... Pois vou dar tudo de melhor para ele durante dois anos, eu vou deixar, vou dar tudo de melhor para ele. E o outro filho, no caso, durante dois anos, eu não vou dar nada, e daí tem essa distinção. Ah, daí passou esses dois anos. Só um exemplo para vocês entenderem, depois de dois anos, eu começo a dar tudo para esse aqui, esse que nunca teve nada. Automaticamente vai ter essa diferença, a outra pessoa que recebeu tudo antes ela vai estar melhor de vida, vai ter mais acesso a várias coisas. Eu não digo que essa outra pessoa não vai ter, mas vai demorar esse tempo. Então, essa reparação é mais ou menos assim, a pessoa vai dizer tudo, digamos, para os brancos e agora, eles querem que os negros também ter direito, só que é uma distância muito grande, até se equipararem. Mais ou menos isso, mas é bem bacana, mas eu acho muito legal mesmo – **homem, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Evangélica Shekinah, pardo, confeiteiro, eleitor de Bolsonaro**

e o segundo, para mim foi o mais forte também, foi um choque de realidade, porque eu sempre pensava isso: “ah, mas porque essas cotas? Por que é que existia isso na Universidade? Quer dizer que mesmo se o meu filho for branco, for inteligente, ele não pode entrar por causa das cotas?” E aí, eu passando a escutar, que não é questão de biologia. Aí, aquilo ali foi bem impactante para mim. Foi bem assim, foi algo que abriu meus olhos de outra dimensão que eu não entendia muito bem, eu sempre julgava isso. “Ah, por que é que eles pode? Nós não, né?” Então, foi bem impactante mesmo. Eu achei que foi muito bom - **mulher, 41 anos, de Porto Alegre, da Igreja Assembleia de Deus, branca, design gráfica, eleitora de Bolsonaro**

Achei bem relevante as cotas, outro assunto bastante discutido, que tem toda uma história por trás disso, né? O porquê que tem as cotas e porquê que eles têm todos, todos têm essas cotas, têm direitos, né? Enfim, então não achei bem, bem legal. Mesmo assim, bem impactante - **mulher, 30 anos, de Porto Alegre, da Igreja Palavra Viva Church, branca, supervisora administrativa, eleitora de Bolsonaro**

As pessoas, às vezes, elas criticam o sistema de cotas por não entender que é uma reparação histórica. Então, ali, ele trouxe muito bem a parte bíblica ali, né? Quando os hebreus estavam saindo de Israel, que eles fizeram israelitas doarem, toda a sorte de ouro de prata pra Moisés e Aarão levar, já era uma reparação. Porque o Império do Egito foi feito com sangue hebreu, ali a Bíblia já mostra pra gente que deve existir uma reparação. A segunda parte que me chamou a atenção, eu acho que deu estalo nela, que foi quando dizem que a gente é igual só biologicamente. Que se for olhar para nós, assim, tem uma diferença muito grande, né? O preto, ele é marginalizado, né? E que existe o privilégio branco que ninguém fala, não é? Então, no podcast, eles trouxeram muito bem. Eles trouxeram de uma maneira, assim, muito boa e foi o que mais me chamou a atenção – **mulher, 37 anos, de Porto Alegre, da Igreja Lagoinha, branca, analista de RH, eleitora de Lula**



Essa questão das cotas e de reparação histórica deveria ser estudado desde a primeira infância, ali quando a criança já entra pra escola, pra hoje, o nosso futuro, as nossas crianças serem mais conscientes e terem mais essa consciência que, por exemplo, a irmã ali, como é que o teu nome? – **mulher, 36 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Bolsonaro**

eu moro numa comunidade, moro numa vila e lá acontece muito isso aí, acontece muito. A polícia chegar e pegar algum preto ali e ele ser culpado, seu vizinho – **homem, 46 anos, de Porto Alegre, da Igreja Universal do Reino de Deus, branco, ajudante geral, anulou o voto**

Em São Paulo, a questão racial apareceu quando os participantes foram perguntados sobre o que mais gostaram do programa:

“ Eu gostei porque traz as coisas do fato que está acontecendo e o que ele falou das cotas, né? Eu terminei a faculdade, fiquei três anos pagando uma promoção porque, infelizmente, nas empresas têm essas coisas, mas eles dão mais promoção para quem tem a pele mais clarinha, essas coisas. Aí, fala que não tem as cotas nas universidades e tal, mas é meio entre aspas, porque as empresas ainda estão muito quadradas em questão a isso - **homem, 31 anos, de São Paulo, da Igreja Sara Nossa Terra, pardo, gestor de manutenção, eleitor de Bolsonaro**

” E foi aberto mesmo falando absolutamente da cor da pele, nós somos todos iguais, mas nós não somos iguais. Ainda há uma diferença ainda ali, ainda há uma diferença, né? Ainda tem uma diferença ainda no meio social, né? Onde o preto e o branco, o branco tem mais vez que um preto, né? – **homem, 43 anos, de São Paulo, da Igreja Caminhando com Jesus, preto, pedreiro, anulou o voto**

O programa é incrível, né? Então, teve aquele Papo de Crente sobre cotas, eu mandei para o grupo da minha faculdade, onde eu estudei. É uma faculdade voltada ao público negro, que é a UniPalmares. Então, eles acharam superinteressante. Mas quando eles olharam o tema Papo de Crente, eles já falaram tipo: “ah, lá vem a chata”, sabe? Então eles acabam não abrindo, não lendo, justamente porque tem um Papo de Crente. e então, é só essa fraseologia que acaba por dizer: “ah, nem vou abrir” - **mulher, 37 anos, de São Paulo, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, preta, auxiliar de administração, eleitora de Lula**

São Luís foi a cidade em que a questão racial menos apareceu, apenas duas fala destacaram o tema quando os participantes foram perguntados sobre o que mais gostaram no programa. Uma é particularmente interessante, porque foi a mãe cujo relato sobre o filho nós já trouxemos na seção sobre o Papo de Crente, que o programa a ajudou a se aproximar do filho:

Sobre a questão das cotas, esse resgate, dessa dívida que o estado brasileiro tem com os negros, né? Que tem 400 anos. Isso de fato, foi bem abordado, né? Foi base. Uma base bíblica para explicar. A gente sabe que a questão da base bíblica, sim, pegar um versículo isolado e dizer que aquilo que está referenciado sobre a questão da cota já é meio complicado a gente ter em mente isso, né? É, mas é interessante, né? Por que você vê esse despertar relacionado

com causas, com ações nacionais, né? Que estão no envolve aí. Apesar de a lei da cota ser de 2012, né? Mas ainda se tem muita discussão sobre isso, né? Se você perguntar pra alguém: “aí, tu é a favor, ou contra mesmo, cara?” Sendo um negro, ele é contra... e então, pode despertar muito interesse, né? Até mesmo a questão que a moça falou. Sensibilização. Mas eu vou logo... É conscientização, mas eu sou a favor de um termo já de sensibilizar, né? Não conscientizar, sensibilizar é mais importante, né? – **homem, 38 anos, de São Luiz, da Igreja Assembleia de Deus, preto, professor, anulou o voto**

Eu inclusive até quis que ele participasse desse debate, mas não podia ter pessoas conhecidas, né? Ele falou muita coisa, era tão interessante as pessoas ouvirem ele falando, principalmente sobre reparação histórica e cotas, né? Ele:” mãe, eu vou explicar pra senhora”. E ele falou tudo – **mulher, 49 anos, de São Luiz, da Igreja Universal do Reino de Deus, preta, vendedora, eleitora de Lula**

Passamos agora às considerações finais, nas quais faremos apontamentos não apenas sobre esta pesquisa, mas também sobre a necessidade de continuar essas investigações com as evangélicas e evangélicos do Brasil, com o objetivo de fortalecer a relação desse importante segmento com os valores dos direitos e da cidadania e com as instituições que formam a nossa democracia.

# Considerações Finais

O problema fundamental que não apenas orientou essa pesquisa, mas que organiza a própria atuação da Frente de Evangélicos pelo Estado Democrático de Direito e a produção do programa Papo de Crente, é a construção de uma convergência entre a democracia e os direitos e o trânsito religioso que vem ocorrendo no Brasil, no qual as pessoas evangélicas somam 1/3 da população brasileira. Tal segmento vem sendo majoritariamente representado por lideranças de direita e extrema direita que defendem não um Estado Democrático de Direito, mas um arranjo político e institucional conservador e fundamentalista.

Diante disso, a esquerda vem enfrentando enormes dificuldades em estabelecer uma relação mais orgânica com o segmento evangélico. Há, com uma enorme frequência, um profundo desconhecimento da pluralidade que caracteriza um contingente tão grande de pessoas. Como consequência disso, o que se vê é a cristalização de um conjunto de preconceitos que termina por rechaçar, a priori, como legítimas, as percepções, valores e comportamentos políticos de milhares de crentes país a fora, taxadas de modo rasteiro como “fundamentalistas”, ou “bolsonaristas”, ou “massa de manobra”.

Este relatório pretende contribuir para superar essa dinâmica em que o desconhecimento leva ao preconceito e interdita as possibilidades de diálogo. Estas existem e vêm sendo cultivadas, de um modo descontínuo e ainda não elaborado, por experiências virtuosas levadas a cabo pelos movimentos sociais que lidam com o povo pobre, como é o caso do MST, do MTST e de centenas de redes e articulações coletivas nas periferias brasileiras; por um vasto tecido de organizações não governamentais e núcleos de pesquisa acadêmicos; e por incontáveis lideranças evangélicas no seu cotidiano de vida e de fé.

A primeira conclusão que apresentamos é que a maioria das e dos crentes no Brasil experienciam sua fé de um modo diverso e livre, distante de qualquer prática que possa ser caracterizada como fundamentalista. Essas pessoas trabalham, se divertem, gastam tempo com sua família e, também, vão aos cultos e participam de outras atividades em suas igrejas, quando o tempo e as condições de vida lhes permite.

Grande parte das evangélicas e evangélicos brasileiros organiza sua vida não apenas pela identidade religiosa, sendo esta parte de um todo mais amplo. Isso é fundamental para entendermos melhor o que seria o chamado “voto evangélico”, que tanta preocupação vem gerando para a esquerda em nosso país. Ora, as pessoas são evangélicas, e, também, são homens e mulheres, pessoas negras e moradoras de periferias e subúrbios, trabalhadoras formais e trabalhadores sem direitos, jovens e idosos, e por aí vai. São pessoas que pensam e refletem sobre as suas condições de vida e da sua família e sua decisão de voto é atravessada por múltiplas questões, entre as quais, os valores da religião.

Essa dimensão da reflexividade e do protagonismo dessas pessoas sobre suas próprias vidas ficou muito evidenciada no bloco de política e economia do nosso roteiro de perguntas, com o qual apresentamos nossa segunda conclusão. Nesta temática, é preciso reforçar que, em todos os grupos focais, a maioria dos participantes foi composta por pessoas que não votaram em Lula para presidente em 2022, o que garantiu que nossa pesquisa reproduzisse o resultado eleitoral, no qual é reconhecido que a maioria dos evangélicos rejeitou o atual presidente nas urnas. A tabela abaixo detalha esse dado:

| Cidade/Em quem votou  | Lula     | Bolsonaro | Anulou   |
|-----------------------|----------|-----------|----------|
| <b>Maricá</b>         | <b>2</b> | <b>4</b>  | <b>2</b> |
| <b>Salvador</b>       | <b>4</b> | <b>4</b>  | <b>2</b> |
| <b>Belo Horizonte</b> | <b>2</b> | <b>4</b>  | <b>4</b> |
| <b>Porto Alegre</b>   | <b>3</b> | <b>6</b>  | <b>1</b> |
| <b>São Paulo</b>      | <b>3</b> | <b>5</b>  | <b>2</b> |
| <b>São Luiz</b>       | <b>3</b> | <b>5</b>  | <b>2</b> |

As pessoas entrevistadas, das mais diversas denominações, rejeitam com força os processos de captura política da religião que caracterizam a ação da extrema-direita bolsonarista nos últimos anos. O que vimos é que, com raríssimas exceções, as e os crentes manifestaram repulsa ao modo como algumas lideranças sequestraram os templos religiosos para impor o voto e demonstraram não se guiar prioritariamente pela liderança religiosa, embora admitissem alguma influência dos pastores em suas vidas.

Essa postura crítica ao bolsonarismo não implica em adesão à esquerda e ao governo Lula. Antes, é preciso reforçar que os grupos focais foram realizados nos últimos meses de 2023. Os resultados aqui apresentados refletem um sentimento daquele período, o qual já pode ter sido alterado, e nossa intuição de pesquisa indica que isso está ocorrendo de modo favorável ao governo Lula nesse primeiro semestre de 2024.

De todo modo, naquele final do primeiro ano do terceiro mandato do atual presidente, quando perguntadas se a vida estava melhor com Lula do que era com Bolsonaro, a maioria admitiu que o poder de compra aumentou, mas hesitaram em reconhecer isso como um mérito do governo. Se, por um lado, não vimos uma defesa aberta do ex-presidente, salvo um ou outro bolsonarista mais radical em cada grupo, por outro, ainda pesava uma enorme desconfiança sobre Lula e sobre a esquerda.

É aqui que a importância do programa Papo de Crente fica mais evidente. A aceitação do conteúdo e da forma do programa foi geral, praticamente unânime em todos os grupos focais. A desconfiança que as pessoas entrevistadas apresentaram sobre a esquerda simplesmente desaparecia quando escutavam o programa. Praticamente 100% dos participantes reconheceu que o conteúdo do Papo de Crente é político e entendeu isso como um dado positivo, que tanto os ajudava a serem pessoas melhores, com mais informação e senso crítico, quanto auxiliava em sua caminhada cristã, uma vez que o conteúdo sobre os temas atuais é trabalhado em convergência com uma leitura da Bíblia e com os valores cristãos. Quase todas as e os crentes que ouvimos declararam querer mais edições do programa por semana e que ele circulasse em meios digitais, para aumentar a capacidade de difusão.

Em suma, a metodologia utilizada pela Frente de Evangélicos pelo Estado Democrático de Direito na produção do programa Papo de Crente demonstrou ter um enorme potencial não apenas de levar um conteúdo de esquerda para as pessoas evangélicas, mas, principalmente, de fertilizar o terreno

da democracia a partir dos valores cristãos. Isso significa produzir um diálogo que de fato pode gerar novas formas de representação desse segmento da política institucional brasileira.

Esperamos que este relatório seja só um primeiro de muitos documentos que pretendemos produzir sobre o impacto de ações do Papo de Crente na cultura democrática brasileira em geral e evangélica em particular. O programa continuará sendo veiculado em rádios de todo o país e ganhará, em 2024, uma estratégia digital cujos resultados precisarão ser acompanhados, ainda que o sucesso atual não nos deixe dúvida de que o Papo de Crente 2.0 também terá êxito.

# Ficha Técnica

## | **Josué Medeiros**

Cientista político e professor da UFRJ. Coordenador do Observatório Político e Eleitoral (OPEL) e do Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira (NUDEB). Pesquisador do Perifalab. Pesquisa a política brasileira contemporânea desde 2011, com foco em partidos, eleições e na relação entre as instituições e sociedade civil organizada.

## | **Fernanda Pinheiro da Fonseca**

Mestranda em Ciências Sociais pela UFRRJ, jornalista e roteirista do Programa Papo de Crente. Coordenadora da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, especialista em Planejamento de Mídias Sociais.

## | **Nilza Valeria Zacarias**

Coordenadora da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, produtora executiva do Programa Papo de Crente, jornalista especializada em comunicação para o desenvolvimento comunitário e direitos (Agência Andi/USP). Desde 2003 trabalha com evangélicos e garantia de direitos.

## | **Danilo Ferreira Gomes**

Bacharel em Teologia, licenciado em Letras Vernáculas, mestre em Literatura e Cultura, doutorando em Literatura e Cultura pela UFBA.



# **Anexo: metodologia e perfil da amostra**

Este relatório é baseado em pesquisa qualitativa de grupos focais, que expôs os participantes – pessoas evangélicas de seis cidades, a saber, Maricá, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo e São Luiz – a um roteiro de perguntas previamente definido, a partir de debate realizado entre a coordenação da Frente de Evangélicos pelo Estado Democrático de Direito e a equipe do Observatório Político e Eleitoral (OPEL), com o objetivo de entender melhor suas percepções, preferências, valores e comportamentos políticos das e dos crentes em nosso país.

O desenho do projeto levou em consideração tanto a experiência da Frente de Evangélicos pelo Estado Democrático de Direito, quanto os dados de pesquisas anteriores realizadas pelo OPEL, especialmente o Monitoramento Eleitoral de 2020 e 2022, que acompanhamos desde a pré-campanha até os resultados das últimas eleições nacionais e municipais. Também foram levados em conta micro dados da PNAD Contínua, considerando o peso de cada um dos setores no mercado de trabalho.

Ainda que a pesquisa seja baseada em metodologia qualitativa, que não busca uma amostra representativa em termos estatísticos, o desenho dos grupos focais levou em conta a proporcionalidade do universo estudado em termos de gênero, raça, religião e distribuição geográfica

Integraram os grupos focais mulheres e homens moradores das cidades citadas, todas e todos votantes, reproduzindo a proporcionalidade eleitoral de votos em Lula e Bolsonaro verificada em 2022 no segmento evangélico. Além disso, o recrutamento foi feito entre pessoas com renda familiar de três a dez salários-mínimos, com paridade de raça e gênero.

Antes da ida a campo, os moderadores, com formação acadêmica e experiência de pesquisa prévia em eleições e questões raciais, se familiarizaram com objetivos gerais da pesquisa, bem como com seu embasamento teórico-metodológico. Durante a realização dos grupos focais, os moderadores, quando julgavam necessário, reformularam as questões com base nas respostas e reações dos participantes da pesquisa.

O roteiro de pesquisa que guiou os grupos focais incluiu os seguintes tópicos:

- Cotidiano das pessoas nas igrejas
- Como as pessoas experienciam sua fé
- Opinião sobre o Programa Papo de Crente
- Percepção sobre política e economia em 2023

Com o consentimento dos participantes, as imagens e áudios dos grupos focais foram captadas e devidamente arquivadas para análise posterior. O Observatório Político e Eleitoral (OPEL) se comprometeu a garantir o anonimato dos participantes, sendo permitida apenas a divulgação das características que fazem o perfil de cada pessoa (gênero, idade, cidade, qual igreja, raça, profissão e voto na última eleição).

- Método: Qualitativo via Grupos Focais (GF)

- Perfil da amostra
- Mulheres e homens
- Faixa etária de 18 a 60 anos
- Brancos, pretos e pardos
- De 3 a 10 salários-mínimos de renda familiar
- População votante dos municípios Maricá, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo e São Luiz
- Mix de posicionamentos políticos.
- Período de realização dos grupos focais: entre 01 de outubro e 15 de dezembro de 2023.

